

O DIVINO E O MUNDO

Eu + Divindade = Divindade = Eterno & Infinito
ele (ego) - mundo = mundo = passageiro & ilusório

- textos compilados –

DORIEL VELOSO GOUVEIA

Todos os direitos cedidos pelo autor ao Projeto Subindo o Monte.

Proibida a reprodução total ou parcial da obra sem autorização.

Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais (EDA) da Fundação Biblioteca Nacional sob o número 497.530, Livro 941, folha 173

O DIVINO E O MUNDO

Eu + Divindade = Divindade = Eterno & Infinito
ele (ego) - mundo = mundo = passageiro & ilusório
- textos compilados -

Doriel Veloso Gouveia

João Pessoa
2010

Capa:
Contraste - Luz & trevas
Kleber Rocha

Edição Eletrônica: *Normando Barbosa de Souza Júnior*

Gouveia, Doriel Veloso.

O Divino e o Mundo

Eu + Divindade = Divindade = Eterno & Infinito

ego (ele) - mundo = mundo = ilusório & passageiro/

Doriel Veloso Gouveia

- João Pessoa – 2010

271pgs..

1. Espiritualidade. 2. Espiritualismo filosófico.

Impresso no Brasil

Dedicatórias:

A todos aqueles que, diante de uma oportunidade, somente consentiram conquistá-la, porque não seria um sacrifício para si nem para o próximo.

Aos verdadeiros homens de Deus - aqueles que, tolerantes, aceitam, plenamente, sem hipocrisias, qualquer crítica, cuidando, sempre, de se desviarem de comodismos institucionais, para que se não transmudem nem nos coitados nem nos protegidos deles...

Ao amigo Germano Carvalho Toscano de Brito.

À memória do meu irmão, Milton Veloso da Cruz Gouveia Filho, sangue inocentemente derramado.

Aos íntimos: minha esposa Maristela, meus filhos Doriel, Doriella e Diara, minha nora Patrícia Karla, meu genro Kleber, meus sogros Martinho e Teresinha, meus irmãos Vilma, Douglas, Suely e Lígia e também aos meus pais Milton e Adeliata (in memoriam)

Este livro não é seu, no sentido de tê-lo em sua casa numa prateleira de sua biblioteca; você é que é tido(a) como pessoa especial, para, após a oportunidade de tê-lo em suas mãos por meio de uma doação a uma entidade filantrópica, fazer-lhe a leitura e, logo em seguida, repassá-lo a quem se dispuser a fazer a doação tal como você fez, escolhendo o objeto e a entidade a ser beneficiada, para também ler e repassá-lo, tudo para que assim se propague o livro e para que assim as doações aconteçam sempre em favor de necessitados, que somos todos e cada um de nós. Então, não quebre esta corrente; e o Céu permanecerá em festa. A doação de objetos pode ser como os de uso pessoal (roupas, sapatos, joias, novos ou usados), como os representados em alimentos não-perecíveis, como os de expressão de valor monetário em espécie ou em cheque etc., cada um em quantitativo que você estipular para uma entidade filantrópica de sua livre escolha. Após doar e ler (ou resolver não doar nem ler), faça o favor de indicar o nome da pessoa para quem você encaminhou o livro e o seu respectivo e.mail para o e.mail dorimar.dorimar@gmail.com ou mesmo devolvê-lo para o autor. É ainda importante dizer que não se deve deixar que pessoa próxima, qualquer que seja o vínculo, só por conta de uma intimidade, seja estimulada a ler este livro sem o correspondente ato de doar. Enfim, deixa-se expresso o reconhecimento quanto à precariedade, tanto da diagramação desta obra, quanto da sua impressão. Mas o importante é a mensagem que se pretende transmitir sem pretensões acadêmicas, sempre, porém, associada ao sentido do bem que se deve fazer a necessitados, nos quais todos nos devemos incluir. Caso você queira ficar com um impresso como este, em sua biblioteca, visite o site www.doriavelosogouveia.com.br, busque o arquivo correspondente e, a partir deste, numa Copiadora, peça que o imprima e o encaderne.

Diz-lhes, enfim, este livro, caro leitor, prudentíssima leitora: Quando, um dia, num momento, ainda que seja um só momento, vocês, que suas mãos me sustentam, tiverem o alcance da minha essência, com certeza essas suas mãos sentir-me-ão como uma brasa viva e, logo, vocês cuidarão de me repassar adiante, a outrem.

Explicações do autor

Resolvi fazer a compilação de vários textos de minha autoria, de modo a encaixá-los em encadeamento que retrate, enfim, o subtítulo empregado (*Eu + Divindade = Divindade = Eterno & Infinito; ego (ele) - mundo = mundo = passageiro & ilusório*), no qual deixo explícita, claramente, a concomitância dos planos transcendental e imanente; naquele, se mergulha em vastidão insondável do interior, onde o Eu se integra à Divindade, disso resultando o Eterno e o Infinito (+); neste, ao ego, se subtraem pedaços dele próprio (*ego*) e do próprio mundo, resultando dessas duas partes negativas aquilo que é passageiro e ilusório (-).

Fica, então, a grande interrogação acerca das dificuldades que conduzem as pessoas às diversas medidas de compreensão, submetidas à ação do ego (*ele*), como elemento de “*vis atractive*” por demais periculosa. Esse perigo é justamente dirigido a quem, se pretendendo livre de amarras terrenais, se entenda como “*navegante*” de rota insondável e não-sinuosa, pela razão de se achar imune à lógica da serpente do conhecimento do bem e do mal - o intelecto - , quando, em verdade, está nele plenamente atolado. Muito melhor e muito mais vantajoso, então, sem qualquer interesse de cunho pessoal, é não olvidar o imanente, como base indispensável àquilo que com maior e definitiva importância se apresenta - o transcendente.

Tal como em obra anterior, nesta também lanço mão da seguinte advertência: “*Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos.*” É que escolhi o caminho mais difícil que se pode caminhar - o da espiritualidade -, sendo necessário realçar (*para não parecer pretensioso*) que não tenho segurança quanto à exata categoria (*iniciado, iniciando, profano*) na qual eu me possa incluir, como assim qualquer outra pessoa.

Portanto, ressalta-se a humildade, em expressão igual ou, quiçá, bem maior do que a daquela na qual se manifestou, em permissão (*por amor*), a própria Divindade, humildade essa como condição necessária para adentrar os difíceis caminhos espirituais, sem com isso, mesmo assim, ficar-se imune a quedas, no lado homem-carne - bem entendido.

Dentre os textos compilados, dois se atêm a uma tribulação por que passei, com o sangue inocentemente derramado do meu irmão Milton Veloso da Cruz Gouveia Filho, para quem dedico também esta modesta obra, como homenagem póstuma.

Cumpre destacar um apêndice que deriva de outro apêndice, este constante do Evangelho de João, Capítulo 21. Busca-se, com esse texto, arrematar a compilação proposta nesta obra, de maneira que, à semelhança do citado Evangelho, se possa, também, fazê-la aberta ao “*plus*” da criação do espírito, já que, como é indubitável, não fora João, propriamente, quem o escreveu, mas, por certo, um discípulo seu.

Não é demais informar que esta obra integra o Projeto Subindo o Monte, ao qual ficam reservados os direitos de autor, integralmente.

Vale salientar, por fim, que a tentativa de crescimento espiritual que o livro pretende colimar se alia, de um lado, ao benefício que o valor das doações necessárias para a aquisição deste possa representar para uma entidade filantrópica e, de outro lado, se alia à denúncia da existência de uma vertente religiosa da violência.

Sumário

1. D...eus.....	11
2. Deus Conosco.....	15
3. A Bênção do Senhor.....	19
4. Navegar é preciso - vivendo.....	21
5. Noli me tangere.....	27
6. O (meu) Salmo 23.....	31
7. “Inofendível”.....	33
8. Cristo.....	35
9. Espiritismo.....	41
10. ... é preciso que ele cresça.....	45
11. Vida em abundância.....	49
12. O verdadeiro amor.....	53
13. Um semeia outro ceifa.....	59
14. Irrepreensível pedra.....	63
15. Tu és Pedro.....	69
16. Morte vicária, não.....	73
17. Vade retro, satanás.....	79
18. Virgem Divindade Virgem.....	83
19. A Milton.....	87
20. Sem perda.....	89
21. Tarde e manhã.....	93
22. “Como se” fosse uma brincadeira.....	97
23. Entretanto(s).....	101
24. Descia.....	103
25. Salmo 139 - Hino ao Deus Onisciente.....	109
26. Verbo mãe verbo.....	115
27. Síntese de Jesus de Nazaré.....	119
28. Sem querer ser pretensioso.....	123
29. Verecúndia.....	127
30. O trágico fim de um Jesus inconformado.....	131
31. Tragédia de um trágico símbolo.....	189
32. A Verdadeira Ordem?.....	193

33. S.A.F.B.....	199
34. Já feito.....	207
35. O exemplo de si mesmo.....	211
36. Edificando.....	215
37. “Dito indizível” traduzido... e vivido.....	219
38. O (<i>meu</i>) edifício.....	225
39. Astúcia, não!.....	229
40. Doar.....	233
41. Rio eu - não o ego.....	245
42. Ensaio sobre a vertente religiosa da violência.....	247
43. Apêndice de um apêndice.....	263

01

D...EUS

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

- Eu não morre; morre ele.
- Como é?
- Isso mesmo que ele lhe disse.
- Ele disse?
- Sim.
- Está ficando louco?
- De jeito nenhum.
- Está querendo me fazer acreditar em quê?
- Em nada.
- Assim a conversa está ficando *sem-pé-nem-cabeça*.
- Pelo contrário, ele tem pé e cabeça; eu, não.
- Mas, quem é esse ele, afinal?
- Esse ele está falando com você.
- Mas você não é ele; é eu.
- Eu não fala, bobo!
- Agora você me ofendeu.
- Sim, ofendi o ele, o outro ele que estou vendo, que está à minha frente, nesta conversa.
- E você é esse outro ele?
- Sim, claro!
- Ora, você já disse “eu não morre” e também disse “eu não fala”. Será que vai querer dizer também “eu não se ofende?”.
- Nem é preciso dizer.
- “Eu não morre”, “eu não fala”, “eu não se ofende”... O que mais?
- Pode ser dito mais, como foram ditas tantas verdades já, porém foi ele quem as disse; não o eu. Mas

ele talvez possa, mesmo na cegueira do físico, do químico e do biológico, dizer mais do eu e sobre o eu, sem deixar de ser um grande pretensioso, um presunçoso!

- E é? E é pretensioso e presunçoso mesmo?

- É, sim!

- Que mais ele pode dizer do eu?

- Que não existe. Que não existe o eu, para ser mais preciso.

- Doido!

- Todo ele o é; todo ele é doido, seu bobo!

- Bobo, bobo, então... todo ele é bobo?

- Sim! Até que enfim lhe "*caiu a ficha*", meu caríssimo ele.

- Amigo, amigo, obrigado, muito obrigado. Mas me responda: ele pode dormir?

- Pode, sim, mas o eu, não. Eu não existe e é pronto, sempre. Por isso, nem mesmo cochila.

- Ele que ora te fala, então, sabe agora do eu!

- Pois salve o eu!

- Não por conta do ele...

- ...sim, não por conta do ele, mas por conta do maior, ou seja, do eu.

- Eu e eu chegam, pois, a... eus... e, enfim, a... D...eus!

- É a pura verdade. E algo está aí fazendo uma ligação muito importante. Veja o bendito "*d*"...

- É claro que esse "*d*" junta os eles do elo dos eus...

- Sim, é claro.

- D-eus!

- D-eus!

- Parabéns, ele!

- Parabéns, também, ele!

- Sim, chegamos ao ponto da conversa em que Deus sorri, pois os eles deste diálogo se serviram da

ponte do bendito “d”, de sorte que eu + eu facilitam-lhe a compreensão por parte dos eles.

- Que outros tantos eles se apercebam desta magna verdade!

- Também esse é o meu desejo: os eles são os piores inimigos do eu, mas este é o maior amigo daqueles. E o eu não prescinde dos eles.

- Sendo assim, peçamos que nossos leitores nunca se esqueçam de que são eles, os quais se não devem desperdiçar, mas devem servir como pontes, tal como os “dês” transformadores de eus em... D...eus!

02

DEUS CONOSCO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A ansiedade torturante, sob cujo constante e perpétuo impacto ainda se encontram os judeus, foi e continua sendo essa espera que não tem fim quanto ao surgimento de um representante hominal “*personificador*” de um Messias. Esse clima de espera na Judeia de Jesus de Nazaré como que dominou os personagens de seu círculo familiar e de amigos, a ponto de, espelhando-se em registro profético anterior, de Isaías, se haverem imbuído do dito segundo o qual uma virgem iria conceber e que daria um fruto que deveria se chamar Emanuel.

Nada mais enganoso.

Essa ideia de personificar o divino é, por certo, a causa que conduz à erronia em que vivem, ainda hoje, os judeus e que os cristãos, também, por ela se deixam contaminar, muito embora se encontrem em estágio de revelação muito maior do que o alcançado por aqueles.

Na verdade, longe do Deus pessoal, se deve ter em conta que o dizer profético se reportava, ao falar em virgem, à própria Divindade, pela própria força que o feminino sempre impôs no curso do tempo e que, ainda hoje, essa força se traduz pelo culto que se faz a Deusas. Sim, a virgem conceberá e dará à luz um filho... - assim está escrito no livro de Isaías. Mas essa virgem não é um ser hominal-feminino. Não é, pois, uma representante do gênero hominal, uma mulher, como assim se atribui a Maria, com todo o respeito que ela merece. A virgem outra não é senão a própria Divindade, o Não-ser que, em base racional e amorosa, quis, na sua insondável

forma de querer, que o mundo “*fosse*” e que, para tanto, em sua virginal condição, permitiu que esse “*fosse*”, traduzido no mundo, se timbrasse em filho seu, não se tratando este como algo criado, mas tanto criador quanto ela própria. Esse “*fosse*”, esse filho, esse primogênito, é o Cristo; não o Jesus telúrico, habitante da Judeia e que viveu junto aos seus naquela época de sua realidade presencial neste mundo. O Cristo, aquele acerca do qual o próprio Jesus disse aos seus contemporâneos que “*antes que Abraão fosse eu sou*”, é tanto criador quanto a Divindade e, por isso, é o sempiterno e infinito que deve prevalecer, com a Divindade, no final dos tempos, em retorno à glória que nunca perderam nem comprometeram por se haverem permitido a “*corporificação*” deste e neste mundo.

Os olhos, não os da carne, mas os olhos do espírito em Jesus de Nazaré viram como nunca ninguém viu essa realidade divinal, mas os seus circunstantes, de um lado, o elegeram como sendo a personificação da Divindade, acolhendo-o como o Messias, o Salvador e, de outro, lhe impuseram o sacrifício em cruz, sob a alegação de uma lei por conta da qual ele tinha de ser morto. Que absurdo!

A virgem realmente concebeu e deu à luz um filho, o seu filho, e essa virgem é a própria Divindade e o seu filho é a manifestação dela através do mundo que ela, juntamente com ele, fez confundi-lo nessa realidade de criação em que ele é fundamental, tão fundamental quanto a própria Divindade. Não se pode retratá-la em personificação de ninguém. Aliás, por falar em personificação, o que se pode admitir é apenas a importância dos olhos de alguém, no caso de Jesus, que, abandonando o seu lado de uma visão da carne, trouxe para todos nós a revelação de cunho espiritual mais alta e insuperável, qual seja a de que a Divindade e o Cristo não podem ser vistos em visão pequena de uma singularidade, mas devem se apresentar e permanecer

em majestade infinita e eterna, superior, portanto, à realidade do mundo. Ah, esse sim, Jesus de Nazaré, ele que é a porta, ele que é o caminho, ele que é a verdade e a vida e unicamente ele que de tamanha visão se incorporou a ponto de, com autoridade, ter dito: eu e o pai somos um. Nessa união, pois, se encontra o retrato da verdade que não singulariza a Divindade num ser hominal, mas o faz divino-humano ou, como se queira, humano-divino, elevando-o àquela condição de eterno e de infinito da própria Divindade. Nessa condição, ele se presta como seta, como caminho para todos os homens de todos os tempos e lugares, não como Deus propriamente, mas como o elemento do mundo que enfim pôde enxergar com olhos de espírito. Por isso, sua realidade corpórea pôde ter domínio sobre o passageiro, para tão eternamente quanto a Divindade e o seu unigênito filho também se eternizar para todo o sempre deste mundo e muito mais ainda no pós-imanente da glória divina.

Essa é a visão que a Divindade e o seu unigênito filho esperam dos homens. Eles que, por razão e por amor, se consentiram em existir, traçaram para si essa via de sofrimento, em violência, recaindo sobre si mesmos, esperando que os homens enxergassem assim a realidade. Ao contrário disso, porém, os homens têm trazido sobre si essa realidade cruel e a têm aumentado cada vez mais, com sacrifício de sangue, colocando cada vez mais o Jesus dos olhos espirituais em dois pedaços de madeira que se cruzam, quando essa cruz ela é exclusiva, por querer próprio do seu insondável desígnio, da Divindade e do unigênito. Enxergar essa realidade e vivenciá-la é cada vez mais possível na medida em que o homem se esvazia de si para se tornar pleno do divino, como o fez o Rabi da Galileia. Nesse ponto ele é para todos nós a mui grata seta que não devemos desprezar jamais. Assim como ele, pois, devemos nos desiludir deste mundo sem dele,

entretanto, querermos fugir, mas, isso sim, encará-lo de frente, exatamente no tratamento que deveremos dispensar, como ele dispensou àqueles necessitados em todos os sentidos de uma assistência que se possa fazer a famintos, a sedentos, a doentes, a presos, a nus.

Deus conosco, portanto, deve ser entendido como o plural de nossa diversidade, sobretudo de pequenez, pois, nela própria, e somente nela, há lugar para aninhar a grandeza do infinito e do eterno da gloriosa Divindade e do seu filho unigênito! Sem querer, então, se torna o pequeno como o continente do grande e majestoso, pois assim é a vontade divinal.

03

A BÊNÇÃO DO SENHOR

*Cfr Números, cap. 6, vs. 24-26,
Hebreus, cap. 5, v. 6; Cap. 7, v. 3 e
vs. 11-14*

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

SIM:

O Senhor abençoa e guarda;
o Senhor resplandece sobre todos, indistintamente
e tem misericórdia para com todos;
O Senhor se ergue sobre todos
e a todos dá a Sua paz.

NÃO:

O Senhor te abençoe e te guarde;
O Senhor faça resplandecer o rosto sobre ti
e tenha misericórdia de ti;
o Senhor sobre ti levante o rosto
e te dê a paz.

SIM:

O Senhor abençoa e guarda;
o Senhor resplandece sobre todos, indistintamente
e tem misericórdia para com todos;
O Senhor se ergue sobre todos
e a todos dá a Sua paz.

.....

*Bênção, portanto, do Senhor,
direta,
sem mediador terreno.
Bênção que é constante,
como de Sacerdote Eterno e Infinito,
quer assim queiram,
quer assim não queiram os homens.
Bênção dos Céus,
sem lábios a proferi-la.
Bênção, bênção, bênção,
somente bênção.
Amém!*

.

04

NAVEGAR É PRECISO – VIVENDO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

É condição essencial que os olhos de carne e todas as demais vias normais do conhecimento intelectual (*ouvidos, nariz, língua, pele, cérebro*) estejam bem fechados para que se alcance, por outra via - a da intuição -, o aconchego do eu com a força poderosa e misteriosa - a Divindade. Esta condição deixa, porém, de ser imperativa, à medida que o homem-espírito se alça a certo nível de crescimento espiritual, que somente se processa na via da intuição, ganhando não o homem ego, mas o eu nele operante (*e operado*) uma autonomia que invade aquelas suas vias de conhecimento intelectual, passando a lhe ser permitido que elas, a partir de seus olhos de carne, fiquem abertas. Assim se processa, na via *direta* do homem eu e na via *inversa* do homem ego, a *consciência*, pela qual o primeiro pode se aninhar e se manter em integração constante com a Divindade e o segundo, usufruir dos acréscimos de que fala Lucas no Capítulo 12, versículo 31: *“Buscai antes o reino de Deus e sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo”*. Estas coisas de que fala o evangelista é precisamente o bom e o melhor com que se pode contar para a satisfação obtida em socorrer os necessitados.

Felizes os que já estão caminhando nessa via maravilhosa. Esses felizardos são os *“iniciados”* no espírito e, também, os *“iniciandos”*, nessa mesma senda. O detalhe interessante é que eles, em sendo verdadeiros *“iniciados”* ou *“iniciandos”*, não abandonam, de vez, a

“*profanidade*” natural de que se dão conta pelas vias do conhecimento intelectual (*e não se pode nunca mesmo promover esse abandono, sem o concurso da senhora da foice*), mas vivenciam a realidade deste mundo, conscientes de sua condição material imprescindível e de suporte para o que há de incomparavelmente melhor; melhor não propriamente para eles, mas para a sua condição de homem-espírito, disso resultando as “*sobras*” com as quais o homem-carne há de se contentar. Estas “*sobras*”, geralmente, lhe representam uma imensidade de vantagens, já que os podem tornar seres bons, amigos, compreensivos, compassivos, humildes, caridosos, fraternos, solidários, amáveis e, em consequência, homens e mulheres de mangas arregaçadas atuando em favor dos que têm fome, dos que têm sede, dos que estão presos, dos que estão nus. Que “*patrimônio*” melhor poderia resultar para nós que somos tão pobres, tão raquíticos, enquanto puramente realidade de carne?! Assim, nesse estágio bendito de *consciência* e não puramente de *ciência*, se larga a via fácil da constatação através dos olhos (*da carne*), dos ouvidos (*da carne*), do nariz (*da carne*), da língua (*da carne*), da pele (*da carne*) e, navegando provisoriamente nelas (*lembrando que navegar é preciso*), se vai levando adiante (*vivendo*) a *recuperação* permitida pela Divindade, ante a queda vergonhosa de sua criatura por excelência - o homem. Sim, navegar vivendo, nunca, entretanto, vivendo a *meditação* pura e simples, em posição sentada (*do Bramanismo e do Budismo*); nunca vivendo a *submissão* resignada, em posição prostrada (*do Islamismo*); nunca vivendo a *libertação* inquietante, em posição de marcha (*do Judaísmo*); vivendo, isso sim, a posição *ereta* do homem que, da morte (*posição horizontal*), passa para a vida (*posição vertical*) do ressurgimento (*do Cristo pelo seu Evangelho*); vida que efetivamente é vivida, comprometida, sem limites de doação e sem expectativas de recompensas. Então, só poeticamente mesmo é que se pode aceitar que “*viver não*

é preciso”, no dizer de famoso poeta, pois, certamente, nessa senda, ele não infunde nada de verdadeiro, espiritualmente falando...

A Divindade nunca esteve sozinha, pois tão eterno quanto ela é o unigênito - o Cristo - e, por graça de ambos, a Revelação definitiva terminou sendo feita por um homem - Jesus de Nazaré. Por essa Revelação, nos foi permitido abrir, em definitivo, os olhos do espírito, deixando, desse modo, ao homem-espírito, a possibilidade de ir promovendo a *recuperação* daquela queda que o seu lado adâmico vem promovendo, desde quando descobriu a ciência do conhecimento do bem e do mal, naquele jardim de delícias chamado Éden. Esse Éden é o berço de todos os homens, enquanto seres nascidos de mulher, expulsos dele, mas capacitados a uma nova oportunidade, pela via reflexa do homem nascido do espírito... No Cristo e com Cristo, portanto, se tem a única forma possível de se navegar, desde que dele *consciente*, pela via dos olhos do espírito, os quais, como já dito, fazem inundar, positivamente, as vias dos sentidos de carne que têm como farol maior os nossos olhos materiais. É esse caminho do Cristo operando pelo olho do espírito que faz todo o homem alcançado pela *“cristicidade”*, ou seja, evolvido espiritualmente enquanto homem-espírito, navegando na vida nessa integração dele com o Cristo, com o conseqüente e majestoso coroamento divinal. Nessa viagem maravilhosa, resulta, inevitavelmente, que o homem-carne sai fortalecido, não como possuidor de melhorias para a satisfação pessoal, mas para lhe proporcionar o bom e o melhor com os quais possa servir ao próximo, isso significando nada mais nada menos do que os acréscimos retratados na passagem evangélica já mencionada. Os *“cristicos”* assim pensam e agem; os *“anticristicos”* assaltam esses acréscimos e defendem (*que lástima!*) que, se trabalham e constroem e enriquecem, não morrerão jamais...

Benditos os olhos de carne do Rabi da Galileia que viram tão longe e tão alto e que mostraram, claramente, que Cristo - o unigênito - e a Divindade repousam eternamente para todo o sempre. E no corpo místico transcendental deles se aninhou sua “*realidade*” espiritual, transbordando, inapelavelmente, para a sua realidade de carne. Em face de tão incomensurável sintonia, essa carne se faz viva até hoje e para todo o sempre, mesmo que vítima, criminosamente, de dores atrozes que não deveriam, jamais, impressionar os olhos do espírito de ninguém, mas vêm, lamentavelmente, no curso dos séculos, distorcendo, pelos olhos de carne, muitos de nós, incautos, pelos ensinamentos errôneos de “*cegos condutores de cegos*”.

É desejo do autor, a essa altura de suas colocações, despiando-se (*como se isso fosse possível*) no quanto possível da contaminação inevitável de seu lado de carne, que se abram os olhos do espírito de cada um dos seus leitores, de modo a se voltarem a navegar na vida e nunca na via terrível da morte. Esta, bem reparando a importância espiritual, sempre será vítima da gargalhada de satisfação, desprovida de qualquer fumaça de uma conquista pessoal, pela sua derrocada ante o que é perene, infundo, eterno - a Divindade. Nesta, por sua vez, qual adesivo poderoso, ficará toda a “*realidade*” espiritual, “*parte*” integrante e essencial dela, como a nos sugerir a imagem da galinha que acolhe, sob as asas, os seus pintinhos... Evidentemente, mesmo que doloroso para nós, não deve ser escondido, mas revelado intensamente que a Divindade, por amor e humilhação espontâneos, consentiu, com o unigênito, a *inglória* do mundo. E para o homem, há de ser aguardado o fim deste tempo, ou seja, desta *inglória*, para, finalmente, viver a *glória*, consistente naquela imagem da galinha e dos pintinhos. Nessa imagem, estaremos todos, todos mesmo, não somente os bons como também os maus. Aqueles, por navegarem na vida e nunca na morte, terão

chegado à meta definitiva sem sofrimentos, além daqueles considerados normais; estes, certamente, deverão também estar debaixo das asas da galinha; contudo, terão sofrido penas terrenais que durarão até a consumação do século, quando, então, se dará o subsequente e inevitável retorno à *glória* da Divindade, no pós-imanente.

Realmente, navegar é preciso - vivendo, disso não se pode duvidar de modo algum, pois foi vivendo junto a toda a sorte de necessitados que se entregou o Nazareno ao mundo, sabendo que sua unidade com o Pai o tornava uno com ele, pela pujança espiritual, via esta que lhe suplantou a alma que, destarte, assistiu, com sorrisos de vitória, à transparência e a transparência de sua realidade corporal e anímica, em antecipada conquista da glória, antes mesmo do eclodir final escatológico.

Bendito seja quem olha e pode ver como ele viu.

05

NOLI ME TANGERE

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Noli me Tangere - não toques em mim, pois ainda não subi ao céu - disse Jesus a Maria Madalena, quando esta, tomada de alegria pela sua ressurreição, lhe quis tocar o corpo.

A propósito dessa aparição - lembrando que outras também ocorreram (*sem o rigor da ordem cronológica*), como aquela feita aos discípulos de Emaús, aos apóstolos escondidos no Cenáculo, destacando-se a dúvida que manifestara Tomé e que só acreditou porque viu, e, por fim, a aparição feita a Paulo na estrada de Damasco - necessário é esclarecer que o retorno não propriamente do Jesus telúrico, mas do Cristo-Espírito - o Paráclito -, não se operou no episódio de Maria Madalena, nem também por ocasião de sua presença no Cenáculo, nem no caso de Tomé, nem também no caso dos discípulos de Emaús. Nesses casos, não se dera, ainda, o desprendimento em definitivo da amarra terrenal, tanto que não havia acontecido a ascensão do Mestre ressurgido. Só após esta, sim, é que se pode falar em Paráclito e, mesmo assim, foi preciso esperar a dose mais poderosa de sua manifestação, precisamente em Pentecostes. Após essa manifestação poderosa, então, o “*retorno*” não do Jesus telúrico, mas do Cristo, via Paráclito, começou a se operar, nascendo aí a Igreja

pura*, da parte daqueles que se viram iluminados da luz divina do santo espírito da Divindade.

Portanto, cabe a afirmação de que Jesus, translúcido pela ressurreição, se eternizou para “*o-todo-o-sempre-dos-tempos*” até o eclodir escatológico, não se operando, jamais, o seu retorno, após sua ascensão e posterior manifestação pentecostal.

Um personagem há, na Bíblia, que, diferentemente do Mestre de Nazaré, voltou e teve contato com um humano, numa demonstração de que o seu corpo não se desligara das amarras terrenais, após a sua morte física. Referimo-nos ao Profeta Samuel, no episódio em que, através da feiticeira de Em-dor, ele teve contato com o Rei Saul (*1 Samuel, 28, 3-20*). Veja-se, então, que, diferentemente de Samuel, com Paulo se deu a obra magnífica do Paráclito, que é o Cristo, o qual tem poder de agir internamente no homem-espírito. Jesus, na verdade, uma vez operada a sua ascensão para o trono celestial, jamais retorna para ninguém. O que se processa é aquilo que ele mesmo prometeu - o Paráclito. Paulo foi alvo dessa força maravilhosa que faz o homem poderoso, espiritualmente falando, mexendo nele em sua interioridade, tornando-se não a sua carne, mas sua “*realidade*” de homem-espírito tão poderosa quão poderosa é a Divindade. Foi essa verdadeira explosão o que aconteceu na estrada de Damasco, quando o Paráclito atuou de forma tão intensa que um raio de luz fez Paulo cair de sua cavalgadura e, interiormente, se sentir interrogado, questionado: “*Saulo, Saulo, por que me persegues? Duro te é recalçar contra o agulhão*”. Isso mesmo, Saulo era o judeu/fariseu, que depois se tornou o romano/cristão Paulo e que tinha um espinho de carne a fustigá-lo, à semelhança do que acontece com o boi

* A Igreja verdadeira, com “*i*” maiúsculo, onde imperava o poder do Cristo (Cristocracia), diferente da igreja dos homens, com “*i*” minúsculo, na qual prevalece a Clerocracia.

atrelado a um carro que tem a lhe espetar um instrumento pontiagudo (*agulhão*), toda vez que tenta se rebelar contra o modo correto de se conduzir na sua tarefa. Aquela luz metafísica operando em seu interior, resplandeceu de forma tão intensa ao mundo exterior, a ponto de deixar os circunstantes atônitos e deixar o próprio Saulo sem poder ver, já que algo como escama lhe tomou os olhos. Foi esse episódio transformador que com que ele deixasse de lado o intento de perseguir a Igreja nascente e ele mesmo, com a força poderosa do espírito de Deus, promoveu a internacionalização do Cristianismo, só que, lamentavelmente, sem enxergar que era desnecessário manter Jesus preso ao madeiro, como forma de despertar o verdadeiro sentimento cristão. Aliás, ele, em sua condição de iluminado, bem sabia disso, mas as condições sociais, políticas e religiosas de sua época não lhe permitiam fazer de outra forma. Somente hoje, em época adiantada na qual vivemos - Aquários - se processa a possibilidade de uma tomada de posição mais correta, que é a Cristocracia. Esse poder do Cristo, então, via Paráclito, se processa em cada homem-espírito, na medida em que ele se alia à Divindade, fazendo as obras que representam o sofrimento querido e desejado pela própria Divindade e pelo seu unigênito, ou seja, meter-se e se atolar em toda a sorte de dificuldades dos esfomeados, dos sedentos, dos presos, dos nus, dando-lhes a assistência necessária, sem quaisquer expectativas de recompensas, numa comunhão de sofrimento idêntico ao da própria Divindade e do seu filho unigênito.

Desse modo, preocupação alguma há de persistir em termos de *Noli me Tangere*, porquanto não é mais o tangível o que se tem em consideração, mas o intangível da eterna e da infinita e da poderosa e da misteriosa e da gloriosa Divindade e do seu filho unigênito, que, com graça, vão permitindo que o Espírito, em homens e mulheres de boa vontade, se dê

conta de grandiosa e magnífica epifania que tanto tem
atraído os telúricos de hoje e de sempre - ainda bem!

06

O (meu) SALMO 23

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O Senhor é pastor;
tudo faz para nada faltar.
A todos permite repouso em pastos verdejantes,
conduzindo-os às águas refrescantes
que revigoram as forças da alma.
Leva-os, por seu amor, por caminhos retos.
Mesmo atravessando vale escuro,
ensina a todos que não devem temer,
pois o Senhor é com todos.
Não anelam os homens, por isso, satisfações pessoais:
a taça transbordante não é a taça deles,
mas a do próprio Senhor;
tampouco a mesa farta.
Alegre fica, assim, o Senhor
com as suas criaturas excelentes - os homens;
veem-se todos mergulhados
em **m**isericórdia com os seus semelhantes,
na mesma razão da **M**isericórdia do Senhor,
e assim “vivem” a satisfação celestial,
mesmo enquanto na terra
ainda estejam vivendo.

07

“INOFENDÍVEL”

(em memória do meu irmão, sangue inocentemente derramado)

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Vida é graça;
até mesmo a de teus algozes,
ó glorioso Salvador de todos nós.
Vivê-la intensamente,
santamente,
sem interrupções
de mãos assassinas,
criminosas,
que privilégio!
Mas, se porventura interrompida,
fazer nos impõe
tanto quanto fizeste:
perdoar aos algozes,
porque não sabem o que fazem.

.....

Milton, o pai (o meu pai),
o seu sangue tanto serviu para viver
a vida exemplar do cidadão herói,
extraindo da pobreza a sua dignidade;
pobreza de puríssima humildade.
O seu filho Milton que hoje choramos
se fez mirar naquele Milton-herói,
mas o seu sangue
foi bebido pela terra
como assim o foi
o sangue de Abel.
Interrompeu-se uma trajetória;

uma vida de sonhos
e de muitas realizações
com outros Miltons frutificados.

.....

Até quando, Divina Graça,
haverão os homens de projetar
os cegos de um mundo sem LUZ!?

.....

Vivamos, então, a certeza
de um amanhã sem violência,
começando por pregarmos a nós mesmos,
a um e a cada um de nós,
o vazio confortável da presença de Deus,
dominando e domando
o ilusório e abominável
conforto dos “teres”.
Só assim a mão assassina encontrará
mais facilmente
a porta do perdão,
ou nem mesmo apenas isso,
que é tão inexpressivo.
Melhor é que encontre
em não-dimensão celestial
visão mais larga e mais ampla
em que lhe possamos
seguramente dizer:
- Que tolice!
Eu não me ofendi!

08

CRISTO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Cristo - é o que há (*que existe*) e o que não há (*que não existe*) no mundo. Enquanto sendo (*existindo*), ele tem “representatividade” na matéria: “*nos reinos mineral, vegetal, animal; no éter e no vácuo*”. Em tudo isso ele, como expressão divina de Filho não criado pela Divindade (*pois tão poderoso, misterioso, infinito e eternamente quanto ela*), tem presença física, química, biológica que esta (*a Divindade*) não tem, senão em termos de transcendência que, entretanto, se imite na mais profunda cratera de expressão imanente... Enquanto não sendo, ele é tão majestoso quão majestosa é a Divindade, ou melhor, tanto quanto ela significa não-ser poderosa e misteriosamente. Seu nascimento inexistente e nem mesmo se pode dizer que ele coexiste com a Divindade. Na verdade, tanto quanto a Divindade, ele também não é eterno e infinito. Na realidade, ambos, a Divindade e o **Cristo** - o filho unigênito -, que não é criatura da Divindade, permitiram e se permitiram na criação do mundo; mundo esse no qual está compreendido o **Cristo**, mesmo que nesse mesmo mundo repouse o maligno, como adverte a Bíblia (*v. Capítulo 5, versículo 19 da Primeira Epístola de João*).

O **Cristo** - ele que corporifica o mundo, como gesto e ato de auto-humilhação dele e da própria Divindade (*e tudo isso por amor*) - terá, não efetivamente em sua essência, mas no acidente do mundo como decorrência de sua auto-humilhação, um fim; um fim no final dos tempos e que tem o nome próprio de escatologia. É nessa consumação que tanto ele quanto a

Divindade recuperam a majestade da glória no pós-imanente; uma glória que, inobstante consentida a antítese da inglória, esta jamais poderia ser tão poderosa a ponto de se eternizar. Claro realmente ficou que haverá um final dos tempos e na comunhão com o **Cristo** nesse bendito final haverão de estar - melhor é dizer haverão de não ser poderosos e misteriosamente - todos quantos, homens e mulheres, deixaram de privilegiar sua pura realidade de carne e vivenciaram a integração do “*crístico*” que representam com a gloriosa Divindade.

Nessa trajetória em que não são o “*crístico*” todos os homens e mulheres de todos os tempos e lugares, sejam eles bons ou maus, desde Adão até o último ser nascido de mulher, terão (*os bons*) a comunhão na integração do eu com a Divindade, enquanto os maus também terão essa comunhão, porém com crucial diferença: além do sofrimento e do sacrifício padecidos humildemente pela Divindade e o **Cristo** no mundo, os bons terão realmente alcançado a grandiosa verdade - aquela que se não compadece com mais sofrimentos - e, por isso, assistem ao gozo universal com sua alma em festa até o surgimento do fim escatológico. Já os maus ficam, em suas almas, nessa espera, em situação terrível de penas e sofrimentos, por não terem alcançado que a Divindade, já sofrida com a criação do mundo juntamente com o seu filho, não esperava a decepção causada pelo homem que resolveu cair, quando optou por seguir a trilha do conhecimento do bem e do mal, afastando-se, destarte, dela Divindade.

Portanto, felizes os que se distanciam do que é crucial, mormente quando esse crucial está ligado a algo material como a cruz; infelizes os que se deixam confundir com ela e por ela, pois traduz sacrifício além daquele já humildemente suportado pela Divindade. Com **Cristo**, por **Cristo** e em **Cristo** serão poderosos e misteriosamente os que abominam o sacrifício e

enxergam o “*amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*” não só no propósito, mas no fazer efetivo que o seu coração samaritano tanto se desfaça em ações favoráveis aos que têm fome, aos que têm sede, aos que estão doentes, aos que estão presos, aos que estão nus. Esta sim é a única saída, pois é desejo da Divindade que sua criatura excelente - o homem - deixe de lado a importância de carne e, com ela mesma como instrumento, como suporte e necessariamente como receptáculo da outra magna importância - a do espírito - mostre a si mesmo e a todos os homens que Deus alcança o seu propósito maior quando o homem-carne decaído, enquanto homem-carne, faz prevalecer o homem-espírito. Só assim se torna despido de todas as ilusões deste mundo para percorrer a desilusão que lhe permita passar pela porta aberta para “*a prática do bem sem olhar a quem*”, principalmente a si próprio.

Este é o **Cristo** realizado, importante; contudo mais importante ainda quando tornado irrealizado no eterno e no infinito, pois ele “*é, foi e será*”, para todo o sempre, ou melhor, “*não é, não foi, nem será*”, já que o eterno e o infinito nada têm a ver com tempo presente, nem passado, nem futuro, nem com o aqui ou com o alhures. O **Cristo** é livre de conceitos, de definições. Ele é o único gerado em espírito que, pela graça, se dilata na diversidade dos “*eus*”, cada um deles presente essencialmente em cada ser nascido de mulher de todo tempo e lugar. Ele é o humilde que aceitou existir e que, após o existir carrega consigo todos os homens, bons ou maus, no pós-imanente, em repouso poderoso, misterioso, eterno e infinito.

Em remate, **Cristo** “*não era, passou a ser, deixou de ser*” e, neste último estágio, pereniza a expressão maior de sua essência em dimensão idêntica à da própria Divindade. Nesse corpo místico, todos, sem exceção, o mundo todo, sim, todo, não custa repetir, com tudo quanto nele há, houve e haveria, se porventura mais

tempo houvesse a transcorrer, restará no repouso de antes do princípio, sem existência, mas verdadeiramente poderoso, mesmo que enigmático para a capacidade humana que, tanto quanto o próprio mundo, também teve o seu fim, porque inegavelmente ela também era do mundo.

Fica o autor encurralado ao tentar expressar essa verdade do céu, porque, como criatura, como ser finito, impossível lhe é abarcar toda a compreensão do **Cristo** e da Divindade. Daí o resultado dessa acanhada capacidade, no curso dos tempos, em que o homem, na medida em que desvela a Deus, fica tomado de timidez natural e, como consequência, tende ao efeito inevitável de sua pequenez de carne, retornando a velá-lo. Isso é compreensivelmente para nós, por nossa reconhecida pequenez; e compreensivelmente também da parte da Divindade para conosco, em face do seu amor comprovado e da infinita Misericórdia que sempre teve para com cada um de nós.

O **Cristo** e o “*crístico*” do “*eu*” de todos os homens e de todas as mulheres de todos os tempos e lugares terminam não sendo a singularidade essencial integrada à Divindade, de sorte que o primeiro, nessa inexpressividade magnífica, encobre não só os que se dizem cristãos, mas também os bramanistas, os budistas, os muçulmanos, pouco importa o que se professe nessas linhas de orientação religiosa. O resultado, para o homem, é que é diferente: para o cristão verdadeiro ele é inteiro e completo, porque, dentre todas as orientações religiosas, a que mais imprime a vontade da Divindade é a do Cristo e a do seu Evangelho, na medida em que o homem faça como o Nazareno, que não foi um “*fujão*”, mas o homem comprometido com toda a sorte de dificuldades por que pode passar a humanidade. Por isso ele é eterno, na medida em que se antecipou, em sua carne mesmo, ao momento escatológico, pois, antes deste, sua realidade de carne já sorriu, em integração de

eu nele residente com a Divindade, o gozo da vitória da vida sobre a morte.

Você que me lê, já ouviu falar de um túmulo vazio? ... Este só seria possível (*como o foi*) ao homem que viu com os olhos do espírito, sem perder de vista os seus irmãos. Procure o túmulo de outros avatares e lá encontrará, certamente em repouso da eternidade ilusória de matéria, a realidade que falou de Deus, mas não o viveu, ou seja, aqueles que, apesar de junto de Deus, não alcançaram o passo fundamental, justamente aquele passo visto e vivido pelo Nazareno, sempre vivo e de braços abertos para toda a humanidade. Por quê? Porque o **Cristo** do **eu** nele expresso e a **Divindade** se tornaram **um**, antes mesmo do eclodir escatológico: Eu e o Pai somos um, ou melhor, Eu e o Pai não somos em majestade poderosos e misteriosamente santos.

09

ESPIRITISMO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

*Primeira Coríntios, Cap. 2, v. 14:
“...o homem natural não aceita as
coisas do Espírito de Deus: pois
para ele são loucuras. Nem as pode
compreender, porque é pelo Espírito
que se devem ponderar.”*

Espiritismo é manifestação natural; tanto que pode ser ciência, além de ser uma filosofia e também uma religião. Não nego o espiritismo; eu o afirmo, não, porém, como uma manifestação do espírito; este não é e, não sendo, assume a mesma “*indimensão*” do eterno e do infinito do “*crístico*” e da Divindade. Portanto, espírito significa não-ser, por se apresentar “*indimensionável*”, e encontra no espiritismo não a sua manifestação propriamente, mas a manifestação do homem-carne neste mundo na direção daquele, ou seja, do espírito, alcançando, por esse seu lado homem-carne, uma tímida e pífia performance que faz, tantas vezes, o engodo parecer a maior das eternas e infinitas verdades. Essa performance, pois, não é do espírito, mas o espiritismo lhe permite desenvoltura de variada forma e essa variedade, no curso do tempo, tem conduzido a situações propaladas que seduzem e que tornam certas pessoas credenciadas a aparecerem como reveladoras de muita luz.

É lamentável que, em nome não do espírito, mas do espiritismo, se desenvolva, tão somente neste plano - que é limitado ao mundo do ser - a ação de tantos homens, homens de boa-fé, talentosos, que são capazes

de feitos os mais espetaculares; sim, dentro da teia de ações eminentemente espírita, cunham-se eles de verdadeiros expoentes, portadores de uma mediunidade extraordinária. Por isso mesmo, promovem lances de tantos pendores: há os que psicografam e os livros, por isso mesmo, superabundam; há os que medicam e que chegam a certos atos cirúrgicos sem quaisquer instrumentos para tanto apropriados; há os que não têm pudor algum para se mostrarem altamente capazes diante de auditórios abarrotados e, ali, demonstrarem o seu poder mediúnico. E cada vez que aparece um espírita possuidor de tanta mediunidade torna-se, como que numa decorrência natural, aquele referencial capaz de arrebatam e nutrir todos quantos se alimentam do espiritismo e dos seus princípios. Dessa importância, então, advém o ciclo que nunca se fecha, para uma exploração que, no final de contas, é preciso investigar quanto à dose de interesse pessoal que nela se pode abrigar.

Sei e bem sei que existem os homens grandiosos - aqueles que, perseguindo a seara verdadeiramente cristã, tanto fazem e não fazem para si, mas procuram dar de graça o que de graça recebem. Frente a isto, há que se reconhecer que, nessas pessoas, o ser que fora Jesus de Nazaré permanece vivo, atual, atualíssimo! Fazem, pois, do seu agir aquela presença escandalosa para o mundo como escandalosa foi a presença do Filho de Maria. Chegam a chatear os que prezam apenas e tão somente a realidade deste mundo. Por outro lado, contudo, se arriscam ao também escandaloso fenômeno de uma pregação de si mesmos! Pois não medem as consequências de suas ações ligadas ao toque do *eu-personal* que se nutre de espetacular figuração, emprestando o seu nome e a sua imagem como veículos condutores de um progresso espiritual, como se, neste ponto, tudo não devesse ao referencial único - o Filho do Carpinteiro. Só este, o único capaz, até o tempo

presente, de se antecipar ao fim dos tempos escatológicos, pode realmente transbordar ao agir anônimo, pois é mister que esse nome poderoso prevaleça contra tudo e contra todos; contudo, autorizado pelas palavras dele, o homem-espírito pode até fazer mais do que ele fez (*v. João, 14, 12*), mas esse fazer há de se acercar do cuidado da ação anônima, sem permitir que se propague o nome do homem, nem sua imagem, mas a difusão pura e simples do arquétipo valoroso e indestrutível do *Jesus-tornado-Cristo* ou do *Cristo-assumido-em-Jesus*.

Portanto, Espiritismo existe; tanto existe que até certos fenômenos se podem comprovar... em laboratórios, se quiserem que o diga, pois espiritismo é, também, ciência. Mas cuidado, homem-carne. Você que é veículo do desenvolver desse espiritismo, que tem consigo uma faculdade que desponta e o deixa naturalmente espantado, inicialmente, faculdade essa a qual se denomina de mediunidade, cuidado! A escala mais poderosa e profunda dessa verdade que é tanto ciência, como religião, como filosofia se plasma numa dimensão que bem se lhe pode justapor: o imanente. É que ela não traspassa a realidade do mundo, ou seja, da imanência. E na “*indimensão*” em que se processa a integração - não a justaposição - reside o espírito do homem-espírito, esse sim o que se integra ao *crístico*, à Divindade, sem nenhum sentido de absorção para o homem, enquanto homem-carne, ressalvado o acréscimo de que fala o evangelista (*v. Lucas, 12,31*).

Respeito todos quantos se lançam ao bem que o Espiritismo busca, em uma constância que chega a emocionar. Mas torço para que todos tenham como subir ao maior patamar de uma espiritualidade (*não de espiritismo*), para enxergarem o campo que não é campo, justamente o do eterno e do infinito, em aconchego permitido por bondade e por amor da Divindade e do seu filho unigênito, o Cristo!

Homens, desde quando a re-ligação com Deus há de ficar submissa “à *prisão do mundo*”, esquecendo a “*liberdade do eterno e do infinito*”? Naquela, o Espiritismo tenta o caminho do bem, que merece aplausos calorosos, sem dúvida alguma; nesta, esses aplausos calorosos não devem nutrir no homem-carne qualquer sentido de posse quanto a um “*meu*” que lhe permita parecer aos homens ser a sua carne o veículo condutor desse bem...

Que difícil!

10

...É PRECISO QUE ELE CRESÇA

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

*“Ninguém pode atribuir-se a si mesmo senão o que lhe foi dado do céu. Vós mesmos que sois testemunhas do que disse: Eu não sou o Cristo, mas fui enviado diante dele. Aquele que tem a esposa é o esposo. O amigo do esposo, porém, que está presente, e o ouve, regozija-se sobremodo com a voz do esposo. Nisso consiste a minha alegria, que agora se completa. **Importa que ele cresça e eu diminua.**”- Evangelho de João, Cap. 3, vs. 27-30*

Como visto acima, disse João, o Batista, em relação a Jesus de Nazaré, “... é preciso que ele cresça e eu diminua”. Em face dessa frase, quem, no contexto, é “ele” e quem também no contexto é “eu”?

É simples a resposta: o “ele” tanto é João como é Jesus. Já o “eu” é Cristo, filho unigênito de Deus, expresso como homem-espírito na criatura excelente de Deus - o homem. Assim, essa expressão reside em todo ser nascido de mulher.

Explica-se melhor: na medida em que o “ele” se deixa invadir do “eu”, este diminui sua expressão no “ele”. Por isso, a frase “é preciso que ele cresça e eu diminua” deve ser bem conscientizada no jogo inverso do sentido dos pronomes “eu” e “ele” que nela aparecem. Na verdade, quando João fala “ele”, está se reportando à realidade do mundo, que é o “ele-homem-do-mundo”, um

complexo físico e psíquico. Quando, porém, ele diz “eu”, está se reportando à bendita “*irrealidade misteriosa e poderosa*”, que é Deus Espírito. Assim, Jesus e João, no processo histórico de suas realidades de carne, são “*ele*”; e como “*irrealidade divina*” traduzem o “eu”, precisamente o “eu” que “*não é poderoso e misteriosamente*” em mim e em você também, leitor!

Deste modo, crescendo o “*ele*” em decorrência de uma invasão do “eu”, se processa a divinização do humano, sendo que o “*ele*”, crescendo na dimensão do “eu”, este diminui naquele, tornando-o tão poderoso quanto o “eu”. Só assim é possível compreender o “*fenômeno*” da transformação - a ressurreição -, pois esta é o processo do “eu” invadindo o “*ele*”. Dá-se, então, esse processo de “*matemática dos céus*”, diferente da matemática do mundo, pois o que se firma, em verdade, é o “eu”, mesmo que aparentemente diminuindo, porque o “*ele*” não poderá jamais suplantar o “eu”, mas este é **quem** pode invadir, em toda a sua extensão, aquele.

Disse João que era preciso que o “*ele*” de Jesus crescesse e, assim, resultaria invadido do “eu” em toda a extensão deste, de modo que este diminuísse naquele, divinizando-o. Essa divinização explica a grande verdade consistente em que Jesus, por ser o “*ele*” que acomodou o “eu” em extensão máxima, ainda hoje vive e viverá eternamente.

Nessa perspectiva, fica bem claro que não somente o “eu” em referência a Jesus, mas o “eu” em referência a cada um dos homens e mulheres do mundo, de todos os tempos, de todos os credos, de todas as raças (“eu”, pois, que habita diferentes “*eles*”) representa aquilo que não é, em essência, um só - **a unidade**. Sendo assim, não somente o “*ele*” de Jesus, como o de João Batista, como o de qualquer homem, como o de qualquer mulher tem a possibilidade de ser invadido das maravilhas daquele “eu”, cujo mais envolvente estágio é o da sua carga máxima, representativa da possibilidade de o

homem deixar de ter uma referência tumular. Jesus alcançou-a. Bem certo é ser difícil para nós outros alcançá-la, mas Jesus não decretou a impossibilidade de sua “conquista” pelos seus irmãos, como se vê em João Evangelista (*Cap. 14, v. 12*). É que aquele “eu”, nada mais nada menos, é “*não poderoso e misteriosamente em nós*” como sendo o filho unigênito de Deus, o Cristo e, sendo assim, nessa parte, tão eternos e infinitos são os homens, como Eterno e Infinito é o Cristo-Jesus ou o Jesus-Cristo.

Jesus, que fora carne, revelou-nos a evolução de tal estágio para o da divinização, tendo por começo a sua vitória sobre as tentações sofridas no deserto de sua interioridade, após o batismo com água, feito por mãos de João Batista.

O que não há de ser confundido, entretanto, é que a extensão do “eu” no “ele” reporte a vitória da carne, como se o céu se pudesse nela representar. Nada disso. A carne, disse João Evangelista (*Cap. 6, v. 63*), para nada aproveita. Ela é apenas o veículo; veículo, não para uma satisfação pessoal, com a conquista da dimensão maior do “eu”. Não é para a carne que o “eu” invade o “ele”. É para que, poderosamente divinizada, possa o homem servir, praticar o serviço (*ser-viço = viço-do-ser*), não esquecendo, em sua peregrinação de “*um-vivo da-vida*” que o é, que ele se deve prestar como ombro a tantos outros ombros de seus irmãos, tão fracos na fé, na esperança e na caridade. Jesus foi esse exemplo, até hoje ímpar, mas contando com tantos que lhe seguiram de quase perto as pegadas. Francisco de Assis é um desses que chegou tão perto, pois viveu um “ele” que teve a invasão do “eu” poderosamente.

Com as considerações feitas, se quer livrar João Batista de uma falsa percepção que se pode ter do versículo em comento. Ele, figura importante na linha da Revelação, apontado, com justiça, como o precursor do Messias, anunciado pelo Profeta Isaías, ficaria

inexpressivo se a diminuição que se fala lhe dissesse respeito no sentido de torná-lo menor. Nada disso. João Batista não pode perder a importância na linha da espiritualidade, pois foi homem que pregou o arrependimento, advertindo: *“o machado já está posto à raiz das árvores - Mt. 3, 10”*. E, assim como Jesus de Nazaré, foi também um *“ele”* que se deixou invadir do *“eu”*; tanto que, como este, foi vítima de perversidade de seus contemporâneos por denunciar pecados e, enquanto representante da purificação pela água, foi divino, indubitavelmente, consciente do papel que lhe cabia, sendo, porém, reconhecidamente indigno de desatar as sandálias de Jesus; já o papel da purificação pelo fogo, este viria, como veio, pelo Nazareno - não custa proclamar -, mas os céus não lhe permitiriam que a quisesse somente para si, mas também para qualquer de seus irmãos da dimensão do *“ele”*.

Logo, não é justo que João Batista se veja diminuído! E também não é justo que Jesus tivesse vindo para diminuir ninguém, muito menos o Batista. Tenha-se, pois, a mais notável expressão dele como a do eterno vigilante, nos céus, de um fogo (*não esquecer as tradicionais fogueiras juninas*) que nunca se apague, pois representou tão bem o papel terreno de *“Batista-da-dimensão-da-água”*, alcançando, porém, em vida, a consciência de quão mais importante era a *“indimensão”* do fogo eterno e infinito que viria, como veio revelado, com o Nazareno, do qual ele terminou sendo mais do que testemunha; tanto que, antes da frase em destaque, exprimiu uma alegria, de sua parte e, não, uma tristeza; uma alegria que agora se completa. Essa **alegria completa** não se coadunaria com diminuição; coadunasse, isso sim, com aquela mesma invasão do *“eu”* no *“ele”* de Jesus de Nazaré, operada também em João, pela divina graça.

11

VIDA EM ABUNDÂNCIA

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

...eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. (João, Cap. 10, v.10)

Quem fala, na linguagem comum, assume, na primeira pessoa, a autoria, a responsabilidade por aquilo que fala. Tomando então essa forma linguística usual, há que se dizer, necessariamente, que Jesus de Nazaré - aquele que, no contexto (*e no texto*), está falando - seria o único responsável pela referida afirmação: **Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância**; ele seria o responsável não somente pela afirmação, mas pelo que a dita frase contém, em essência!

Pois bem: aprofundando-nos em espiritualidade, façamos com que a pessoa (*de per + sona = por onde passa o som*) de Jesus perca relevo (*como se isso fosse possível*) e, no seu lugar de veículo de representação (*pessoa = a máscara; todos temos e somos a máscara de uma representação em sociedade*) façamos valer a consciência mais ampliativa possível no sentido de que o **eu** da frase, como pronome que o é, deixe de lado o fenômeno da representação para efetivamente ser... a Divindade!

Isso estarrece? Sim! Estarrece, e muito, porque o padrão que se utiliza para esse alargamento não está no dia-a-dia da religiosidade; com ele, então, se busca encontrar no **eu** sua equipolência com a Divindade.

Ora, a Divindade, por humilhação espontânea, se permitiu a *ex-istência*, juntamente com o filho unigênito, que é tanto criador quanto criadora ela é; e justamente esse filho é o **eu** da frase em comentário!

Assim, foi (*é e continuará sendo*) o **eu** quem, no princípio, juntamente com a Divindade, se permitiu essa humilhação que é o mundo, a *ex-istência*, em sacrifício espontâneo de ambos, como prova maior de bondade e de infinito amor da essência.

Quem veio, portanto, no melhor sentido de uma profunda espiritualidade ante a frase em consideração, não foi Jesus de Nazaré; foi (*é e continuará sendo*) o **eu**. O **eu** + Divindade vieram (*e continuam vindo*) para a finalidade de que todos tenham vida; e vida em abundância. A finalidade, pois, é a de que **todos** tenham vida. E o **todos** há de ser entendido como o conjunto do ser, do mundo, do que existe, congregado no que é mineral, vegetal, animal, pois nada do que existe tem conformação fora desses reinos da natureza. O **todos**, então, são as ovelhas; todos as somos; as de dentro e as de fora do redil; umas achadas, outras perdidas e um só haverá de ser o Pastor delas. E todos, pois, concorrem para o **todos** que deverão ter a vida; essa bendita vida que pode ser horrível, para um dado momento de um vivo, mas, com certeza, a alternativa, no lugar dela, é mais do que inaceitável; é impossível - a morte. Pois vida é para ser vivida, por mim, por você, por tantos “*mins*” e por tantos “*vocês*” que se nos seguirem no curso da *ex-istência*. Quem morre não é a vida; morrem os vivos. Assim, não se há de conceber a vida sem o animal, sem o vegetal e o mineral. Porventura, leitor, você descarta a evidência de que em seu corpo habita, também, o mineral?

Somos os **vivos** que compartimentam a vida abundante, a qual nos foi permitida pelo **eu** + a Divindade. Não somos nós, os vivos, que temos essa abundância. A abundância é da própria vida em si mesma; mas nós, os humanos, somos os vivos que morrem; a vida, contudo, esta não morre, não custa repetir essa verdade; ela tem condição de perpetuidade, até que se consumam os séculos!

Portanto, a frase de João **eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância** carece deixar a religiosidade cega para, em iluminação espiritual, se alçar aos píncaros celestes de uma consciência verdadeira, a ponto de se poder aceitar que não ofende a figura doce de Jesus de Nazaré dizer que o **eu**, no caso em questão, não representa ele mesmo, sem olvidar, contudo, que ele, pela ressurreição alcançada em antecipada glória do “*fim-dos-tempos-que-há-de- vir*”, termina sendo esse **eu** poderoso e majestoso e eterno e infinito. Mas primeiro ele teve de vir como vivo que teve não **uma** vida, mas **a** vida... a vida da abundância! E, nela, se deu, pelo respectivo homem-espírito, o aproveitamento de sua ex-istência em escala máxima, morrendo na carne viva do “*vivo-da-vida*”, assim conseguindo transformar a sua carne em poder descomunal e sem nenhuma referência tumular!..

Doce Jesus compreende essa espiritualidade - ainda bem!

12

O VERDADEIRO AMOR

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

*Primeira Epístola aos Coríntios,
Cap. 2:*

*v. 8 ... porque se a tivessem
conhecido (a sabedoria), jamais
teriam crucificado o Senhor da
glória;*

v. 9 mas, como está escrito:

*Nem olhos viram, nem ouvidos
ouviram, nem jamais penetrou em
coração humano o que Deus tem
preparado para aqueles que o amam.*

A *via crucis* do Nazareno não é nem se pode sintetizar em açoites, em coroação de espinhos, em cravejamento das mãos e dos pés, enfim em crucifixão. Ela está sintetizada, isso sim, em doação total, em entrega de uma vida (*nunca a uma morte biológica*) a todos os seus irmãos; dentre estes, estão os que não o compreenderam e o mataram como se um criminoso ele fosse, como assim os que, após a sua ressurreição, o fazem figurativamente pendurado no madeiro, de modo permanente, como cálice de sofrimento em substituição a todo e qualquer ser nascido de mulher.

Essa entrega total, apesar de ele se ter conscientizado que resultaria em sua morte biológica em uma cruz, não abrange aquele episódio de sangue, pois, o que alguns homens lhe fizeram (*matando-o*) está na contramão do que ele fez para os homens de um modo geral (*a entrega total*).

Os olhos, os ouvidos e o coração do homem, realmente, não alcançam, jamais, o propósito de Deus para com aqueles que efetivamente o amam. Só mesmo quando o homem abandona a ilusão do ver, do ouvir, do sentir ele se liberta e, em estágio de desilusão quanto às armadilhas do mundo, atinge a “*verdade-que-liberta*”.

Jesus se entregou e a incompreensão dos homens inquilinos do poder de sua época terrenal o levou para a morte em crucifixão. Essa incompreensão é, ainda, o que reina atualmente, pois a crucifixão permanece, na medida em que o sistema religioso, ao invés de retirar, mantém o Nazareno figurativamente no madeiro, agora, porém, de maneira refinada em objeto de riquíssimo metal - o ouro!

Certamente não teria havido crucifixão, como assim figurativamente ainda hoje acontece, caso os homens do seu tempo, os de hoje e os de amanhã deixassem a teimosia de apego às armadilhas do mundo e se lançassem à consciência acerca do valor da verdadeira entrega, sem epílogo de sangue. Este é obra do homem; a entrega verdadeira é obra de Deus.

A entrega do Nazareno não reside apenas na dramatização de uma ceia (*Lucas, Cap. 22, vs. 19 e 20 e 1º Coríntios, Cap. 11, vs. 24 e 25*), durante a qual ele, em referência ao pão, disse: *Tomai e comei, isto é o meu corpo* e, igualmente, em referência ao vinho, disse: *Tomai e bebei, isto é o meu sangue*. Tanto é verdade que esses gestos do Nazareno não sintetizam a sua entrega total, que, acerca de ambos, concluiu: *Fazei isto em memória de mim*. Portanto fique claro que a Eucaristia é muito mais ampla do que isso; é a doação da vida; de uma vida, sim, e não de uma morte criminosa, tal qual aquela que veio a acontecer. A morte que se pode entender, no caso, é a morte da sua existência em termos de utilidade, que não ficou apenas para si, mas para os seus irmãos, na medida em que ele o Nazareno jamais foi um desertor dos favores éticos, pois sempre esteve ao lado do fraco, do idôlatra, do

ladrão e de tantos outros tipos de homens fracos. Anotar bem: esteve ao lado; não foi à distância desses tipos de homem que ele esteve, mas chegando perto deles, juntando-se sem, contudo, com eles se misturar. Diga-se, então, que os referidos gestos adotados naquela famosa ceia deveriam servir, tão somente, como a memória que os homens pudessem ter dele; memória, lembrança, isso sim, nunca, nunca mesmo a essência do seu ato de entrega da vida, em termos de utilidade, para os seus irmãos. Essa entrega consistiu nas belas lições, como o Sermão da Montanha, nas curas, nos milagres, nos prodígios, na forma corajosa como encarou a potestade do mundo, fazendo ver a ele mundo que, em sua viagem interior, integrando o eu à Divindade, dado lhe foi encontrar a chave pela qual veio a se tornar uno com esta.

O Apóstolo Paulo, nessa passagem bíblica em comento, denota a verdade por excelência. Jamais mãos criminosas podem entender, compreender, pois melhor é a conscientização quanto a enxergar o quanto Deus tem preparado para o homem. Essa bendita condição só é possível àqueles que não somente estão, mas são a própria sabedoria; não a sabedoria humana, mas aquela que clama: *conhecereis a verdade e ela vos libertará*. Quem conhece essa e deixa verdade, vive toda a sua vida de entrega e, por isso, lhe é fácil a consciência de que o Nazareno não deveria ter sido levado para a cruz, como assim também é consciente, no ontem, no hoje e no amanhã, pela luz do Paráclito por ele prometido, de que ele sequer deve estar nos crucifixos trabalhados ricamente em metal precioso.

O verdadeiro amor, pois, é aquele mediante o qual se entregou o Nazareno; o que lhe fizeram, por causa disso, é parte de satanás e essa parte de satanás não pode ser confundida com o sentido da Eucaristia. Esta nada tem a ver com sangue, e sangue criminoso da parte de satanás. Eucaristia é mais do que a carne e o

sangue; carne que foi comida e sangue que foi bebido. Esse comer e esse beber ficam na esfera simples de uma lembrança que se deve ter e se deve guardar do grandioso homem - Jesus de Nazaré. Eucaristia, sim, foi sua entrega, como cada um de nós deve também manifestá-la, sempre, para que sejamos dignos de ser praticantes do verdadeiro amor.

Lamento a afirmação, mas todos quantos se limitam, em (*pseudo*) consciência, à ingestão do pão e do vinho, pura e simplesmente, se igualam a satanás, pois, em verdade, reprisam, com esses gestos, o sacrifício que, por meio de seus artifícios infernais, satã impôs ao Filho do Carpinteiro, por meio de seus instrumentos - os detentores do poder do tempo em que viveu o Rabi da Galileia. Assim, são e continuam sendo os seus instrumentos todos quantos, na atualidade e no futuro, se limitem à forma cômoda e egoística, preferindo dizer que tudo quanto tem de ser feito já o foi por quem terminou pendurado no madeiro, de sorte que não precisam mais fazer nada. Que lástima! Assim, se põem todos justificados, vão para os templos e voltam para casa cada vez mais se presumindo justificados, resumindo-se, com tal comportamento, à prática de simples louvores. Ainda bem que a Misericórdia da Divindade é grande, para salvar os que assim agem inconscientemente e que representam mesmo o grosso da humanidade. Mas os outros... nada direi sobre eles, pois, em dizendo, os estaria julgando. Por certo, não me faz temeroso o julgamento que, em contraponto, possam fazer de mim. Nesse caso, absorvê-lo-ei pacientemente, na medida em que me flagrem em desacordo com a verdade dos Céus.

Retornando, pois, ao tema em desenvolvimento: não é essa a entrega que o Homem de Nazaré espera de nós. A entrega deve ser semelhante àquela que ele exerceu: dar-se a partir de si próprio, plantando, não para que somente o próprio semeador colha, mas para

que outrem o faça; outrem que, na verdade, esteja merecendo e necessitando: os esfomeados, os sedentos, os presos, os doentes, os nus.

Essa a verdadeira Eucaristia; esse o verdadeiro amor.

13

UM SEMEIA OUTRO CEIFA

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Evangelho de João, Capítulo 4

v.31 Entrementes os seus discípulos lhe rogavam, dizendo: Rabi, come.

v. 32 Ele, porém, respondeu: Uma comida tenho para comer que vós não conheceis.

v. .33 Então os discípulos diziam uns aos outros: Acaso alguém lhe trouxe de comer?

v. 34 Disse-lhes Jesus: A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e completar a sua obra.

v. 35 Não dizeis vós: Ainda há quatro meses até que venha a ceifa? Ora, eu vos digo: levantai os vossos olhos, e vede os campos, que já estão brancos para a ceifa.

v. 36 Quem ceifa já está recebendo recompensa e ajuntando fruto para a vida eterna; para que o que semeia e o que ceifa juntamente se regozijem.

v. 37 Porque nisto é verdadeiro o ditado: Um é o que semeia, e outro o que ceifa.

v. .38 Eu vos enviei a ceifar onde não trabalhaste; outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho”.

De fundamental importância, pois, saber quem “semeia” e quem “ceifa” e, ainda quanto a este último, se “ceifa” para si ou se “ceifa” para outrem. Como resposta

pronta, se tem a dizer, claro, muito claro que quem “*semeia*” é Deus e quem “*ceifa*” são aqueles verdadeiros discípulos de Jesus de Nazaré. Portanto, o provérbio “*um é o que semeia e outro é o que ceifa*” denota toda a dinâmica do verdadeiro Reino dos Céus, como sendo o presente do “*semeador*” - Deus -, o qual, com o filho unigênito - o Cristo -, vive o mencionado Reino, mesmo durante o tempo em que, juntamente com o referido filho, se permitiu a grande humilhação de algo criado - o mundo, nele se depositando num ser excelente - o homem. Esse homem causou uma decepção enorme, desobedecendo a Deus, na medida em que deixou de seguir a trilha de segurança eterna e infinita, para se deixar engabelar pela serpente no seu serpentear atrativo de um “*conhecimento do bem e do mal*”. Esse mesmo homem, entretanto, que não enxergou quem depositado nele se encontrava desde o início dos tempos até o presente, preferiu, como vítima que foi do engano da serpente, astuciosamente direcionando-se ela, em primeira mão, ao centro emocional - a mulher -, esse mesmo homem, dizíamos, preferiu o caminho sinuoso da serpente, presumindo, pois, mediante a via intelectual do “*conhecimento do bem e do mal*”, sua transformação em Deus. E a queda, como se sabe, foi violenta, decepcionante!

Ante esse contexto de queda e de recuperação, “*semear*”, contudo, não deixa de ser, também, a atuação de fertilidade do homem-espírito, na medida em que o correspondente homem-carne assuma a “*ceifa*” que lhe seja bastante como paga, como o grão debulhado, como paga, deve sê-la para o boi que debulha (*Deuteronômio, Cap. 25, v. 4*), sobretudo quando esse grão é repartido com aquele que tem fome (*de todo o tipo de fome*); com aquele que tem sede (*de todo o tipo de sede*); com aquele que está doente (*de todo o tipo de doença*); com aquele que está nu (*de todo o tipo de nudez*); com aquele que está preso (*de todo o tipo de prisão*). Assim, tanto quanto criadores são Deus e seu unigênito filho, dá-se também uma ação criadora do

homem-espírito, via aquele mencionado homem-carne, pois é claro que se estará fazendo a vontade de Deus e completando a sua obra (*realizando-a*). Eis, então, um “*semear*” diferente do “*semear*” original, o qual não deixa de assumir, entretanto, feição essencial. Esse “*semear*”, como coroação da vivência “*crística*”, faz realizada e completada a obra de Deus, de modo que a realidade do mundo (*provisória*) se transforme na “*irrealidade-eterna-e-infinita*” de Deus. Não é, porém, apenas “*semeando*” que a tanto se chega. É preciso, também, o concurso da “*ceifa*”. Uma “*ceifa*” em campo no qual se não teve o trabalho. O trabalho foi de outro; o trabalho dos homens-carne. Ajuntando-se a estes, ganha-se e se lhes dá, também, a “*indimensão do espírito*”, com eles crescendo no céu e ganhando, cada vez mais, os acréscimos prometidos no Evangelho (*Lucas, Cap. 12, v. 31*), tornando-se todos os homens, doravante, para gáudio de Deus, tolerantes, compassivos, caridosos, amáveis etc. É que os campos para a “*ceifa*”, segundo o Mestre de Nazaré, não esperam momentos de maturação. Esses campos, em termos celestiais, já se encontram brancos, ou seja, estão cobertos de frutos para a melhor das colheitas. E o homem, pois, não há que esperar, mas partir, de imediato, para realizar, com Deus, a obra que ele destinou no sacrifício que se admitiu: a criação do mundo; mundo no qual passa a prevalecer o **a**mor e a **m**isericórdia, da parte do homem em face de seu igual, na mesma escala de **A**mor e da **M**isericórdia de Deus.

Portanto, sejamos todos “*ceifeiros*” que não “*ceifem*” apenas para si, mas realizem o melhor deste mundo, como degrau necessário para o bendito céu. É óbvio que, nesse fazer, os frutos colhidos lhes serão como primícias e se distribuirão em fartura com todos os homens, mesmo que o campo desse trabalho não tenha tido participação na força real da vida dos frutos deste mundo. Se estes bastam para o sustento, na terra, são, em verdade, em si mesmos, insuficientes para o

sustento no céu. Por isso, a espiritualidade há de vir como importância maior, substancial e, com ela, o poder criador que faz do *“todo-do-mundo-em-que-jaz-o-maligno”* (Primeira Epístola de João, Cap. 5, v. 19) um mundo melhor, alavanca poderosa para o Reino de Deus.

Fazer, sempre, portanto, pelo outro; nunca no exclusivismo de si mesmo - esse é que deve ser o lema do verdadeiro *“ceifeiro”*. Com tal sinete ele não deixa de ser, também, um *“semeador”*, à semelhança de quem primeiro *“semeou”* - Deus -, o qual jamais poderia ser um exclusivista, pois o seu Reino é o conjunto do Pai, do filho e do espírito santo, presentes no coração dos homens, construtores de um mundo melhor, de sorte que, como o Deus criador, possam, em correspondência santa, eles também dizer: *“e o homem viu que tudo quando criado era bom.”* - (Gênesis, Cap. 1, v. 31).

IRREPREENSÍVEL PEDRA

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Evangelho de Mateus:

A confissão de Pedro

Mt 16.13 Tendo Jesus chegado às regiões de Cesareia de Felipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem?

16.14 Responderam eles: uns dizem que é João, o Batista. Outros, Elias. Outros, Jeremias, ou algum dos profetas.

Mt 16.15 Mas vós, perguntou-lhes Jesus, quem dizeis que eu sou?

Mt 16.16 Respondeu-lhe Simão Pedro: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo..

Mt 16.17 Disse-lhe Jesus: Bem aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi a carne e sangue que to revelou, mas meu Pai, que está nos céus.

Mt 16.18 Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, as portas do inferno não prevalecerão contra ela;

Mt 16.19 dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares, pois, na terra, será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus.

Mt 16.20 Então ordenou aos discípulos que a ninguém dissessem que ele era o Cristo.

Mt 16.21 Desde então começou Jesus Cristo a mostrar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse a Jerusalém, que padecesse muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes, e dos escribas,

que fosse morto, e que ao terceiro dia ressuscitasse.

Mt 16.22 E Pedro, tomando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Tenha Deus compaixão de ti, Senhor; isso de modo nenhum te acontecerá.

Mt 16.23 Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: **Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo. Porque não estás pensando nas coisas que são de Deus, mas nas que são dos homens.**

Após vencida a tentação no deserto, talvez estas passagens que se encontram no pórtico destas considerações tenham sido o *intermezzo* de um encorajamento da pessoa de Jesus de Nazaré, para, enfim, assumir, sozinho, a sanha criminosa que lhe era de fácil percepção; sanha contra ele cometida na sexta-feira ignóbil e demoníaca, sem olvidar o preâmbulo dessa agonia, que foi a agonia no Getsêmani; é que, se qualquer homem-médio pode mensurar a consequência natural que advém àqueles que mexem com tantas pedras, tanto mais facilmente podia assim aquilatar (*como deveras aquilatar*) o homem iluminado que foi o Filho do Carpinteiro.

Pois bem: Pedro acabara de ser indagado pelo Mestre sobre o que dele diziam os homens. E, sem titubear, respondeu Pedro que Jesus era o Cristo! Isso bastou para que Jesus, que de tudo era sabedor por conta de sua sintonia com o universo, dissesse não que Pedro era bem aventurado, mas Simão, ou seja, o *lado-carne-e-sangue* daquele seu discípulo era bem aventurado, porque o alcance daquela resposta não foi obtido por esse seu lado, mas o Eu nele integrado à Divindade é que o permitiu. Então, em clima de plena satisfação celestial, decretou Jesus que aquele homem era Pedro, o Pedro homem-espírito; Pedro que era pedra e que sobre esta

pedra que era Pedro seria edificada a igreja dele Jesus; igreja de Jesus, ou seja, igreja (*com i minúsculo*), pois a Igreja (*com i maiúsculo*) era ele próprio o Cristo-Jesus ou o Jesus-Cristo, jamais simplesmente o telúrico Jesus, pois o Cristo sempre foi, é e será a cabeça da Igreja (*com i maiúsculo*), mas o corpo da igreja (*com i minúsculo*) serão os homens.

Esse mesmo Pedro que afirmara ser Jesus o Cristo, animou o Mestre, sem, entretanto, fazer com que ele perdesse o controle de sua divina Onipotência, Onipresença, Onisciência. É que tão distante da sintonia de Jesus, de *humano-tornado-divino* ou de *divino-tornado-humano*, Pedro falava e agia ainda tocado pelo lado humano, puramente, tanto que, instantes adiante, mais um episódio aconteceu, em o qual Jesus se viu compelido a radicalizar não contra o *Pedro-homem-espírito*, mas contra o *Pedro-homem-carne*. Jesus, do alto de sua sintonia cósmica, dizia o que lhe haveria de acontecer em Jerusalém, culminando em sua morte, quando Pedro atalhou reservadamente e disse que de modo algum aquilo poderia acontecer a Jesus. Nessa reação, era o lado humano de Pedro que ganhava realce e, por isso, o Mestre lhe atirou a famosa frase: ***Para trás de mim Satanás, que me serves de escândalo; porque não estás pensando nas coisas que são de Deus, mas sim nas que são dos homens.***

Ora, foi preciso tanta energia para acordar Pedro e retirá-lo da letargia provocada pela sua condição carnal, porque o preocupava antes o que os homens eram capazes de fazer (*matarem criminosamente um inocente*), olvidando o que Deus determinara em seu plano de bondade e de amor (*a entrega plena de Jesus à vontade de Deus, que é também a de se imiscuir em toda a sorte de problemas dos necessitados*).

Estaria essa *entrega* de Jesus representada naquele quadro final de muita dor - sua morte na cruz? Assim podem concluir e se convencerem os que, à semelhança de Pedro (*visto este enquanto ser e na condição de filho de Simão, isto é, filho da carne*), protestam contra a cena

promovida pelos detentores dos poderes sacerdotal, civil e militar daquela época e de hoje, também.

Com um não rotundo, é preciso proclamar, em alto e em bom som, que a *entrega* é tão pura, tão eficaz, tão poderosa, que, antes mesmo do momento fatal da ignomínia cometida, o Jesus que falava a Pedro não era a realidade de carne simplesmente, mas o *homem-divinizado* que começara a morte em sua carne viva, no deserto, em meio a terríveis tentações. Portanto, se é assim, é grosseria tamanha concluir que a *entrega* de Jesus tem a culminância em seu último suspiro dado no alto de uma cruz. Seria isso muito apelativo! Diga-se, pelo lado correto, que a *entrega* (*muito embora por decorrência dela, previsível o mal que lhe fizeram*) se opera no exemplo que ele deixou - ter existido para servir. Não devem os verdadeiros cristãos espelhar-se em outro exemplo como *entrega*, senão no do serviço, que se traduz, simplesmente, no *viço-do-ser*. É mero apelo a compaixão barata dizer que, se não é possível convencer a cristã doutrina pelo serviço, ao menos, em última consequência, deve servir para tanto o sangue de Jesus! Que tamanha sede de sangue! Isso é mesmo um sacrifício que está em rota de colisão com o que quer Deus: *“Não quero violência, nem sacrifícios; quero misericórdia e o conhecimento de Deus”* - Oseias, 6.6 e Mateus, 13.9.

A Divindade, por razão e por amor, se permitiu, junto ao seu unigênito - o Cristo - a humilhação de ser no mundo. Que sacrifício o por ela suportado, por um querer estranho, extravagante, aos olhos dos homens! Foi do seu querer que o sacrifício já se tivesse exaurido no seu gesto de razão e de amor, criando o mundo. Não viria ela impor mais sacrifício, muito menos a Quem, por sintonia tão poderosa, pôde se antecipar ao final escatológico: morrera Jesus ao vencer a tentação no deserto, continuou em processo de morte que mais se acentuava à proporção que crescia o seu público Ministério, até que, já plenamente morto, foi levado a

uma cruz. Ali, apenas morreu a morte física. Porém, o ressurgimento dessa carne, agora com vida espiritual plena, teve sua primeira manifestação no Domingo-Maior, depois com sua aparição no Cenáculo, como assim no caminho de Emaús, no episódio acontecido com Tomé e, finalmente, quando já totalmente desprendido das amarras do mundo e, por isso, ascendido aos Céus, nas dramatizadas línguas de fogo do Pentecostes!

Deixemos de lado, porém, esse quadro doloroso de índole puramente humana, do homem decaído, que somos todos nós homens-carne de todos os tempos. Sim, Jesus mostrou o serviço do *viço-do-ser*, para a reconciliação do homem-espírito com a Divindade, enquanto os homens-carne mostraram como esse seu lado é passível de uma tamanha fraqueza, pois nela assentaram o poder que têm nas mãos para matar, quando a “*indimensão*” verdadeira - a do homem-espírito - se entrega para satisfazer a vontade da Divindade e a de todos os seus irmãos. Nessa *entrega*, que foi a do Jesus-espírito, também se pode processar a *entrega*, de igual modo, por parte de seus irmãos, sem necessidade de uma correspondência com açoites, flagelações e crucificação, pois estas só se prestam para gerar um clima de piedade. Fazer assim é como que repetir a maldade imposta ao Nazareno. O homem assumidamente cristão não é aquele que vive, em celebrações, puramente, fazendo assim para celebrar uma memória; não, isso é importante para lembrar, mas para ser cristão, é preciso se entregar ao serviço, que é o *viço-do-ser*.

Portanto, Pedro, cumprindo o que ditou Jesus, passou a ter as chaves do reino dos céus; chaves que se encontram não propriamente em suas mãos, como depositário único. Na verdade, Pedro é todo aquele homem que usa da chave que está ao lado de seu coração, para abri-lo e passar a praticar o *viço-do-ser*. O

Pedro da chave foi o mesmo que, em sua reconhecida fraqueza humana, confundiu o desígnio de Deus com o desígnio do homem-carne e, por isso, não é confiável. Mas o Pedro verdadeiro, que pode ser você, leitor, é aquele da disponibilidade eterna e infinita à passagem que leve até a chave do coração do homem-espírito, este o único que há de enxergar a realização de algo que jamais poderá tê-lo como seu, como propriedade sua.

Sejamos sempre, leitor, o Pedro consciente de que não basta o que está do lado de fora. É pouco o que pode ser visto pelos olhos da carne e ser tocado pelas mãos da carne também, do lado de fora, pois isto é pura manifestação do mundo, do qual, verdadeiramente, não se pode desligar. Mas, com a consciência disso, é possível esquecer a chave material e deixar agir o homem-espírito, lá no fundo do seu coração e, assim, com a verdadeira chave, agir de modo tal que o nosso Pedro não mais venha a ter repreensões do Divino Mestre.

Finalmente, livres daquela fraqueza, poderemos estar, tanto quanto continua estando o Jesus telúrico para sempre eternizado no coração do homem bom, praticando o *viço-do-ser* sem o incômodo dos Anás, dos Caifaz, dos Herodes e dos Pilatos que teimam em ainda existir nos dias presentes; tudo isso, evidentemente, como fruto daquela coragem do Rabi da Galileia que se não intimidou diante de uma natural fraqueza da carne.

TU ÉS PEDRO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Mt 16.19 dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares, pois, na terra, será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus.

Ligar na terra, *ligar* no céu; *desligar* na terra, *desligar* no céu... - é óbvio que, para essas ações, há de se contar com chaves; e disse o Divino Mestre que Pedro é quem haveria de ficar com elas.

Tudo bem visto nessa visão de olho de carne, dúvida não se há de ter quanto ao poder que foi conferido a uma determinada pessoa: Pedro.

Antes de continuarmos nossa despreziosa incursão em espiritualidade, vamos, primeiro, ao sentido verdadeiro do que seja *ligar* e do que seja *desligar*. Os léxicos dão uma gama de significados para tal vocábulo. Mas, de propósito, vamos desprezá-los, pois o tema aqui abordado é próprio não ao texto em desenvolvimento, mas ao seu contexto. Assim, não se há de pensar em meio-termo; ou se está *ligado* ou se não está; porque o quase-ligado é tanto pouco para a condição de *ligar* como para a de *desligar*. Assim, nunca se deve ater ao sentido do morno, mas sempre ao do quente ou do frio. Só assim se assume a condição plena para *ligar* (com sentido integrador e irreversível) ou para *desligar* (com sentido desagregador, também irreversível).

Mas, verdadeiramente, o que é que se pode e se deve ligar e o que é que se pode e não se deve desligar?

Todo esse complexo tem a ver com *sal da terra* (v. Mateus, 5, 13); *sal da terra* de verdadeiro discípulo de Jesus de Nazaré.

Terra, simplesmente, é manifestação de criação, em seu conjunto mineral, vegetal, animal, na qual uma criatura (*o homem*) terminou como repositório do Sentido, do Verbo que se encarnou. Essa criatura animal tem privilégio ímpar, porquanto em si, em seu inconsciente, habita o Não-ser poderoso. É triste saber que dessa criatura animal muitas não tenham tido o discernimento santo, para abandonarem os seus olhos de carne e, assim, com os olhos do espírito, poderem ter a certeza de que a *terra* que eles são não deve prescindir de sua condição de *sal*, para conservá-la no bem e para preservá-la do mal. Aqui, pois, está o sentido verdadeiro do *ligar* e do *desligar*.

Sendo assim, há que se abandonar o sentido exterior tal como sugere o texto do Evangelho em epígrafe, para mergulhar ao fundo mais profundo da interioridade. Apaguemos, pois, de nossa tela mental a figura de um homem - Pedro - com molho de chaves às mãos, disponibilizando-as a uns aqui e a outros, ali.

Ah, que tristes e felizes são os homens cegos (*em espírito*), pois não descortinam a verdade dos céus, mas, mesmo assim, contam, no final, com a Misericórdia da Divindade. Continuam em cegueira despropositada, não desenvolvem a ação de *sal da terra* necessária para conservá-la no bem e preservá-la do mal, mas, mesmo assim, estão a anos-luz de distância, em termos de graça, daqueles que, presunçosos, se fazem apenas de *sal*, pois são os que não salgam nada.

Leitor prudente, sê tu verdadeiro *sal*, pois é com ele, precisamente, que se promove o *ligar*; já o *desligar* se promove, exatamente, com aquele falso *sal* dos presunçosos.

É preciso, ainda, para adentrar o paiol onde se encontra o verdadeiro *sal*, que se conte com as chaves;

sim, chaves no plural, aquelas chaves que aparecem simbolizadas como depositadas pelo Rabi da Galileia nas mãos de Pedro. Fica sabendo, contudo, leitor, que esse Pedro não é aquela figura adotada como arquétipo de um representante, mas tu mesmo, que tens um coração teu, com tantas portas fechadas e que devem ser abertas para fluir as maravilhas do amor que tens guardado em ti. Toma, pois, dessas chaves e abre, uma a uma, as portas do teu coração, humildemente, *ligando* na terra para que, destarte, resulte *ligado* no céu o propósito maior e verdadeiro da Divindade: o de que tudo e todos sejam salvos no juízo final do seu plano de amor. Se tu és cego (*espiritualmente*) e, por isso, não podes ver dessa maneira aqui indicada, não desespera; a Divindade é Misericordiosa. O desespero há de ficar apenas com aqueles presunçosos que, se fazendo de donos do sagrado, assomam a figura do mando e da exclusividade das coisas do céu, vivendo a retirar o *sal* do coração de outrem e olvidando o *sal* que primeiramente deveria ser utilizado por ele próprio, para tanto se utilizando das suas chaves para abrir o seu próprio coração.

Que lástima ser esta a visão exteriorizada, institucionalizada e que se tem como verdadeira para, enfim, explorar a massa ignara que inocentemente se não apercebe nem de *sal*, *nem de chaves*, *nem de coração!* Faz-se dela, portanto, ovelhas presas, sem direito ao esclarecimento verdadeiro que se faz mister; ao contrário de um esclarecimento, melhor é que assim permaneçam, como forma de um controle social mais eficaz e sadio. Enquanto isso, o falso *sal* continua a ser usado e explorado por tantos que se dizem representantes de Deus, enquanto as chaves... as suas chaves se postam esquecidas ao redor de seus corações, sob o efeito devorador da ferrugem do fim escatológico que haverá de ter o seu dia.

Portanto, não é Pedro Pescador, discípulo de Jesus e que se tornou Apóstolo, quem é detentor exclusivo das chaves. Nada disso. Pedro és tu, leitor, Pedro sou eu e tantos e tantos outros homens que tiveram a graça de viver neste mundo de Deus. Eu, enquanto Pedro que sou, devo usar das chaves dispostas ao lado do meu coração. De igual modo também deves fazer tu, amigo, e assim acho que fazem todos os verdadeiros religiosos e que cada um deles, no íntimo relacionamento com Deus - circunstância esta que é indevassável aos olhos de carne de quem quer que seja - possa se acercar dessa bendita certeza, como graça e nunca como mérito.

Eu sou Pedro, disse-mo o Cristo! Oxalá os meus olhos de espírito possam enxergar todas as chaves que ele dispôs ao derredor do meu coração de Pedro e que, assim, possa viver o *sal* que conserve a minha carne no bem e vivê-lo também como agente que a preserve do mal.

Assim seja!

16

MORTE VICÁRIA, NÃO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Mt 26.26 Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo.

Mt 26.27 E tomando um cálice, rendeu graças e deu-lho, dizendo: Bebei dele todos;

Mt 26.28 pois isto é o meu sangue, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados.

Mt 26.29 Mas digo-vos que desde agora não mais beberei deste fruto da videira até aquele dia em que convosco o beba novo, no reino de meu Pai.

.....
Mc 14.22 Enquanto comiam, Jesus tomou pão e, abençoando-o, o partiu e deu-lho, dizendo: Tomai; isto é o meu corpo.

Mc 14.23 E tomando um cálice, rendeu graças e deu-lho; e todos beberam dele.

Mc 14.24 E disse-lhes: Isto é o meu sangue, o sangue do pacto, que por muitos é derramado.

Mc 14.25 Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da videira, até aquele dia em que o beber, novo, no reino de Deus.

.....

Lc 22.17 Então havendo recebido um cálice, e tendo dado graças, disse: Tomai-o, e reparti-o entre vós;

Lc 22.18 porque vos digo que desde agora não mais beberei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus.

Lc 22.19 E tomando pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim.

Lc 22.20 Semelhantemente, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo pacto em meu sangue, que é derramado por vós.

.....
Jo 6.48 Eu sou o pão da vida.

Jo 6.49 Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram.

Jo 6.50 Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra.

Jo 6.51 Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne.

Jo 6.52 Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a sua carne a comer?

Jo 6.53 Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos.

Jo 6.54 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

Jo 6.55 Porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida.

Jo 6.56 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.

Jo 6.57 Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim.

Jo 6.58 Este é o pão que desceu do céu; não é como o caso de vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre.

Jo 6.59 Estas coisas falou Jesus quando ensinava na sinagoga em Cafarnaum.

MUITOS DISCÍPULOS ABANDONAM A JESUS

Jo 6.60 Muitos, pois, dos seus discípulos, ouvindo isto, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?

Jo 6.61 Mas, sabendo Jesus em si mesmo que murmuravam disto os seus discípulos, disse-lhes: Isto vos escandaliza?

Jo 6.62 Que seria, pois, se vísseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?

Jo 6.63 **O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida.**

O grande incompreendido - Jesus de Nazaré - terminou sofrendo a pena da morte (*física*), numa humilhação realmente muito maior do que a humilhação a que se permitiram a própria Divindade e o seu próprio filho unigênito - o Cristo.

Esse clima de sangue em cima do qual se erigiu a Eucaristia é o que existe de mais errado e enganoso. A construção religiosa encontrou nesse clima o sentido de apelação, em que, como pano de fundo, aparece a

figura, o arquétipo que provocativamente se põe a nos interrogar, constantemente: *“és capaz de suportar tudo isso que suporrei?”*

Sem sermos Judas Iscariotes - precisamente aquele personagem que abominou a condição *“cristica”* de Jesus de Nazaré - devemos também abominar esse sentido apelativo, pois jamais se deveria priorizar essa cena de sangue e se deixar em plano secundário a joia preciosa que foi, é e será, sempre, a eterna lição de Jesus, entregando-se e vencendo o mundo, enquanto vivo ainda estava! Ele tanto disse aos seus contemporâneos que abominava o sacrifício e que, no seu lugar, pretendia a misericórdia, não para salvar justos, mas para salvar pecadores. E foi assim que ele proclamou, pulsando-lhe ainda o sangue nas veias de *“vivo-de-uma-vida-gloriosa”*, que vencera o mundo. Depois dessa sua proclamação é que veio esse desastre que ele previu (*previsão que não lhe foi difícil como difícil não é para qualquer homem de entendimento médio*) e que não tinha como fugir da consciência da importância divina do seu papel; tanto que foi até o fim na sua entrega de *“vivo-já-morto”* por ter vencido o mundo e que, por isso, sua morte física, operada de forma tão cruel e criminosa, não foi sentida; expirou consciente, sem lhe perturbar as sombras dessa morte física, a ela submetendo-se por pouco tempo, para, após três dias, consumir aquela ressurreição que iniciara quando suplantou as tentações no deserto!

Abomine você também, leitor, sem o risco de ser um Judas Iscariotes, essa associação de cena de sangue com Eucaristia. Esse epílogo de tamanha importância para o Cristianismo é, lamentavelmente, a prioridade que se dá ao sentido vicário de uma morte, ou seja, que ela se haja operado por um homem no lugar da morte de todos os demais homens. Isto é puríssimo egoísmo, já que, com essa condição vicária, se deixa todos esses demais homens na condição de um conforto

quanto a nenhum sacrifício deverem ter de suportar! Essa cena de sangue tem a ver com nossa condição humana, condição essa que, embora permitida pela Divindade, nos foi deixada como porta aberta, por via de um arbítrio livre do homem, para se não ver restringido em sua majestade de criação excelente dessa mesma Divindade criadora, para poder, então, ter a liberdade plena de escolha. Pois, no caso do sistema religioso, a opção, lamentavelmente, foi pelo lado pior - aquele que realça a condição fraca de carne, preferindo-se colocar o Filho de Maria como o único a suportar as dores das chibatadas, dos cravos, da asfixia na cruz, para nos aliviar de tantos pesares. Que lástima!

A associação feita pelos Apóstolos, pelos Evangelistas e pelos Doutores da Igreja entre o Calvário e a doação de Jesus necessita então dessa explicação, para que se furtem os homens desse cenário de sangue, pois não se deve nunca ter em mente o Jesus sacrificado como aquele que veio substituir os touros sacrificados do Primeiro Testamento. Não é esse o sacrifício a que se reportou o Divino Mestre. Aliás, ele não priorizou sacrifício algum; muito pelo contrário, ele o abominou, quando, aplicando a dimensão de uma alma livre de amarras terrenas, como a sua, repetiu o Profeta Oseias: *“Não quero sofrimento, mas misericórdia e o conhecimento de Deus”* - Cap. 6, v. 6.

Portanto, o Nazareno fez transmitir por Lucas (*cf. Cap. 22, v. 19*) o verdadeiro sentido de sua última ceia, qual seja o de que de tal modo se fizesse tão somente para celebrar a sua memória, a sua lembrança, nada mais em termos de importância do que isso; jamais que a sua carne *“de homem”* e o seu sangue *“de homem”* pudessem ser comidos e ser bebidos, mesmo que representativamente, como meio de salvação. Valha, pois, como síntese de tudo em torno de uma última ceia, o que está posto em João, Cap. 6, v. 63: *“a carne para nada aproveita”*; as palavras que ele Jesus quis transmitir aos

discípulos são aquelas que se constituem em espírito e vida, necessariamente nesta ordem: espírito e vida; não vida e espírito.

Desvencilhem-se os homens dessa prisão de sofrimento e se deem por completo à misericórdia (*cf. Oseias, Cap. 6, v. 6 e Mateus, Cap. 13, 9*), mediante a qual possam olhar para o rastro da caminhada de sua páscoa (*passagem*) e, à semelhança daquilo que é querido e desejado por Jesus, terem para si mesmos a resposta de Deus quanto a não terem sido em vão os talentos com os quais viemos todos a este mundo: sim, o **eu** fez para o pobre; sim, o **eu** fez para o preso; sim, o **eu** fez para o doente; sim, o **eu** fez para o nu; sim, o **eu** fez para o faminto; sim, o **eu** fez para o sedento e tudo isso assim fez o **eu** não para mim, mas para o grande reencontro desse **eu** do meu pobre mim com a gloriosa Divindade!

E assim, leitor, se deixe invadir da sensação “*crística*”, tão mais reconfortante do que a do que lhe pode dispensar a sensação do ser cristão, pois como acerca deste se apregoa, basta que eu veja em Jesus simplesmente aquele que sofreu no lugar de mim. E a parte de cada um, como responsabilidade individual que assim deve ser, onde fica? (*Jeremias, Cap. 31, vs. 29 e 30 e Ezequiel, Cap. 18, vs. 2, 3 e 4*)

Seja você, leitor, um “*crístico*”, pois assim, ao invés de todos os dias recolocar, você estará retirando da cruz o Filho de José e de Maria, pois as mãos criminosas dos Anás, dos Caifaz, dos Herodes, dos Pilatos de hoje ainda teimam em lhe manter o sacrifício.

VADE RETRO, SATANÁS

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Mt 16.21 Desde então começou Jesus Cristo a mostrar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse a Jerusalém, que padecesse muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes, e dos escribas, que fosse morto, e que ao terceiro dia ressuscitasse.

Mt 16.22 E Pedro, tomando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Tenha Deus compaixão de ti, Senhor; isso de modo nenhum te acontecerá.

*Mt 16.23 Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: **Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não estás pensando nas coisas que são de Deus, mas sim nas que são dos homens.***

Em que é que o satanás deve ficar para trás e, na dianteira, sempre deve ficar o que é Espírito? Quando Jesus disse a Pedro que ele estava agindo humanamente ao protestar contra o que ele proclamara, ou seja, que ele se entregaria, ele abominou esse gesto de Pedro, porque satanás estava possuindo o lado carne de Pedro - Simão -, não permitindo que ele tivesse a visão de quanto necessária era essa entrega que Jesus se estava propondo. Agora, quanto a essa entrega englobar a sua crucifixão, pelas mãos dos homens, nisso reside a necessidade de uma melhor explicação. Essa explicação, aliás, não conduz o seu condutor ao risco de vir a figurar como um Judas Iscariotes; este Judas, como se sabe, também não aceitara o papel de Cristo em Jesus de

Nazaré, pois ele achava que deveria salvar o povo judeu como um agente político.

Jesus, já então morto na carne e vivo no espírito, havia de levar adiante a sintonia alcançada que, de tão íntima com a Divindade, não lhe era fácil um retorno, como aquele tipo de retorno de que fala Pedro, na sua Segunda Epístola (*Cap. 2, v. 22*), quando diz, “*a porca lavada volta ao lamaçal*” ou “*o cão volta ao próprio vômito*”. O Nazareno, enquanto homem, já, àquela altura, divino em toda a sua extensão corpórea e psíquica, não tinha como retornar da entrega representada, não puramente em crucifixão; a entrega real era aquela consubstanciada em prova de amor sobre o quanto lhe foi possível fazer, mesmo que ainda homem-carne, pelos doentes de todo o tipo de enfermidades - seus irmãos contemporâneos; terapeuta ele foi, portanto, do corpo e da alma, de todos quantos, em seu tempo de vivo, se cruzaram em seu caminho e em sua caminhada. Era, então, um ressurgido daquela morte que tivera como porta de entrada a da vitória frente às tentações no deserto de sua interioridade; não um ressurgido da morte física, já que a ressurreição mais importante se verificara antes, fazendo o escatológico preceder ao “*consumativo*” de uma presença física. Sim, antes de um último suspiro de um vivo, que o foi, ele já houvera morrido e ressuscitado, como ser humano-divino ou divino-humano, de sorte que ele foi, é e continuará sendo Deus em eternidade e *infinitude*, pois é Cristo, filho unigênito da Divindade. Esse Cristo é o mesmo que é presente em cada homem e em cada mulher de todos os tempos, mas, no nosso caso, a sintonia não chega a ser sintonia e nem mesmo uma luz tremeluzente de espiritualidade e, por isso, se tem essa condição “*crística*” um tanto tímida ou mesmo de nenhuma expressão. Portanto, se há de caminhar, como Jesus caminhou, em linha de integração com a Divindade, para se alcançar esse estágio; estágio que, para o seu lado de carne, se viu tomado do poder eterno

e infinito, que não tem espaço limitado nem tem fim jamais e que, por isso mesmo, da ressurreição poderosa do espírito resultou, inevitavelmente, em ressurreição também carnal.

Assim, todo o sentido que se procure dar à morte física de Jesus, como sendo vicária, ou seja, como se ele houvesse morrido a morte física no lugar de cada um de nós, como, por exemplo, em exegese apressada, se infere, a tal respeito, na Epístola aos Efésios (*Cap. 1, vs. 7 e 20; Cap. 2, vs. 5, 6, 13, 14 e 15*) há de ser convertido para o sentido verdadeiro que é o da sua morte para o mundo, enquanto vivo ainda, iniciada quando da vitória obtida ante as tentações no deserto. É dessa morte, sim, que tudo quanto havia de ser revelado o foi em sua integralidade. Por isso, aquele Verbo, que se fizera carne desde o princípio dos tempos, somente na carne de Jesus de Nazaré é que teve olhos de espírito verdadeiramente apurados para enxergar a necessidade dessa morte que deve servir de exemplo a cada homem e a cada mulher. Com tal morte, se tem, efetivamente, a ressurreição de uma morte para uma vida, à qual não se seguirá, jamais, uma morte, como aquela que aconteceu ao amigo de Jesus (*Lázaro*). A morte mais importante de Jesus lhe fez conservar um sentido de expressão “*crística*” tão forte, que resultou na realidade espiritual bem expressa na frase de João Evangelista “*Eu e o Pai somos um*”.

Vade retro, portanto, para o Pedro titubeante e *vade retro*, também, para todos quantos, como ele, confundem a importância da primeira morte com aquela praticada pelos homens malvados da época de Jesus de Nazaré; homens esses que persistem, no curso dos tempos, em mantê-lo pendurado em uma cruz, agora ricamente trabalhada em finíssimo e em puríssimo ouro, como elemento chamativo de um arquétipo que jamais passou na cabeça do Nazareno vir a representar. Valha, por isso, a fé dos que não precisam vê-lo ressuscitado, três dias após o crime de que foi vítima, para guardar a

certeza de que ele é realmente um ressurrecto; ressurrecto em muito diferente daquele ressurrecto que ele fizera de Lázaro. É que foi por espírito que ele alcançou essa ressurreição que o fez se antecipar ao eclodir escatológico, quando ainda guardava consigo as pulsações de um coração de vivo da vida deste mundo, tornando-se, antes da morte física, uno com a Divindade.

Pedro não teve essa visão e, por isso, agiu humanamente. Daí, então, a reação de Jesus, dizendo-lhe: *Vade retro*, satanás! E Pedro agia como homem, olvidando a condição de pedra, ou seja, de espiritualidade, sobre a qual havia de ser edificada a Igreja de Jesus, mister de que ficara incumbido pelo Mestre, fazia, aliás, poucos instantes.

18

VIRGEM DIVINDADE VIRGEM

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

- 1) *...a jovem mulher está grávida e dará à luz um filho, e lhe dará o nome Emanuel (Isaias, C 7, v 14);*
- 2) *Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor falou pelo profeta nas palavras: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, cujo nome será Emanuel, que significa: Deus conosco (Mt, 1,22).*
- 3) *Mas, se permitido for, seria também certo dizer: A Virgem dá a luz por meio do Filho...?*

O processo histórico, obra das ações dos homens, fez edificar o sistema de intervenção de Deus, no qual o homem aparece como instrumento para cumprir o plano por aquele traçado. Nesse contexto, está não a Virgem, mas uma virgem. Por ser mulher determinada, esse processo histórico haveria de dizer, necessariamente, quem seria ela. E tivemos essa figura centralizada em Maria, aquela inolvidável protetora que esse processo histórico a fez, sem mentiras, um ser humano admirável e que, mesmo morta, mas assunta aos Céus, continua, nos dias presentes, como continuará, nos tempos futuros, a exercer a grandiosa importância divinal, tantos são os santuários que existem e que crescem em todo o mundo, para cultuá-la. O povo a tem, compreensivelmente, com a maior ternura que filho, que é filho, dedica a quem o gerou e criou.

Mas, com a bondade dos Marianos, seja-me permitido o afastamento desse processo histórico para, dissociando-me da estreita visão do mundo, mergulhar na vastidão do eterno e do infinito da Divindade.

Ah, já que, bondosamente, me foi permitido esse voo (*ou será melhor dizer esse mergulho no profundo do meu interior*), agora, então, no largo do infinito e no sempre do eterno, veem os olhos espirituais que se me depara não uma virgem, mas a Virgem; não uma ação sua contributiva à luz, mas a ação criadora da própria luz; não um filho criado, mas o filho unigênito, criador tanto quanto a própria Virgem!

Eis, pois, o que se me permitiu, por meio, evidentemente, de um “*ver*” que não pode pertencer a nenhum processo histórico. Esse “*ver*” chega ao “*eu-que não-é-em-mim*” e que, em Sentido de integração, assume o complexo do humano-divino, que é próprio da pátria celestial.

Portanto, a Virgem e, não, uma virgem - porque ela é singular, única - concebeu; concebeu em ato conceptivo compreendido em sua auto-humilhação em se admitir a ex-istência. Sim, assim mesmo: ex-istência, no sentido de manifestação do Não-ser fazendo eclodir o ser. Esse existir é, nada mais nada menos, esse universo em vastidão insuscetível de uma apreensão total pela visão puramente humana. Não foi, ainda assim, se despojando solitariamente a Virgem de sua majestade que permitiu o “*fosse*” do mundo e do universo, mas em concomitância de ação criadora com o Sentido, o Verbo - filho unigênito, que terminou se fazendo carne. Essa concomitância criadora, em faixa de auto-humilhação, a Virgem a criou como luz (*Fiat luz = ponto de partida do processo criacionista*) que nada mais é do que a criação. Nesta, onde quer que esteja localizada, quer no tempo, quer no espaço físico, presente é essa concomitância em Sentido imanente como em Sentido transcendente. Este

domina aquele, sem olvidar que aquele é sempre impregnado deste.

Perdão, pois, mais uma vez, por sentir que é preciso essa insistência, para me justificar e não ser alvo de práticas adúlteradoras de uma verdade. Apesar de não estar direcionado, na Bíblia, tal como aqui estou dizendo neste contexto, o voo, leitor (*principalmente se você for Mariano*), que se me permitiu é que me autoriza aquela visão larga e perene, em que a Virgem é a própria Divindade e, não, uma mulher - Maria -, por mais importante que seja o papel desta no processo histórico dos homens.

Veja-se, pois, que o feminino sempre foi o que mais teve poder criador; é que ele é o único que tem útero e que, assim, pode engravidar. A Virgem, pela sua própria razão e por seu próprio amor, se permitiu o despojar aparente de sua majestade divinal e tudo em auto-humilhação de auto-consentimento. E, por desígnio de sua bondade magnânima, fez processar o parto do mundo. Nesse fazer divino, ela, desde antes desse mundo, já contava com o unigênito - o Cristo - aquele acerca do qual o Homem de Nazaré disse: “*Antes que Abraão fosse, eu sou*”- *João, Cap. 8, v. 58*. Pois bem: tanto é correta essa visão que, no ato da criação, e especificamente da criação do homem de barro, masculino (*Cristo*) e feminino (*Divindade*) se tornaram unívocos, somente se separando, ao depois, com o lamentável e maldito episódio do “*conhecimento do bem e do mal*”, no Jardim do Éden.

Portando, “*virgem-mulher*”, em processo histórico, mas “*Virgem-Divindade*”, no foro do “*tabernáculo eterno*”!

19

A MILTON

(em memória do meu irmão, sangue inocentemente derramado)

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Deus dormia,
quando o tiro mortal atingiu o meu irmão,
para que ele não sentisse a dor
da partida deste mundo.
Elevado em minha torre
tudo eu podia observar:
é bastante alta a minha torre.
Mesmo alta, porém, fiquei cego
e não pude evitar aquele grande mal.
Deus me faça também dormir
e que permaneça em minha torre,
vigilante e dormindo o sono;
o sono que me faz resignado.
E que possa dormir, um dia,
o mesmo sono de Deus
que é o sono do meu inesquecível irmão!

20

SEM PERDA

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

“Perda é a dor do que não morre depois de acabar” - eis uma frase que não retrata a importância maior; a importância do espírito. Ela pretende e consegue mostrar que a perda do corpo, ou seja, do elemento material, é insignificante (*isso é indiscutível*), mas se perde diante da *insinuação* de uma perda consistente na “*dor espiritual*”. É que espírito “*não morre*” depois de “*acabar*” o que é material - o corpo. A frase em comento quer realmente emprestar ao seu sentido a dor do espírito, mas labora num terrível engano. Se ao menos tivesse querido se reportar à alma, categoricamente, aí sim, ela estaria com razão. Mas..., esquece a dimensão maior e mais importante, nunca é demais insistir nisto: o espírito; espírito sempre pronto, que não nasce, que não morre, que é infenso a processos doloridos e dolorosos.

Essa dor que, na verdade, não pode ser dor do espírito - já que este é Deus e, sendo Deus, ele não tem dor, ele não sofre por decorrências humanas - essa dor, vínhamos dizendo, só pode ser a dor da alma; da alma daquele homem, daquela mulher que, podendo, não atualizou, em vida, aquilo que podia fazer no sentido de uma integração do Eu (*seu poder interior*) com a Divindade. Daí, então, com a perda da matéria, se esvai a possibilidade, por iniciativa sua, não pela sua energia física, mas pela meditação (*aquela conversa que podia manter consigo mesmo*), de ter agido em direção daquela

integração. Assim não fez, todavia, e, por isso, sua alma fica, após se esboroarem as amarras terrenais, presa às amarras celestiais de penitência, esperando a chegada dos tempos escatológicos, sofrendo da pior das penas, que são exatamente as penas celestiais; esta, precisamente, a dor que deve e que há de ser entendida na dita frase. Pois a alma, apesar de imortalizável, se não for alma boa, ela morre para o céu e submergirá em processo de queima constante, no inferno, até a consumação dos tempos. Portanto, o que “*não morre*” “*depois de acabar*”, constante da frase em alusão, é o espírito e não a alma.

Importante, por isso, é a necessidade de insistir em melhor explicação daquilo que se contém na referida frase. A dor, em verdade, não deve ser encarada como a dor do espírito, mas a dor da alma do pobre homem, da pobre mulher, que continuarão presos, vivendo a sensação de perda, em sua alma; nunca a dor do espírito. O espírito não sofre por decorrências humanas; sofre tão somente por decorrências da própria vontade da Divindade que, por humilhação espontânea, consentiu essa auto-humilhação de criar o mundo e colocar o seu Sentido (*o Verbo*) no homem - em manifestação advinda do “*centro-essencial*” à “*periferia existencial*”. E não se há de olvidar que esse direcionamento se perfaz, por amor, em possibilidade de integração: Eu + Divindade ou mesmo Divindade + Eu, como se queira preferir a ordem.

Portanto, “*o que não morre depois de acabar*” constante da frase em comento não é a alma, pois esta, com o evento morte física, permanece, ainda, mesmo que de índole boa, presa a amarras; não mais amarras terrenais, é verdade, mas a amarra celestial, gozando das delícias do céu, até que se processe o final dos tempos (*escatologia*), quando, então, sobrelevará o nada do eterno e do infinito gloriosos da Divindade; ou então, consumindo-se no fogo do inferno, até, igualmente, a

consumação daqueles tempos, para assistir, enfim, a vitória da glória da Divindade. Eis então o espírito, que é a própria Divindade e que, por isso, não comporta nem “morte” nem “acabar”, porque ele é eterno e para sempre, seja na inglória do mundo, seja na glória do infinito e do eterno. A alma, depois do acabar (*morte física*), morre em seu ciclo de evolução, sim, não de forma imediata, pois fica, no gozo ou no sofrimento, à espera do tempo final (*escatologia*). Esse ciclo de evolução é a soma do tempo do vivo + o tempo do pós-morte física do vivo (*celestial de gozo ou infernal de penitência*).

Lastimável é a situação de quem, mergulhado num mundo de ilusões, pensa e vive apegado a uma realidade falsa, enganando-se quanto a uma perda material, fazendo, em torno dela, tantas vezes, as maiores “louvações”, como, aliás, era a forma de fazer normal na antiguidade, quando e onde se fazia o culto aos antepassados. Isso era uma demonstração de verdadeira prisão, de caminhar para trás, deixando a Divindade abandonada, em termos de importância para o homem. Ainda hoje, conquanto passado tanto tempo, representado em milênios, ainda se vê essa “adoração”, consoante a qual se dá importância de culto ao antepassado, formulando-se a instituição de “*Campos Santos*” os mais suntuosos, verdadeiras “*catedrais*” de riquezas em mármore, em bronze (*só não colocam o ouro por causa do amigos do alheio*), para abrigar uma matéria morta, em decomposição e fétida, que importância alguma pode ter em face do elemento mais específico que é a alma; a alma, essa sim, que é o ponto em que remanesce todo o conjunto de atributos “*personais*” que se esvaiu na terra, mas continua no céu (*ou no inferno das*

tormentas de uma vida, se esta esteve cheia de peripécias e de desencontros com o próximo que nunca pôde ser visto, porque simplesmente ignorado).

Seja a sua alma, prudente leitor, ainda presa a esta imanência, aquela que anele um viver no céu da espera do final dos tempos, convicta de que se abraçará o espírito que ela abrigou com a Divindade, para a glória unicamente desta, soberana e senhora de tudo e de todos. Só assim, não se haverá de falar em dor, mas em gozo realmente espetacular, porque este brotará das gargalhadas que por tempos ilimitados ecoarão no céu, contra a morte física que não nos pôde enganar em tempo algum. Antes dela, se operou aquela morte bendita do morrer na carne viva para viver a ressurreição que nada tem a ver com sacrifício criminoso em cruz de madeira; a verdadeira ressurreição é a ressurreição de Jesus, que riu, às gargalhadas, da morte física antecipada que lhe foi impingida criminosamente pelos seus contemporâneos e que os homens cegos do mundo de hoje ainda persistem em nela o manterem preso, agora em cruz de refinamento e brilho de um ouro que representa a cobiça dos homens.

Fiquemos, portanto, caríssimos leitores, em vez da frase inicialmente posta, com a seguinte sentença, pois será melhor para todos, sem dúvida alguma: *“Sem perda - pois não há dor quando o Eu se integra, de forma anônima e sem ambição alguma, à gloriosa Divindade”*. É, pois, caminho direto, como se costuma dizer em viagens aéreas, sem escala, e de muito mais conforto para a alma, com a certeza de que no céu, pela espera do fim dos tempos, somente lhe serão rendidos gozos os mais deliciosos e espetaculares, sem, para tanto, o corpo em que se abrigava ter agido com interesse pessoal para esse conforto de sua alma!

21

TARDE E MANHÃ

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O homem ganhou, com a desobediência, o conhecimento acerca do bem e do mal. Para isso, avultou, em carne, as vias que, de ordinário, ele as utilizou (*e as vem utilizando*) para tal conhecimento: os sentidos da visão, da audição, do olfato, da gustação, do tato, além das faculdades da imaginação e da memória. Acostumou-se, pois, com o sofrimento decorrente da desobediência e que o fez de estreita percepção, pois outra coisa não pode ver, pelas referidas vias, senão o mundo; mundo que é ele próprio, com sua realidade de nervos, músculos e ossos, e também a sua realidade das circunstâncias, próximas ou remotas, remotíssimas, como são exemplos o seu cachorro de estimação e a estrela Alfa Centauro, respectivamente.

O conhecimento natural a que o homem se atém é diferente do conhecimento de Deus. O Profeta Oseias, no cap. 6, v. 6, disse, acerca de Deus: *“Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos”*.

É, pois, esse conhecimento de Deus que o homem, em sua natureza de *“pós-desobediência”* na terra, deve anelar. Daí que aquele conhecimento limitado das suas vias (*visão, audição, olfato, gustação, tato, imaginação e memória*) não pode, de modo algum, ser canal conducente a Deus. Primeiro, porque não é esse homem natural que, em carne, chega ao conhecimento de Deus. Ele é pequeno, raquítico, ele é criatura e, como tal, em condição de protagonista, ele não poderia jamais chegar

a Deus. Segundo, porque apenas “*se chega*”- não como conquista para si - a Deus, mediante a via que representa ele próprio: o Eu. E esse “*se chega*” se processa em movimento de integração, jamais de absorção. Logo, o conhecimento do bem e do mal é via estreita para “*se chegar*” a Deus. É preciso que o homem-gênero, através do homem-indivíduo, faça a viagem ao deserto de sua interioridade. Ali, sim, o Eu encontra “*oportunidade*” de se integrar à Divindade e dessa integração advém, por via de consequência, as coisas boas, como acréscimo, para o homem-gênero, como promete o Evangelho.

Longe, portanto, do conhecimento do bem e do mal, que é o conhecimento ofuscante, o conhecimento da serpente, o homem-indivíduo, “*navegando*” para o seu interior, se depara com a parte de Deus nele (*o Eu*). Este, diferente do conhecimento do bem e do mal (*intelecto*), não tem sinuosidades, como simbolicamente representa a serpente em seu serpentear. O Eu tem visão de olhos do espírito, que é Deus. E os dois, então, se encaixam (*não esquecer que eles não são, divinalmente, um*) nesse novo conhecimento, na integração daquilo que já traduz o não-ser do eterno e do infinito da “*irrealidade*” bendita, poderosa e do “*misterium tremendum*” da Divindade.

Com os olhos do espírito, então, só o homem-indivíduo pode, saindo do padrão mental da lei, “*como relação necessária da qual deriva a natureza das coisas*”, “*ver*” como “*viu*” Deus, no relato do Livro de Gênesis: ao fim de cada dia da criação, houve *tarde* e *manhã*. Ora, essa é uma ordem que só os olhos do espírito podem perceber, porque os olhos da carne só podem enxergar nesta ordem: *manhã* e *tarde*. Para o homem-gênero, ele só pode natural e compreensivelmente ver que a uma *tarde* precede necessariamente uma *manhã*. Para Deus, porém, e para o Eu do homem (*imagem e semelhança que é daquele*), só para eles é possível a ordem não-natural, em que, primeiro, vem uma *tarde*, para, depois, se ter a *manhã*. E,

coroando a criação, expressar-se da seguinte forma: “*ver que tudo quanto criado era bom...*” - (*Gênesis, Cap. 1, v. 31*).

22

“COMO SE” FOSSE UMA... BRINCADEIRA

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Era mesmo uma brincadeira, ante a forma como se apresentou o personagem principal - o sonhador.

Foram realmente pungentes as palavras dele; eram de uma profundidade espiritual que levava massas ao choro emocional, tanto que a busca de cegos, aleijados, leprosos, por causa dessa profundidade, se tornou intensa.

O sonhador não sabia, entretanto, que após o sonho, os seus seguidores e descendentes iriam colocar tudo sobre os ombros dele.

Começou a chorar, sim, a lamentar, intimamente, que aquele peso estivesse sendo colocado apenas sobre os seus ombros e isso fez todo o mundo rir de felicidade, porque todos passaram a ficar aliviados, diante de um inocente útil, perante quem, tomados de puro egoísmo, encontraram alívio no que se passou a professar, ou seja, que a carga, toda ela deveria ficar com esse sonhador, sobre os seus ombros, como salvador da humanidade.

Já estava em estágio bastante avançado no seu propósito de mostrar que cada um fizesse a sua parte, mas não teve como voltar atrás, mesmo passando, nos últimos dias de sua vida biológica, a sentir que a brincadeira era sobre ele mesmo! Voltar atrás era desdizer-se da verdade eterna acolhida no seu íntimo e proclamada aos quatro ventos.

O sonho acabou e o sonhador sentiu na pele a dureza de um mundo cego, sem luz, mesmo que ele

estivesse olhando para o céu, vivendo-o deliciosamente..., pois o mundo onde ainda estava é, continua e continuará estúpido.

Terminou morrendo na carne viva, entregando-se às consequências, por piores e lancinantes que fossem, não por prazer pessoal, mas por entrega total que os olhos do mundo não podiam enxergar. E a consequência pior - sua flagelação, crucificação e morte - nunca se há de confundir com o mais puro sentido de amor contido em sua entrega, pois aquela sequência, toda ela de sangue, é obra dos homens e não de Deus, o Pai eterno do Cristo que é presente em todos e em cada um de nós - facinora, beato ou santo - e a todos estes ele pregou o amor que nada tem a ver com violência, muito menos aquela que, criminosamente, se lhe impôs impiedosamente.

Essa morte foi condição necessária, entretanto, para que todos pudessem “viver” a verdadeira vida - aquela vida espiritual, operada não necessariamente somente após a morte biológica. A morte de que falou o sonhador e não somente falou, mas a viveu de verdade é a morte para um viver mais do que de sapiência, um viver, isso sim, em que se vive a puríssima verdade que liberta, mesmo ainda se estando na carne viva, isso sim! O Rabi da Galileia fez isso, mas os homens cegos de ontem (*e também os de hoje*) não enxergam a grande verdade que ele mostrou a todos do seu tempo e mostra a todos nós do presente, com a força de sua presença por meio do Paráclito que ele prometeu e não falhou, pois é realidade espiritual não de maior ou de menor fortaleza, mas realidade espiritual pronta, perfeita e perfeita e perfeita.

Portanto, o próprio “*como se*”, do título, já afronta a expressão divina, porque é na perspectiva da ex-istência que ele se projeta. Sendo assim, a brincadeira fique mesmo - como não poderia ser

diferente - nessa perspectiva, pois não se pode brincar com as *“coisas”* do Céu!

23

ENTRETANTO(S)

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Nunca foi tão necessário firmar o possível e o razoável - *entretanto(s)*. Sim, de um lado, um *tanto*; de outro, mais um *tanto*; permeando-os, o *entre*.

Ao assim referir, quero exaltar o *tanto* substantivo, evidentemente; ele que, por si mesmo, já é indeterminado, ganha muito mais em dimensão, quando posto lado a lado, com a preposição *entre* a ligá-los, passando-se, destarte, à ideia de que, além dos dois *tantos*, algo a mais, indeterminado, há.

Largo, pois, a ideia conjuntiva-advérsativa, para ficar com a ponte firmada entre dois *tantos* e dizer que, neste caso, melhor seria dizer *entretantos* do que, singularmente, *entretanto*.

Pois, leitor, atenta para o que te quero dizer, devendo-te imbuir do campo essencial, mesmo que “*indimensionado*”. Importante, ainda mais, é que te conscientizes de que a ponte do *entre* não há de ser uma só, cabendo-te ser o verdadeiro pontífice, para que outras mais e mais pontes sejam firmadas entre os indeterminados *tantos*. Esse é o melhor caminho, porque cego é aquele que somente se limita a uma única ponte entre dois *tantos*. E agora, que já não temos mesmo apenas dois ilimitados *tantos*, vemos que os que vão a eles se agregando de mais outras pontes vão se tornando carentes. E só tu, leitor, és capaz de as construir!

Não deixemos, pois, que o *tanto* que me cabe se isole do *tanto* que és tu. Façamos com que o *entre* da ponte aponte para a união dos *tantos* e assim possamos viver a vida no aconchego e na intimidade que mais

fortes nos podem tornar neste mundo. Só assim este mesmo mundo, perverso em sua íntima e acidental natureza, pode se dar por vencido e, afinal, em gargalhadas de felicidades, poderemos guardar a certeza de que não estamos perdidos. Sim, porque a viagem é longa, em meio a incontáveis *tantos*, os quais, justamente, são e devem ser a condição necessária, essencial, para alcançarmos a ponta final da dimensão verdadeira - a do aconchego com a gloriosa Divindade que, em seu amor, nos há de permitir um termo de jornada verdadeiramente santo: ...*entre tantos tantos*...

24

DESCIA...

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

Lc 10.25 E eis que se levantou certo doutor da lei e, para o experimentar, disse: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

Lc 10.26 Perguntou-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como lês tu?

Lc 10.27 Respondeu-lhe ele: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.

Lc 10.28 Tornou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isso, e viverás.

Lc 10.29 Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo?

Lc 10.30 Jesus, prosseguindo, disse: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos de salteadores, os quais o despojaram e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto.

Lc 10.31 Casualmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e vendo-o, passou de largo.

Lc 10.32 De igual modo também um levita chegou àquele lugar, viu-o, e passou de largo.

Lc 10.33 Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou perto dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão;

Lc 10.34 e aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; e pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele.

Lc 10.35 No dia seguinte tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que gastares a mais, eu to pagarei quando voltar.

Lc 10.36 Qual, pois, destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?

Lc 10.37 Respondeu o doutor da lei: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Disse-lhe, pois, Jesus: Vai, e faz tu o mesmo.

Descia um homem de Jerusalém...a Jericó;
descia....

Por que *descia*?

Quem *desce*, vem de cima; se vem de cima, é porque a Jerusalém de onde vinha o dito homem está em cima, no alto.

E está mesmo; está no alto, não porque a Jerusalém verdadeira, retratada na parábola, esteja situada em uma colina e, via de consequência, geograficamente localizada em plano superior aos que lhe estão em derredor; ela está no alto, porque a Jerusalém, ora tomada em visão espiritualizada, é celestial - disso não se há de ter a menor dúvida. Enquanto isso, no ponto mais abaixo de quem *desce*, está... Jericó.

Sendo assim, a *descida* aqui reportada é a de alguém que está no céu; é o homem-espírito, que vive preso a amarras terrenais, durante o tempo em que se processa a *ex-istência*, como preliminar da eclosão escatológica. Essas amarras constituem o contraponto daquele homem-espírito, pois este decorre da palavra;

não é somente espírito, mas vida, também; vida que, em somente se *descendo*, se pode vivê-la; é que a palavra, o verbo se fez carne.

O homem *descia* (*ação de passagem*); sim, *descia* e, nesse *descer*, está a páscoa de todos e de cada um de nós; pois páscoa é passagem. *Descia...* não se disse desceu, nem descerá; ficou dito *descia*, ou seja, no sentido de se estar nesse tempo presente de uma afirmação, na plenitude do viver. É o vivo vivendo a vida. Vivo que é parcela passageira de uma vida que é perpétua para o sempre deste mundo. Sempre, contudo, diferente daquele verdadeiro sempre: o do eterno; pois mundo é continente da vida em a qual estão passando os vivos de todos os tempos.

Ah, os vivos, ou seja, os que têm a vida deste mundo estão todos *descendo*. Vivem a páscoa, a passagem necessária, pois ela é espírito e vida, rigorosamente nessa ordem: espírito e vida; não e nunca vida e espírito. O espírito penetra a vida e não esta penetra aquele. Vive-se a passagem permitida pela Divindade, suportando o mesmo sacrifício que ela, por razão e por amor, se permitiu em auto-humilhação, ao criar o mundo, num desígnio que não cabe ao homem perscrutar.

Nessa *descida* de todos nós - os vivos - lá se nos depara o viver de tanta mistura e diversidade (*Jericó*); mistura e diversidade (*Jericó*) que somos todos nós e das quais não temos como fugir; não temos, porque é vã a tentativa dessa fuga e, depois, só temos que recorrer cada um a nós mesmos, procurando amenizar os efeitos dessa mistura e dessa diversidade (*Jericó*) no “*amando-nos uns aos outros*”.

Veja-se que a *descida*, no episódio evangélico em destaque, não era a de um homem apenas. Ela é inerente a todo e qualquer homem, desde Adão ao filho de mulher nascido ou que ainda está por nascer. Nessa inerência própria a cada um surge o inevitável do nosso

encontro, no mundo. Ninguém se pode dizer nele sozinho. Somos todos companheiros de uma mesma jornada.

É nessa jornada onde se processa tamanha mistura e diversidade (*Jericó*) que, tantas vezes, nos conduzem ao desequilíbrio perturbador da alma. O homem-espírito conta, no mundo, com a sua alma. Mesmo preso, com esta, em amarras terrenais, tem a chance da verdadeira condução integradora entre homem-espírito e Divindade, podendo, com isso, usufruir da parcela mínima, que é o acréscimo prometido no Evangelho, para quem, primeiro, procurar viver o Reino dos Céus.

Pois bem: a miséria da mistura e da diversidade (*Jericó*) é tão presente que quem primeiro perturba o homem-espírito é aquele vivo que lhe tira o necessário de seu sustento, além de lhe atingir o lado vivo desta vida - o seu corpo. Foi assim que agiram os assaltantes da parábola: levaram tudo do homem que *descia*, além de lhe ferirem o lado vivo, como se eles também não tivessem esse lado de vivo como repositório do homem-espírito presente neles também! Lástima ainda maior é que, dentro da mesma mistura e diversidade (*Jericó*), diferente dos assaltantes, houvesse quem passasse perto do ferido e o ignorasse simplesmente. Pior fizeram estes do que o que foi feito pelos próprios assaltantes. Omitiram-se, quando, pelo ofício que abraçaram, assomava, em primeira linha, o dever do socorro e da solidariedade: um sacerdote e um levita.

Mas esses próprios que se deixaram encalacrar em omissão também são o mesmo samaritano, estrangeiro, que, entretanto, ficam a recuar as mãos para os gestos de grandezas. É que, inapelavelmente, todos e cada um de nós - os vivos - temos o lado samaritano da vida solidária, naturalmente; solidária, como reflexo natural de carga poderosa de perpetuidade da própria vida, no curso do tempo. A vida ela é perpétua e, por

isso, os vivos, todos eles, guardam, inevitavelmente, o seu lado samaritano, que tende a proteger a caminhada daquela rumo ao grande cenário escatológico.

A grande compreensão universal está em que assaltantes, de um lado, de outro os grandes omissos e, por fim, os samaritanos, a grande compreensão universal - dizíamos - está em que nessa mistura e nessa diversidade grandiosa (*Jericó*) ninguém é melhor do que ninguém, pois ninguém é vítima senão do que é intrinsecamente em si mesmo. O próprio homem-espírito que *desce* (*todos descemos*) jamais se poderá dizer, em lado de alma presa em amarra terrenal, livre de mazelas e de vícios da mistura e da diversidade (*Jericó*) em que vivemos. Deve-se ter consciência disso, mormente quando se desperta para a espiritualidade: o mais espiritualizado dos homens há de reconhecer que o seu lado samaritano não está infenso, definitivamente, às misérias do viver misturado e diversificado (*Jericó*). Não é sem razão que o samaritano da parábola é um estrangeiro. Sim, o samaritano, todo ele é estranho a nós, à realidade do homem que tem alma presa em amarra terrenal; justamente porque esse samaritano está muito mais do lado que *desce* - o lado do homem-espírito; contudo, não é no plano de sua pátria celestial que se processa a sua manifestação; é aqui mesmo, nesta terra de tantas amarras para a alma (*Jericó*) que ele faz operante a larga bondade do seu coração, ajudando a que se alevantem do chão as vítimas das investidas dos salteadores e do indiferentismo dos omissos, sarando-lhes as feridas, gratuitamente, à semelhança de como, também gratuitamente, hão recebido o galardão dos Céus.

25

SALMO 139
HINO AO DEUS ONISCIENTE

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

SIM!!!

- “1. Senhor, tu sondas e conheces o homem.
2. Tu conheces o sentar e o levantar; de longe entendes o pensamento.
3. Esquadrinhas o andar e o deitar, e conheces todos os caminhos.
 4. Sem que haja uma palavra na língua, eis que, ó Senhor, tudo conheces.
5. Tu cercas em volta, e pões sobre todos a tua mão.
6. Tal conhecimento é maravilhoso demais para o homem; elevado é, não o pode atingir.
7. Para onde o homem irá do teu Espírito, ou para onde fugirá da tua presença?
 8. Se o homem subir ao céu, tu aí estás; se o homem fizer no Seol a sua cama, eis que tu ali estás também.
 9. Se o homem tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar,
10. ainda ali a tua mão o guiará e a tua destra o susterá.
 11. Se ele disser: ocultem-me as trevas; torne-se em noite a luz que me circunda;

12. nem ainda as trevas são escuras para ti, mas a noite resplandece como o dia; as trevas e a luz são para ti a mesma coisa.
13. Pois tu formaste os rins do homem; entreteceste-o no ventre da mãe.
14. O homem te louvará, porque de um modo tão admirável e maravilhoso foi formado; maravilhosas são as tuas obras, e a alma do homem o sabe muito bem.
15. Os ossos do homem não te foram encobertos, quando no oculto foi formado, e esmeradamente tecido nas profundezas da terra.
16. Os teus olhos viram a substância do homem ainda informe, e no teu livro foram escritos os dias, sim, todos os dias que foram ordenados para o homem, quando ainda não havia nem um deles.
17. E quão preciosos são ao homem, ó Deus, os teus pensamentos! Quão grande é a soma deles!
18. Se o homem os contasse, seriam mais numerosos do que a areia; quando o homem acorda ainda está contigo.
19. Oxalá matasses o perverso, ó Deus, e que os homens sanguinários se apartassem deles homens ,
20. homens que se rebelam contra ti, e contra ti se levantam para o mal.
21. O homem não odeia, ó Senhor, aqueles que te odeiam? e não se aflije por causa dos que se levantam contra ti?
22. Odeia-os com ódio completo; tem-nos por inimigos.
23. Sonda o homem, ó Deus, e conhece o seu coração; prova-o, e conhece os seus pensamentos;
24. vê se há nele algum caminho perverso, e guia-o pelo caminho eterno.

NÃO!!!

1. Senhor, tu me sondas, e me conheces.
2. Tu conheces o meu sentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento.
3. Esquadrinhas o meu andar, e o meu deitar, e conheces todos os meus caminhos.
4. Sem que haja uma palavra na minha língua, eis que, ó Senhor, tudo conheces.
5. Tu me cercaste em volta, e puseste sobre mim a tua mão.
6. Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim; elevado é, não o posso atingir.
7. Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua presença?
8. Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também.
9. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar,
 10. ainda ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá.
11. Se eu disser: Ocultem-me as trevas; torne-se em noite a luz que me circunda;
12. nem ainda as trevas são escuras para ti, mas a noite resplandece como o dia; as trevas e a luz são para ti a mesma coisa.
13. Pois tu formaste os meus rins; entreteceste-me no ventre de minha mãe.
14. Eu te louvarei, porque de um modo tão admirável e maravilhoso fui formado; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem.

15. Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado, e esmeradamente tecido nas profundezas da terra.

16. Os teus olhos viram a minha substância ainda informe, e no teu livro foram escritos os dias, sim, todos os dias que foram ordenados para mim, quando ainda não havia nem um deles.

17. E quão preciosos me são, ó Deus, os teus pensamentos! Quão grande é a soma deles!

18. Se eu os contasse, seriam mais numerosos do que a areia; quando acordo ainda estou contigo.

19. Oxalá que matasses o perverso, ó Deus, e que os homens sanguinários se apartassem de mim,

20. homens que se rebelam contra ti, e contra ti se levantam para o mal.

21. Não odeio eu, ó Senhor, aqueles que te odeiam? e não me aflijo por causa dos que se levantam contra ti?

22. Odeio-os com ódio completo; tenho-os por inimigos.

23. Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos;

24. vê se há em mim algum caminho perverso, e guia-me pelo caminho eterno.”

SIM!!!

“1. Senhor, tu sondas e conheces o homem.

2. Tu conheces o sentar e o levantar; de longe entendes o pensamento.

3. Esquadrinhas o andar e o deitar, e conheces todos os caminhos.

4. Sem que haja uma palavra na língua, eis que, ó Senhor, tudo conheces.

5. Tu cercas em volta, e pões sobre todos a tua mão.

6. Tal conhecimento é maravilhoso demais para o homem; elevado é, não o pode atingir.

7. Para onde o homem irá do teu Espírito, ou para onde fugirá da tua presença?
8. Se o homem subir ao céu, tu aí estás; se o homem fizer no Seol a sua cama, eis que tu ali estás também.
9. Se o homem tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar,
10. ainda ali a tua mão o guiará e a tua destra o susterá.
11. Se ele disser: ocultem-me as trevas; torne-se em noite a luz que me circunda;
12. nem ainda as trevas são escuras para ti, mas a noite resplandece como o dia; as trevas e a luz são para ti a mesma coisa.
13. Pois tu formaste os rins do homem; entreteceste-o no ventre da mãe.
14. O homem te louvará, porque de um modo tão admirável e maravilhoso foi formado; maravilhosas são as tuas obras, e a alma do homem o sabe muito bem.
15. Os ossos do homem não te foram encobertos, quando no oculto foi formado, e esmeradamente tecido nas profundezas da terra.
16. Os teus olhos viram a substância do homem ainda informe, e no teu livro foram escritos os dias, sim, todos os dias que foram ordenados para o homem, quando ainda não havia nem um deles.
17. E quão preciosos são ao homem, ó Deus, os teus pensamentos! Quão grande é a soma deles!
18. Se o homem os contasse, seriam mais numerosos do que a areia; quando o homem acorda ainda está contigo.
19. Oxalá matasses o perverso, ó Deus, e que os homens sanguinários se apartassem deles homens ,
20. homens que se rebelam contra ti, e contra ti se levantam para o mal.
21. O homem não odeia, ó Senhor, aqueles que te odeiam? e não se aflije por causa dos que se levantam contra ti?
22. Odeia-os com ódio completo; tem-nos por inimigos.

23. Sonda o homem, ó Deus, e conhece o seu coração;
prova-o, e conhece os seus pensamentos;
24. vê se há nele algum caminho perverso, e guia-o pelo
caminho eterno.”
-

Portanto, leitor, desgruda-te de ti mesmo, impessoaliza o canal de comunicação pretendido e sai dessa via estreita do pessoal, na medida em que, ao contrário de Davi, homem pecador como nós, devemos sondar, por autorização divina, o homem-espírito - único que pode ter com a Divindade um diálogo de ditos indizíveis, no quantum nos possa ela consentir, na medida humana que sua Misericórdia sempre nos haverá de sorrir!

26

VERBO MÃE VERBO*(uma lembrança da minha mãe e do meu pai, também!)**(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)*

Estou, ainda, na barriga da minha mãe; um ser pequenino, minúsculo, inexpressivo, em comparação com a imensidão, que é o universo. Entretanto, essa realidade substantiva (*perdoem o pleonasm*) que hoje se transformou no que eu sou - um ser adulto - apenas aparentemente apresentou evolução, porque esta, ao tempo em que avança, involui, também; acha-se presa a uma realidade que é finita, embora grandiosa. Esse ser (*que foi pequeno, que se tornou grande e que não deixa de ser pequeno porque um dia terá fim*) é essencial, pela vontade da Divindade, para poder exprimir essa realidade na qual ela, a Divindade, se permitiu com tamanha auto-humilhação.

Ante e também na essencialidade de sua conformação, o ser nascido de mulher é criatura, portanto, ser finito. Contudo, que graça lhe permitiu a Divindade! Qualquer que seja a sua condição (*branco, preto, rico, pobre, gênio, demente etc*), ela, a Divindade, poderosa e misteriosamente, não é, em expressão infinita e eterna no seu interior (*desse ser nascido de mulher*), tanto quanto mais profundamente for esse interior. Logo, aquele ser substantivo, essencial como veículo de vida, dele não se pode prescindir, mas não vale dele se fazer a peça principal, fundamental. Diga-se que ele é o apoio, mediante o qual se avança em evolução/involução, em via de conhecimento intelectual, tendo, como ponto final, não efetivamente a sua morte biológica, mas o final dos tempos (*escatologia*). Todavia, mais importante é o outro conhecimento mais valioso, o conhecimento

pela via da meditação em que o homem-indivíduo conversa consigo mesmo, pois desse conhecimento decorre a possibilidade do Verdadeiro Conhecer, ainda que não se disponha mais de um cérebro para tanto. Refiro-me à expressão divina no homem; não à sua alma, que é imortalizável, mas, de qualquer sorte, está fadada a um fim, no final dos tempos. Reporto-me àquela expressão divina, a qual deve ser “*perseguida*”, porque ela não tem existência e, em que pese não ter existência, ela é eterna, ela é infinita, como infinita e eterna é a Divindade.

Na barriga da minha mãe, então, eu sou e continuo pequeno no mundo extrauterino em que deva passar o tempo do vivo de evolução/involução. Dou-lhe (*dou-lhe, sim, com o verbo no tempo presente, pois não é porque ela tenha morrido a morte física, biológica, que eu tenha de lhe faltar nesses aspectos*), dou-lhe, vinha dizendo, o amor filial tanto de sangue como de sentimento, mas não me socorrem eles em definitivo a parte mais importante em mim, como em qualquer ser nascido de mulher. Essa parte - se é que assim se pode chamar, sem cometer heresia - não é parte porque é tudo, ou melhor, não é, não existe e, mesmo assim, pode mais do que tudo, porque nela repousa o divino.

Justamente nessa parte se conjuga, ou mesmo se reflete poderosamente a força “*crística*”, que é o filho unigênito da Divindade, melhor explicando, o Cristo, primeira manifestação individual dela Divindade. É com ela que eu homem-carne, minha mãe e todo e qualquer ser nascido de mulher vivem o Éden de sua existência neste mundo.

Bom, chegamos, finalmente, ao Verbo. Com ele, nele e por ele, vou e vamos indo todos, pela vontade da Divindade, durante todo o tempo da existência dos vivos e também da existência dos pós-vivos, no reino das almas, que sofrem quando não enxergam o próximo durante a vida dos vivos e gozam, quando os enxergam, nesta vida dos vivos; vamos indo todos, adentrando a

expressão maior, indefinível, indizível dos páramos divinais; aliás, por ser indizível, indefinível se não compraz ela, a Divindade, com quaisquer adjetivações seja de grandeza ou mesmo de pequenez, muito menos as de sentido de uma palavra como páramos, tão pouco frequente ao linguajar cotidiano e que mais serve de enfeite literário.

Ah, minha mãe, você foi veículo do verbo e sua alma, porque boa, continua, na dimensão do pós-vivos, sorrindo a alegria da expectativa de uma escatologia sem sofrimentos. Eu também anelo, como a senhora, desinteressadamente, essa expectativa, massacrando o ego maldito que só enxerga o interesse pessoal.

Importa, enfim, é que nessa dimensão que não é maior, nem menor, que também não é dimensão, por deficiência da linguagem de quem é limitado como nós, possamos todos não ser na expressão poderosa e misteriosa da Divindade, tanto antes, durante e o passar da existência consentida amorosamente por ela e por seu filho unigênito, o Cristo.

Nessa dimensão eu quero estar com minha mãe, não; melhor é a afirmação de que nessa dimensão eu já não sou poderoso e misteriosamente com ela, com a Divindade e com o seu filho unigênito.

Perdoem todos essa pretensão, mas não há de ser vista como falsa, quando se trata de alguém que por si já é santa: a minha mãe - tão poderosa e misteriosa como a virgem divina, a Divindade, que se permitiu a auto-humilhação, tornando-se ser, juntamente com o seu unigênito filho, o Cristo, em cujo misterioso “corpo” quero estar, ou melhor, quero não ser o poder todo poderoso do eterno e do infinito, tudo isso com aquela de cujo ventre eu saí e com cuja espiritualidade eu anelo a integração com a Divindade.

Tem mais: se estou, ainda, como ser da escala evolutiva/involutiva, na barriga da minha mãe, vivendo a extrauterina ex-istência, a semente recaída em seu

útero continua em mim, e tanto quanto ela é santa, santa, também, é aquela semente - o pai (*sempre papai*), de cuja vitalidade conjugada ao óvulo em minha mãe, me fez ser. A ele, lhe devoto, igualmente, o sentimento de carne e de afeto, que, à semelhança dos que nutro para com a minha mãe, não me bastam, enquanto homem-espírito. Nessa dimensão (*a do espírito e, por isso, mais propriamente indimensão*), não digo quero estar; digo, seguramente, que com ambos nela já me encontro e enxergo quanto ela é larga e duradoura, Eterna e Infinita!

Portanto, não somente mãe-virgem, mas útero sempre complacente à santa química que, em composição, resultou nesse ser minúsculo que continuo sendo na terra e *não sendo* poderoso e misteriosamente no Céu, pela Divina Graça!

27

SÍNTESE DE JESUS DE NAZARÉ

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Sim, diferente de muitas personalidades expressivas do mundo religioso, Jesus, ao tempo em que buscava a Deus, numa relação tão íntima que chegou a chamar a este de Pai, não foi aquele homem que procurou se isolar de seus iguais. Pode ser verdade que ele, de início, se isolou, permanecendo no deserto por quarenta dias; deserto esse que tanto pode ser a região geográfica, tão bem conhecida por ensinamentos em livros, em filmes, nas escolas etc., como pode ser tão somente o de sentido simbólico, ou seja, significativo de que ele viajou interiormente, no diálogo secreto que ele manteve tão intensamente com a Divindade, a ponto de, com autoridade indiscutível, haver proclamado *“Eu e o Pai somos um”*. Essa unidade mística, porém, não foi algo que se manifestou de forma isolada, estéril; pelo contrário, ele fez questão de mostrar que era Deus-homem (*ou homem-Deus*) já no ápice do seu Ministério Público, fazendo-se presente em todos os momentos difíceis vividos pelos seus irmãos, não somente os de sua nação, mas todo e qualquer homem de qualquer raça, de qualquer credo, de qualquer Estado político. Neste ponto, exatamente, ele se mostrou, ante o outro lado da face mística, um crítico profundamente contrário a injustiças; injustiças não de Deus, evidentemente, mas injustiças do próprio homem, em sua conformação social, moral e ética.

Por outro lado, transparecem as outras faces do Nazareno nas dimensões de Mestre e de Terapeuta. Mestre, como se sabe, é aquele que faz com o exemplo de si mesmo, sem preocupações pessoais, no sentido de

querer “aparecer”. Aliás, há um certo ditado que diz: “Quando o discípulo está pronto, o Mestre aparece.” Esse “aparecer”, contudo, não é de vontade sua, mas decorrência natural da força interior que se projeta no exterior. O Nazareno, pois, como Mestre, não se utilizou de ninguém. Ele se colocou à frente de tudo e à frente de todos. Não enganou a ninguém. E, nessa condição de Mestre, ele propiciou que muitos indivíduos se curassem, numa terapia que é salvadora e que deve ser vista com os olhos do espírito, apesar de os homens tenderem a vê-la como algo que toca o corpo físico, de forma direta. Veja-se, a propósito, o caso do cego de nascença (*João, Cap. 9*): não interessou a Jesus a pergunta atravessada, sem sentido, que lhe foi formulada: quem pecou? O pai ou o filho, para que este tivesse nascido cego? Que resposta sábia, santa a do Nazareno! Nem pecou o pai, nem o filho - disse ele. E acrescentou que o fato há de ser visto como um meio para que, de qualquer sorte, prevaleça a vontade dele Deus. Assim, o cego que o deixa de ser não é aquele que passa a enxergar as coisas tangíveis, mas aquele que passa a enxergar com os olhos do espírito. Sendo assim, o ser humano, mesmo cego fisicamente, pode passar a enxergar a luz salvadora, aquela que faz abrir os olhos do espírito e que leva e que conduz o homem-espírito à integração com a Divindade. Nesse contexto, premiado será o homem cego, enquanto de carne, porque será alvo de acréscimos em sua vida terrenal, não, evidentemente, para a sua satisfação pessoal (*egoísmo*), mas como oportunidade que passa a ter para poder fazer pelos outros de forma não ambiciosa e anônima; e muitos são os que estão à sua espera: os cegos, os famintos, os sedentos, os nus, os presos. Cada vez, então, que o homem assoma essa dimensão ele está em sintonia com a Divindade e, “tanto quanto” ela ou “mais do que” ela, pode restituir esse mundo a um paraíso melhor, de modo a tornar “o mundo-sem-Deus

num *Deus-mundo*”, no qual não haja cegos, nem famintos, nem sedentos, nem nus, nem presos de espécie alguma.

Você que me lê, faço votos de que arda de desejo da paz desse homem verdadeiro - o Nazareno - como assim se expressou Santo Agostinho, apesar de ter vivido num tempo de muita escuridão que, entretanto, foi vencida pela sua alma de homem santo.

28

SEM QUERER SER PRETENSIOSO...

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Sem querer ser pretensioso, enxergo em mim, enquanto homem-carne, a intimidade com Deus, pelo homem-espírito, e não posso dizer aos homens em geral o quão sofrido é Deus - em sua auto-humilhação, por razão e sobretudo por amor -, porque, neste ponto, nada vale para ser dito, sendo preferível, por isso, o silêncio do indizível; silêncio que é angustiante para o homem-carne, mas não o é para o homem-espírito. Sendo este (*o homem-espírito*) de importância maior, termina instalando no coração do homem-carne o prazer pela vida sem mais imperar o sentimento de angústia. Esse sentimento deixa de existir pelo fato de que o homem-carne passa a um estágio de realização do outro; realização que tem por canal necessariamente ele (*homem-carne*), refletindo, em última análise, nele, mas operando a obra maior naquele (*o outro*).

Os homens em geral me impedem de fazer chegar a eles a verdade do céu, porque esta somente pode ser alcançada por homens *iniciados* ou aqueles *iniciandos* na senda da espiritualidade. E aqueles (*os homens em geral*) são justamente os profanos, a quem a majestade de Deus não lhes imputa a culpa e a condenação, porque são cegos para a luz que salva, ponto esse no qual, exatamente, entra em ação a magnânima e misericordiosa bondade divinal.

Eu queria, sinceramente, que estivéssemos em estágio de espiritualidade, onde todos os homens, indistintamente, fossem qualificados como *iniciados* ou *iniciandos*. Só assim a humanidade poderia ser mais feliz, porque todos aprenderíamos a angústia de Deus,

que é também a nossa angústia. A diferença entre ambas é que a angústia de Deus foi por ele querida e planejada em permissão de puríssima humildade. Já para o homem essa angústia é reflexo do qual não tem como fugir e se lhe torna cada vez mais presente na medida direta de um sofrer e cada vez mais ausente na medida, também direta, da resignação ante esse mesmo sofrer, desde que prevenido se encontre de quão pernicioso é o seu alastramento.

Guardo comigo, em silêncio celestial, a alegria que não me faz a carne presunçosa, mas cônica da condição escrava de servir, desde que não seja esse servir para gáudio dela, mas sim para gáudio da sempiterna Divindade.

Eu me dou essa alegria, cujo gozo apenas o homem-carne pode usufruir, já que esse sentimento se alia à órbita mundana, ficando o homem-espírito indiferente à importância que ela pode representar, por ser representativa de algo limitado e, por isso, de pequenez flagrante para o homem-espírito. Então, em meio a todos os homens (*não o digo durante todos os momentos do meu sentir, já que naturalmente me vejo invadido também por sentimentos de profanidade*) eu sinto a intimidade com o sofrer e a angústia divinas, justamente porque, para tanto, eu devo estar no caminho da espiritualidade; nele, com certeza, eu deverei ser ou já um *iniciado* (*o que é difícil, raro, raríssimo, pois somente reservado aos santos*) ou já um *iniciando*; sim, *iniciando* em vias de uma espiritualidade inesgotável, gozando o sofrimento de Deus, que também é sofrimento meu, enquanto homem-espírito a ele Deus integrado, com reflexo inevitável no meu lado homem-carne, único que é o alvo dos acréscimos prometidos pelo Evangelho, quando se busca, primeiro, o reino dos céus (*Lucas, Cap. 12, v. 31*).

Sou naturalmente profano sim, até a chegada inevitável da “senhora da foíce”. Mas, nessa expectativa, eu sorrio, tendo como adjutor, nesse sorrir,

o homem-espírito que, também inevitavelmente, reside no eu que é o próprio Deus em mim. É mesmo nesse sorriso onde se integra o eu à Divindade que o homem-espírito navega as águas tranquilas da espiritualidade, seja como um *iniciado*, seja como um *iniciando*, mediante a infinita bondade do poder divinal.

Tudo isso - não custa insistir - sem querer ser pretensioso...

29

VERECÚNDIA

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

No campo da vida religiosa, qualquer que seja a sua orientação (*bramanista, budista, cristã, muçulmana etc.*) há como que uma escama que faz bloqueada a visão de muitos homens, pois estes teimam em ter nesse campo apenas a visão dos olhos de carne... É uma lástima. É justamente essa escama que os torna insensíveis, a ponto de não enxergarem a vergonha que deveriam ter, pelo fato de fazerem do exercício religioso o meio de seu sustento.

A vergonha que eles não veem e que também - na visão social - não é vista pelos homens em geral, se transforma, simplesmente, em algo que é aceito como normal, naturalmente encarado como a forma correta de tratar das “*coisas*” de Deus.

Quando o homem deixa de usar os olhos de carne e, com os olhos do espírito, passa a penetrar o terreno inesgotável da espiritualidade, ele enxerga, finalmente, quão vergonhoso é o papel de quem usa de uma condição religiosa para dela fazer a fonte do pão de cada dia. Diz o livro dos judeus e dos cristãos - a Bíblia - em Deuteronômio, 25, 4, Lucas, 10, 7 e 1ª Timóteo, 5, 18, respectivamente, que “*não se ata a boca ao boi que debulha*”, “*...pois digno é o trabalhador do seu salário...*” e “*Não atarás a boca ao boi quando debulha. E: Digno é o trabalhador do seu salário*”, em diretas afirmações de que o verdadeiro pregador deve “*viver*” da palavra que ele prega.

Quão certas essas palavras contidas no aludido Livro Sagrado, desde que - é claro - deixem de ser usadas com olhos de carne, resultando, por isso, *i. é*, por

esse tipo de uso, em acomodação que vem sendo aceita, no curso dos séculos e dos milênios, a pretexto de manutenção de uma classe.

Traz-se aos olhos do espírito essa sentença iluminada, porque advinda da força potente e misteriosa - Deus - e se enxerga, destarte, que a boca a que ela se reporta não é efetivamente aquela ávida pela comida que sacia a fome física. Quer ela dizer, isso sim, que o homem está eternamente condenado se ele atentar contra a boca que propaga a verdade do céu, porque contra a vontade de Deus jamais prevalecerá qualquer ato humano. Propagar a verdade do céu é, em si mesmo, “alimento” e “pagamento” com os quais se sacia e se dá como ressarcido o homem-espírito. É este - *cujo homem-carne vem correspondendo a um boi que debulha, fazendo jus a um salário* - aquele que recebe de graça e de graça dá. Diferentemente do boi que debulha e do homem-carne, tem plenamente assumida a condição homem-espírito e, nesta condição, não tem como querer “alimento” melhor e “pagamento” mais justo do que ser Mestre verdadeiro - aquele que realiza com o exemplo de si mesmo, somente aparecendo quando o discípulo cresce.

Verecúndia, portanto, deveria ser o sentimento de todo e qualquer homem-carne que retira o menor proveito financeiro de sua atuação religiosa, isso, evidentemente, quando se tem em vista apenas e tão somente a visão de olhos do espírito; se não a tem, impossível é acometer-se daquele sentimento; muito pelo contrário, assoma-lhe o ímpeto de uma santidade que se credita, em nome da qual faz propagar o poder que não é e nem pode ser do céu, como deveria ser, mas algo puramente terreno e que, visto nesta singularidade apenas, não pode trazer salvação a nenhuma criatura humana de Deus. Mas, infelizmente, essa é a dura realidade e cabível, para ela, é a proclamação feita por um iluminado, Gandhi - o Mahatma: *“A verdade é dura como um diamante e delicada como uma flor de pessegueiro”*.

Valha-nos, pois, cada vez mais, a misericórdia da força potente e misteriosa, para que permita aos homens verem com os olhos do espírito e, destarte, passem a ter vergonha da acomodação aceita e transformada, no curso de milênios, em poderio, que, inegavelmente, transparece como selo de importância para os seus protagonistas. Ao povo de Deus, cego e acostumado à mencionada aceitação, fique o tributo que há de pagar. Contudo, em que pese não ajudado verdadeiramente para vencer a cegueira da carne, desponta, aqui, acolá, do meio daquele mesmo povo, alguém tocado pela luz de um coração samaritano. Este, anônima e desinteressadamente, termina fazendo pelo próximo muito mais do que pretensamente fazem os que, dominados por sentidos enganados e enganosos, ficam envoltos em louvores à Divindade, sem saberem - coitados! - que os ouvidos dela não lhes recebem as súplicas, mesmo que avalizadas por um poderio institucionalizado...

**O TRÁGICO FIM DE UM JESUS
INCONFORMADO**

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Peça teatral - monólogo

Dedicatória:

Aos visionários famosos de todos os tempos, por fazerem compreensíveis as aparentes loucuras do Jesus desta peça.

Sobre a dedicatória:

- Por que uma dedicação desta obra aos visionários? - questionarão, naturalmente, os que apenas valorizam a tradição.

- Porque - responderá o autor - somente eles (*os visionários*) não veem loucura nos atos de quem rompe com os padrões sociais, morais e religiosos, para contestá-los e passarem a viver a realidade de sua visão, construída a partir do que julgam correto...

E mais ainda argumentará:

- Jesus, o personagem único desta obra, foi colocado no mesmo patamar de tantas mentes iluminadas, no curso do tempo, de postura contestatória, a exemplo da loucura personificada em o Elogio da Loucura de autoria de Erasmo de Roterdã, como assim a exemplo de Dom Quixote de la Mancha, personagem de Miguel de Cervantes.

E continuará:

- Portanto, Jesus, apesar de ser, aos olhos do homem comum, um insano, tem em Madalena a mesma certeza de um porto seguro, tal como Dom Quixote imaginava em Dulcinéa del Toboso. Ambos, pois, na visão dos seus idealizadores, não exibem feição de loucura, mas sim a condição de porta-vozes de observações sociais, éticas e religiosas as mais profundas e as mais salutares e as mais importantes, que não subsistem, jamais,

em ambiente medíocre de quem é incapaz de qualquer postura contestatória da realidade circunjacente.

E arrematará:

- Fique, então, definitivamente arraigado no espírito e na sensibilidade mais apurada do leitor que o autor não quer, de modo algum, que o seu personagem solitário por convicção, Jesus, fique associado a um estado de loucura, qualquer que seja ela.

Breve explicação:

Jesus é o nosso personagem. Está na flor da juventude. Trata-se de uma pessoa que era normal para os padrões da sociedade em que vivia e que se tornou revoltada, após estudo excessivo e profundo e completamente desnorteado da realidade imperante, mormente sobre assuntos religiosos. O leitor perceberá a agudeza de sua revolta durante o transcorrer da peça. Jesus vai mudando de aspecto, à proporção que for se decepcionando a respeito do que pensa e do que quer. Ele se acha completamente tomado por uma ideia: a de que existe uma mulher que ele imaginou e que lhe é ideal. A partir do momento em que ele a concebeu, se viu inteiramente tomado por ela. Para ele, nada havia de mais importante do que a sua concretização. Mas Jesus tanto busca, tanto espera e nada consegue. O desengano, então, vai tomando conta dele. Transforma-se numa figura de velho. O álcool passa a ser o alimento da sua desilusão, alimento esse que o terminará levando à sepultura, como se verá.

Em epílogo inesperado, ele ressurgue em ambiente etéreo, no qual sua desgraça assoma vigorosa, à semelhança do que ocorre com todas as criaturas frente ao Criador, cada uma delas, como se sabe, exposta, indefesa, inapelavelmente, aos rigores escatológicos dos desígnios daquele. Interiormente, contudo, Jesus

sabe da possibilidade de se aninhar, enquanto parcela do Criador, no seu *mysterium tremendum*. Sabe ele também que para esta redenção não estão aptas, indistintamente, todas as criaturas, mas unicamente a criatura homem-espírito, pois, enquanto espírito propriamente, ele é tão eterno quanto o Criador. Jesus igualmente sabe que, na avaliação dos próprios homens do seu convívio, em casa, na rua, como assim na avaliação dos que se deparam com sua performance lítero-teatral, ele simboliza o mundo profundamente penetrado de um estado de evidente loucura...

Cenário - será o próprio palco, com os objetos que cada cena exigir.

(Abrem-se as cortinas)

1º ATO

CENA I

(Jesus acaba de conceber a mulher que para ele era ideal. Está sentado no centro do palco. Bem trajado. Tem um livro nas mãos. Ao seu redor, muitos livros estão espalhados. Jesus fecha o que está folheando e inicia o seu monólogo) Madalena não existia para mim. Mas agora eu sei que ela existe. Sei que algum dia eu ainda a descobrirei. A Madá dos meus sonhos! Sei que todos vão ter inveja de mim! Sim! Quando um dia eu tiver Madalena ao meu lado! Ó, Madá, como você me deixará extasiado pelo calor inebriante de sua presença! Que personalidade a sua! Que potencialidade reside em seu férreo caráter! Madá, Madá... Ó, Minerva, obrigado por ter prendado a minha Madalena de um saber extraordinário; de uma sabedoria sem limites. Madalena, você me encanta com a sua sabedoria! Você, Madá, abarca todos os rincões do saber; você, Madá, uma inteligência rara nos nossos tempos. **(Fecha o livro e assume um gesto de confiança que se traduz pelo sorriso que toma conta dos seus lábios)** Madá! Madá!
(blecaute)

CENA II

(Jesus está sentado no chão. Os seus cabelos estão assanhados. Já denota um pouco de

desengano) Não consigo tirar Madalena do pensamento. Você me deixa alheio a tudo, Madá! Madá dos meus sonhos! Você me deixa feliz e, ao mesmo tempo, me faz um desgraçado. Por que é que eu não posso vê-la? Será que você não tem pena de mim? Às vezes sinto até vontade de chorar. Por que é que eu não posso ver a pessoa que eu tanto amo? Isso é uma injustiça, Madalena! **(E, implorativamente)** Eu sei que você é boazinha. Venha! Não me faça esperar mais! Eu quero vê-la. Não vê que eu não posso viver sem você? Ó, Madá, como eu sofro tanto por sua causa! **(Leva as mãos ao rosto e fica se lamentando)** Madá! Madá! Madá! **(blecaute)**

CENA III

(Jesus está caído no meio do palco. Está muito cansado) Como eu já procurei Madalena! Por que afinal você se esconde de mim, minha querida? **(Depois de um dado momento em que permanece pensativo)** Talvez você tenha mesmo razão de não querer vir para mim. Pode ser que eu não seja digno de tê-la perto de mim **(E invadido de uma convicção profunda)** Oh, não. Isso não! Eu sei que sou digno de você! Onde é que eu estava com a cabeça para pensar dessa maneira? Madalena! Madalena! Eu sei que você existe. Sinto às vezes como se estivesse sentindo o seu corpo, como se estivesse dialogando com você, compartilhando desse seu saber extraordinário! Madá, por favor, não faça isso comigo! Já estou cansado de tanto procurá-la. Por que você não me

aparece? Não me faça sofrer tanto, Madá!
(Chorando) Madalena, você sabe que eu não
 posso viver sem você! Ó, Madá! Madá!
(blecaute)

CENA IV

(No centro do palco, uma pequena mesa, uma garrafa, um copo. Jesus bebe. A sua fisionomia está cada vez mais perdendo a polidez. Está começando a se entregar ao álcool) Por que será que vem acontecendo umas coisas que eu não sei explicar? Ora! Eu não sei mesmo por que o Tarcísio não quis vir beber comigo. Por que ele não aceitou meu convite? Será que eu o ofendi em alguma coisa? Não, não é possível! Sei que ele sempre foi meu amigo. Agora, não consigo explicar por que Tarcísio está todo diferente. “- ***Ora, Jesus, não me aborrece, Jesus. Não vê que eu não posso mais beber com você? Você pensa que eu vou querer que me xinguem por aí a fora, Jesus? Você está muito diferente de uns dias para cá. Será que você não percebe isso?***” Foi assim que o Tarcísio se dirigiu a mim. Ah moleque! Então, ele não quer mais me servir de companhia! Diz que lhe faço vergonha! Que se dane! Não preciso da companhia dele para beber. Bebo sozinho. E sabe que é até melhor? Pelo menos eu posso pensar mais na minha Madá. Tarcísio, um beberrão daquele. Um verdadeiro idiota! Ele não sabe o favor que me faz! Eu estava cego quando andava ao lado daquela praga. Mas também eu tinha razão. Não tinha mesmo com que me preocupar! Agora, não! As coisas

mudaram. Madalena não sai do meu pensamento. E eu quero dedicar todo o meu tempo para descobri-la definitivamente. A Madá dos meus sonhos! **(Toma uns goles)** Ó, Madalena, por que você continua sendo ingrata para mim?! **(Dá uns murros na mesa, desesperado)**
(blecaute)

CENA V

(Jesus aparece no palco. Está completamente bêbado. Mal se sustém sobre as pernas. Traz uma garrafa de aguardente debaixo do braço; esta será a sua companheira de todas as horas daqui por diante. Conduz um violão) Pois é, eu soube que o pessoal já está me criticando. Já estão até boatando que eu estou louco, que não estou girando bem. **(Dá uma gargalhada)** Povinho prá gostar de reparar a vida alheia! **(Pequena pausa)** Mas por que será que estão pensando assim, hein? Ah, eu já sei por que é. Não é por outra coisa, não! Já é um pouquinho de inveja. Eles já estão percebendo que eu vou ter mesmo a minha Madalena. A Madá dos meus sonhos! **(Jesus não aguenta mais. Está passeando pelo palco. Num desses passeios ele tropeça em suas próprias pernas e cai. Leva a garrafa de aguardente, a qual não larga de suas mãos, à boca. Bebe resmungando. O conteúdo da garrafa chega ao fim. Jesus está totalmente dominado pelo álcool)** Isso é uma vida miserável. **(Lambe os lábios)** Quando a gente está gostando de uma coisa, a danada se acaba. **(Joga a garrafa para fora do palco)** Já

não tenho mais crédito na bodega do seu Manoel. Também faz três meses que não pago a minha conta! Mas eu vou sempre dar uma voltinha por lá. Talvez eu convença o velhote a me vender mais uma garrafinha de cachaça. **(Levanta-se a muito custo. Pega o violão e com uma voz um tanto trôpega, sai de cena cantando)**

♪ Quis saber onde morava
A razão do meu viver
E fui achar em Madá
Com o seu saber sem igual
A seiva nutrícia do meu ser
Mas eu a procuro tanto
E você não me ouve, Madazinha!
♪

(blecaute)

CENA VI

(Jesus entra em cena, falando alto. Já não está tão bêbado, mas deixa transparecer uma ressaca violenta em sua fisionomia) Onde é que está a liberdade do homem? Humanidade podre! Não quero que ninguém se incomode com a minha vida. Gentinha miserável! Eu estou incomodando alguém, estou? Então me respeitem, cambada de miseráveis! Eu sou um homem! Não posso admitir que ninguém venha bater em mim. Eu ainda tirarei a minha desforra com aqueles milicos dos diabos. Vou mostrar a eles que num homem não se bate. Se vou! Cambada de covardes! Só fizeram aquilo porque eu estava bêbado. Por que não vêm bater

em mim agora? Venham, milicos desalmados dos diabos! **(Chorando feito criança)** Será possível! E o homem tem coragem ainda de falar em liberdade! Que liberdade que nada! Onde é que estão os direitos do homem? Onde já se viu em pleno século XXI um homem sendo desfeitoado sem ter feito nada? E por quem mais? Pela polícia! Onde é que o mundo vai acabar? Os homens encarregados de manter a ordem, abusando de sua autoridade! **(E contorcendo-se todo)** Ah, como eu estou com o corpo todo doído! Que noite desgraçada! Como eu apanhei tanto! Era tanta paulada! Que brutalidade! Parecia que estavam dando num animal. E depois de tudo isso, depois de o sujeito apanhar que só um cachorro, ainda mais vai servir de empregado. “- ***Olha aqui, seu... (rindo) Jesus. Quanta pretensão em seu nome! Vá lavar o carro do delegado. Não vá se fazer de besta, não, hein? Já sabe como é o negócio aqui, não sabe, seu Jesus? Quero ver o carro do homem brilhando, está entendido?***” Ah, que situação! Em que situação eu fui parar! O que será que está me acontecendo? Eu sei que não houve motivo e acaba me acontecendo semelhante desgraça. Eu sei que não estava fazendo nada. Só estava tomando as minhas caninhas. Só isso. **(Cai num pranto desesperador)** Ó, Madalena, por que você não vem me aliviar essas dores? Será que você não tem pena de mim? Não faça isso comigo, minha querida. Por que é que você se esconde de mim? Vamos. Ajude-me. Não sabe que eu não posso viver sem você? Você sabe que eu não posso renunciar a esses sofrimentos. Só a morte fará com que eu deixe de buscar você. E eu

sei que você não quer a minha morte **(Jesus está no meio do palco. O seu desespero aumenta consideravelmente)** Ó, Madá, venha logo para mim! Madá! Madá! Venha. Eu sei que você está me ouvindo. **(Sai correndo como um louco e desaparece de cena)** Madá! Madá! Madaleena! **(blecaute)**

CENA VII

(Jesus entra em cena. Conduz uma garrafa de aguardente. Está completamente bêbado. Seus trajés esfarrapados lembram mais um pedinte. Conduz um violão) Não tem jeito mesmo não, Madalena. Não faça isso comigo! Você é toda a razão do meu viver. Ah! Você não calcula o quanto eu tenho sofrido. Não conto as noites que não dormi. Dormir, dormir! Este verbo já não existe para mim. Você me domina a tal ponto, que não consigo mais pegar no sono. **(E, após uma reflexão)** Ó, Madá. Eu compreendo, eu compreendo. Eu sei que tudo aquilo que nos parece bom não é de fácil alcance. Foi o que aprendi, quando era criança. Lembro-me bem, quando o vigário me dizia que a pessoa devia ter perseverança na vida. Que sempre insistisse, que nunca desistisse, porque um dia finalmente seria atendida. E é isso o que eu estou fazendo, Madalena. Não me importa se estou sofrendo. Não, isso não importa. Se eu soffro, é porque isso é normal. O sofrimento faz parte da nossa vida. Eu sei que estou sofrendo, mas também sei que um dia eu a terei perto de mim, para me aliviar desses infortúnios que me cercam. Ó, Madalena, não vejo

a hora de estar ao seu lado! Que dia feliz será para mim! Você, Madá, é o meu paraíso, é o meu refúgio, é o agasalho para a minha pobre alma! É a seiva nutricia que alimenta o meu espírito! Você sabe disso tanto quanto eu. **(Pega a garrafa de aguardente, coloca na boca e se põe a beber)** Desculpe-me, se eu estou bebendo demais. Se eu faço isso, é para esquecer as censuras que venho recebendo ultimamente a toda hora e a todo instante. Até meus próprios pais, Madalena! Ah se eles ao menos tivessem uma ideia de como é você! Tenho certeza de que eles não faziam do que fazem comigo. Até a mesada que eu recebia todo o fim do mês papai deixou de me dar, Madá! E o pior são os seus sermões: “- **Jesus, Jesus, que é que você tem? Está no mundo da lua? Aterrisse! Por que você não vai estudar? Você pensa que é bonito um rapaz sair por aí feito um verdadeiro louco? Onde é que você foi arrumar essa desmiolada dessa Madalena? Por que você não me apresenta a ela? Por que você não a trouxe ainda aqui em casa? Fica agora o tempo todo falando nessa mulher! Já perdeu até os amigos! Não vê como o Tarcísio já se afastou de você? Vamos, procure mudar! Vá estudar. Se não quiser, me peça dinheiro, vá viajar. Vá andar por aí como você sempre fazia, Jesus.**” Coitado do meu pai. Como ele está enganado! Se ele soubesse como é Madalena! Ele ficaria encantado. Quando visse Madá com aquele seu saber extraordinário!...**(E, após um momento de reflexão)** Mas é isso mesmo. É preciso compreender as pessoas. Afinal de contas, não é a todo mundo que é permitido perceber o belo. É

uma coisa muito profunda! Isso fica para as pessoas que são dotadas de uma perspicácia extraordinária. E eu sou feliz por ter vindo ao mundo dotado dessa faculdade. Ah se a humanidade visse o mundo como eu vejo! As coisas seriam muito diferentes. Você não sabe o quanto é ruim, Madá, a pessoa não ser compreendida. Quando a incompreensão parte de um grupo estranho a nós, isso não é tanto. A gente é só deixar de lado, e pronto! Não precisa estar quebrando a cabeça. Mas quando o nosso próprio grupo não entende a gente, aí a gente sofre, sofre, Madazinha. A gente tem de aguentar à força. Veja como eu sofro. Dentro da minha própria casa, ninguém se entende comigo. Quando eu digo uma coisa, todo mundo discorda. Sabe que dá até vontade de brigar? Se pelo menos a gente visse que estava errado, que não tinha razão, isso não era nada. Mas acontece, Madalena, que eu sei que tenho razão. Você é uma menina altamente compreensiva. Sei que me dará razão. E isso é um dos motivos por que eu adoro você. **(Começa a beber e a chorar)** Ah, como eu sofro com a sua ausência! Madalena, não me faça esperar mais. Venha logo para mim. Você sabe que eu não posso viver sem você, não sabe? Madá! Madá! **(Vai deixando o palco, cantando)**

♪ Madá que está em minh'alma

Que sinto seu pensamento
 Estar totalmente em mim
 Por que, Madá, por que
 Eu não posso vê-la?
 Não faça isso, Madá! ♪

(blecaute)

CENA VIII

(Jesus entra em cena. Conduz a sua companheira de todas as horas: a garrafa de aguardente. Está cada vez mais maltrapilho: cabelos grandes e assanhados; barba longa e maltratada. Está, enfim, um verdadeiro imundo. Mal se sustém sobre as pernas. Está bêbado e não para de beber) Ainda ontem eu fui ao cinema. Sabe, Madalena, eu procurei fazer os gostos de papai. Depois de ele insistir tanto... “- **Jesus, vá andar, já que não quer estudar.**” Não aguentava mais. Tive que sair. Mas, oh que desastre! Como as pessoas enganam, Madá. Sabe que não me vi mesmo com coragem de entrar no cinema? Lá estavam o Tarcísio e os dois filhos de dona Niná. Conversavam na porta do cinema. **(Chorando)** O que é que eu fiz para eles me tratarem daquele modo? Por que ninguém me considera mais? Eles me tratam como se eu fosse um cachorro! Como uma prostituta! Eu não valho mais nada para eles! Ó, Maralena, até quando isso vai durar? Será que você não tem mesmo pena de mim? Como eu a procuro tanto, Madá! Não passo um minuto sem pensar em você. E você nem liga, minha querida. Veja o meu sacrifício. Veja que há mais de duas horas que eu estou nesta esquina, olhando quem vem e quem vai. Não passa uma mulher que eu não olhe direitinho. É assim, Madá, que eu a busco. Até entre os transeuntes que passam pelas calçadas. **(O seu choro aumenta; é um pranto desesperado)** Por que você faz isso comigo,

Madalena? Por que você não aparece? Você quer me matar? Se está vendo que eu não sou digno de você, que venha me dizer logo. **(Tira um espelho do bolso e se olha)** Será que é por causa da minha feiúra? Não, isso não pode ser. Isso nunca! Madalena também entende o que é belo. Ela não se deixa levar pelas primeiras aparências. Madalena, você sabe que o belo não é aquilo que percebemos ao olhar simplesmente qualquer coisa, não é mesmo? O belo se esconde por trás das coisas que percebemos de imediato. Portanto, não é tão fácil percebê-lo. Você concorda comigo, Madá? Venha logo! Quero conversar com você, dialogar. **(Bebe uns goles de aguardente. E, invadido de um certo desânimo)** Sabe, Madá, eu já pensei até que você é orgulhosa. Perdoe-me, Madá, mas se for verdade o que eu estou pensando, você tem mais do que razão. Se você não se orgulhasse do que possui - uma soma enorme de conhecimentos - quem melhor poderia fazê-lo senão você? Você tem razão em se orgulhar, sim. **(Debruçando-se sobre a mesa, chorando desesperadamente)** Mas, por favor, compreenda. Não quero condenar você por ser orgulhosa. Eu a invejo por isso. Agora, o que eu quero saber é se o seu orgulho me atinge. Ele não me atinge, não é minha Madalenhinha? Então, venha logo me dizer esta verdade. Já não suporto mais tanta espera. **(Dá uns murros na mesa. Levante-se. Não para de chorar. Leva a garrafa de aguardente à boca. Sai aos tombos, pois está completamente dominado pelo álcool)** Não suporto mais, Madá! **(gritando)** Madá! Madá! Madá!

(blecaute)

CENA IX

(Jesus entra em cena. Está todo arranhado. Suas roupas, além de sujas, estão uns verdadeiros molambos. Vem escorado em um cacete. Não despreza a garrafa de aguardente. O caminho parece estreito para ele. Está alterado) Eu ainda vou mostrar àqueles miseráveis o que é um homem. Pode ser delegado, pode ser a gota serena. No dia em que eu estiver destinado, eu arrebento delegacia, dou em delegado, dou em soldados, na mãe deles, nos filhos, na bexiga taboca. Não tá vendo! Quem são aqueles filhos da puta prá querer bater e mandar em mim? Vou no meu caminho quieto e quando menos espero: “- ***Alto lá, rapaz. Já está cheio de aguardente a essa hora, não é? Vamos pro xadrez. Lá você passará a noite bem sossegado!***” Que sorte essa minha! Xadrez outra vez! Que baixeza, que baixeza! **(E, após um certo espaço de tempo em que demonstra um constrangimento sem limites)** Ó, Madalena, você precisa ter visto como eu reagi. Parecia um verdadeiro herói, lutando pela liberdade. **(Jesus se mostra cada vez mais constrangido. Chega até a dar murros na própria cabeça)** É brincadeira o sujeito passar a noite trancado, isolado do mundo! Estrebuchei tanto, tanto. Era pernada prá aqui, era pernada prá ali. Mexia com o corpo todo. Só me levaram, porque tinha mais de um. Aquele bando de covardes. Milicos desalmados dos diabos! Ah, como eu sofri dessa

vez! Amarraram-me as mãos com uma corda e me penduraram. E rodaram, rodaram. O meu corpo parecia o de um verdadeiro acrobata dando espetáculo. Como eu rodava no espaço! Via a hora a corda se partir. Daí a pouco ouvi um chamado: “- ***Tá na hora do teu trabalho, Raul.***” Também daí prá frente eu não pude ver mais nada. O meu corpo rodava cada vez mais. E rodava. Como rodava! Foi quando começaram as chibatadas. Não parava um segundo. Era por cima, era por baixo, era por todo canto. Não escolhia canto mesmo. E como doía! Como era diferente daquelas surras que eu levava de papai! Apelei tanto para que aquela corda se partisse que, afinal, ela se partiu mesmo. Caí com todo o corpo no chão, naquele cimento frio e nojento. Estava praticamente sem sentidos. Depois me jogaram dentro de um tanque d’água. Aquela água fria, tão fria que me fez tornar! **(Jesus baixa a cabeça, envergonhado)** Hoje não posso sequer me olhar no espelho. Sei que não sou assim. O meu corpo está uma chaga viva. Estou um verdadeiro Lázaro. Como eu estou sofrendo, Madá! Madá, venha me ajudar. Não permita mais que aqueles desalmados ponham a mão em cima de mim. E reconheça, minha querida, se estou alterado é porque eu fui provocado. Venha logo, minha querida. Não demore tanto. Você afinal me dará forças para enfrentar aquela horda de bárbaros. **(Jesus assume um aspecto de quem está totalmente tomado de ira)** Bárbaros! Sim, bárbaros. Gente que ainda tem pensamento de séculos passados. Eles pensam que ainda estamos na Idade Média? Não! A gente não está

mais na Idade Média! E nem também nos tempos sangrentos da Roma temível. **(E, invadido de um profundo desengano)** Ah, como a humanidade ainda está atrasada! Ah, como falta muito ainda para os povos se humanizarem! Se continuar assim, a humanidade sucumbirá no abismo da ignorância, na competição encarniçada por tantas coisas de uma futilidade sem dimensão! **(E, como que discursando)** É preciso incutir na cabeça dos bárbaros os verdadeiros princípios do humanismo. Se continuar assim, esse câncer poderá aumentar e tomar, um dia, o lugar que já tomou em tempos passados! **(E, invadido por uma ira sem limites)** É contra vocês mesmo que eu estou falando, seus milicos desalmados dos diabos! Vocês pensam que a polícia é mais do que o cidadão? Não! Não é, não, cambada de desalmados. O cidadão paga os milicos e os milicos têm por obrigação zelar pelo bem-estar da população civil. Agora, zelar não é abusar da autoridade e aproveitar para derramar suas frustrações num pobre coitado como eu. **(Cai num pranto comovedor)** Ah, humanidade. Humanidade podre! **(Olha o cacete em que se acha escorado)** Estão vendo este cacete? Este cacete que eu estou usando? Eu dou graças à polícia por ter que usá-lo. É assim que ela quer endireitar o mundo, aumentando o número de aleijados. Ah, humanidade! Por que é que os homens ainda não conseguiram entender o verdadeiro sentido das coisas? Quando é que a humanidade vai compreender que brutalidade não resolve nada? Humanidade mesquinha. Quando será mesmo que essa humanidade vai aprender a somente se importar com coisas de real valor?

Sim! Que proveito tira afinal a humanidade, espancando um aqui, espancando outro ali? Vejam mesmo com que a humanidade ainda se preocupa! Coisas fúteis! Sem nenhum valor. **(E, dominado por uma satisfação interior, estampada no rosto)** Ah, como eu sou feliz! Sou feliz por ser um homem dotado de uma perspicácia extraordinária. Eu já posso distinguir o que é verdadeiramente belo! Já não me deixo levar pelo poder persuasivo que nos deixam as coisas, quando as olhamos pela primeira vez. O que é belo está por trás das coisas que percebemos de imediato! **(E, mostrando ainda mais alegria no rosto)** Se eu continuasse como era antes, como então era que poderia ter concebido Madalena? Não poderia nunca, nunca mesmo. Hoje, graças à agudeza da minha perspicácia, graças à porta de tantos conhecimentos que se abriu para mim, eu já posso dizer que Madalena existe! E eu estou deveras convencido disso. Já parece até que Madalena me é bastante familiar. Parece um membro da minha família. O que falta é tão somente Madalena vir para mim. Ó, Madá, como eu preciso de você! Por que você não vem, hein? Você está me ouvindo? Então não demore muito, Madá dos meus sonhos. Venha ajudar quem tanto a quer. Por favor. **(Desesperado, começa a chorar e se levanta da mesa. Está totalmente bêbado)** Madalena, você quer que eu viva mais uns dias? Então eu lhe imploro, minha querida. Venha alimentar esse pobre coitado que tanto precisa de você. Venha, não demore muito. **(O choro aumenta cada vez mais. Jesus vai saindo do palco. Parece mais**

uma criança, chorando pelo consolo) Madá! Madá! Ó, Madá! Venha! (Fecham-se as cortinas, fim do 1º Ato)

(Abrem-se as cortinas)

2º ATO

CENA I

(Jesus entra em cena. Os seus trajes estão cada vez mais esfarrapados. A garrafa de aguardente está ao seu lado. Os seus cabelos assanhados, a sua barba grande, a sua fisionomia e por fim os seus farrapos lembram mais um autêntico asceta. O cacete em que se apoia para andar está ao seu lado) Madalena, Madalena, eu nunca vi você. Mas eu sei que você existe. Não sei como você é. Se é gorda, se é magra; se é branca, se é preta; se é pobre, se é rica; se é bonita, se é feia. Não! Nada disso eu sei, Madá. Eu só sei de uma coisa, minha querida. E isso para mim é tudo. Sim. Eu só sei que você é muitíssimo inteligente. Ah, como eu me sentirei bem ao seu lado! Parece que eu estou vendo. Você com a sua filosofia! Que potencialidade de pensamento! Que conhecimento profundo! Você entende de tudo, minha deusa. Vai às profundezas do mundo físico; adentra com magnificência o campo biológico; domina extraordinariamente o campo do social. Como você domina bem todos esses conhecimentos! Tivesse eu alguma religiosidade, eu diria que você era uma deusa verdadeira, uma santa, uma coisa imaculada. Você, Madalena, não tem concorrentes. Você

abarcando todos os conhecimentos de nossa época e de todos os tempos! **(Rindo)** Parece que eu estou vendo você dialogando com o padre Moreira. Será uma discussão e tanto! Eu sei que o padre não vai ficar gostando de você. Você vai ser uma verdadeira herege para ele, uma alma perdida, enfim. **(Insistindo no riso)** Mas isso a gente compreende, não é mesmo, Madá? O padre ainda está com a cabeça cheia de coisas do passado. Ah, se ele pudesse ver como o mundo é diferente! Se ele pudesse se desligar daquelas idiotices. Céu! Inferno! Purgatório! Pecado! Tenha graça! Deus lá em cima investigando o que se passa entre nós aqui na terra! **(Dá uma gargalhada)** Ó, Madá, como este mundo não entende a nossa maneira de pensar! Nossa? Sim, nossa! Nossa, porque eu sei que você pensa do mesmo jeito que eu. **(Voltando ao assunto)** Mas também a humanidade até que tem razão de ser assim. Você pensa que é brincadeira todo santo dia sendo derramadas carradas e mais carradas de misticismo sobre ela?! Essa humanidade vive dentro dos templos engolindo as palavras dos sacerdotes. Palavras que em grande parte são um verdadeiro véu de ignorância. Palavras que são uma venda que cega. Palavras que são enfim uma soma de coisas absurdas. É preciso que a humanidade se livre, se liberte da viseira que a religião lhe bota nos olhos. Você não sabe o quanto eu sou revoltado com isso, Madalena. Só em pensar que a humanidade é traída, que é enganada! Já é tempo de fazer com que ela veja isso. O mundo de hoje não comporta mais lenda de espécie alguma sobre sua origem. É preciso

libertar a humanidade desse fanatismo descomedido. É preciso educá-la bem. Uma educação diferente, bem entendido! Pois se o mundo continuar assim, com essa célula mística desgraçando a humanidade, ele não vai poder progredir nunca! Eu sei, Madalena, que ainda está um pouco longe o tempo em que toda a humanidade virá a se libertar dessas coisas absurdas. Sim, isso não é coisa que aconteça da noite para o dia, não! A humanidade ainda está por demais persuadível! Ela ainda vive dentro de um clima profundamente místico, não é mesmo, Madalena? É preciso que isso acabe. **(Jesus demonstra uma profunda preocupação)** Veja, Madá, como é mais fácil entrar uma lenda na cabeça de uma criança ou mesmo de um adulto. Veja se não é mais fácil dizer a uma criança e convencê-la de que Deus criou o mundo em seis dias, com certas explicações que não têm cabimento, do que procurar incutir na sua cabeça que a terra é redonda e que está solta no espaço! Você concorda comigo, Madalena? Eu sei que você vai concordar. **(E, voltando ao assunto)** Mas não é isso mesmo! Isso é até demais! Em pleno século XXI ainda existirem pessoas que perdem o seu tempo com coisas que não cabem mais nem na cabeça de uma criança! Mercadejam com o nome de Deus! Onde já se viu isso? Tiram o pão de cada dia à custa de uma pobre humanidade traída, enganada. Até quando isso vai durar? Vão trabalhar, cambada de ociosos! A humanidade não precisa de vocês. **(Leva as mãos à cabeça, contrariado)** Você não acha, Madalena, que Deus vai lá se incomodar com essas besteiras que a

gente faz aqui na terra? Deus é tão grande, tão grande! A nossa imaginação sequer pode abarcar a sua grandeza. E como é que sendo Deus tão grande vai se incomodar com ninharias? Com coisas fúteis!? Deus vai se incomodar com hipocrisias, desonestidades, infidelidades e com tantas outras qualidades nefandas que possui a humanidade? Deus não se preocupa com isso. Absolutamente! Eu não conheço esse Deus mesquinho. **(E, após uma pequena pausa)** Sabe, Madalena, por que é que o Deus da humanidade é um Deus falho? Ora, é muito fácil responder. Você sabe que o homem é fraquíssimo. Tão fraco que não consegue dominar as suas emoções. É um eterno escravo de suas emoções. E se além de tudo isso o homem ainda é hipócrita, egoísta, infiel e tudo enfim, então o Deus saído da sua imaginação só pode ser um Deus de segunda categoria! Sei que você aceita essa minha maneira de pensar, não é mesmo, Madá? **(A preocupação de Jesus aumenta)** Como é, Madalena, que depois de tantos anos de luta para conseguir uma pequena soma de riqueza material, chega uma pessoa a mim e diz: ***“Vende tudo o que tens e segue-me, pois assim agindo terás a vida eterna.”*** Como se pode conceber uma coisa dessa, Madá? Assim também é exigir demais. Vamos que a pessoa, depois que dê provisão às suas necessidades, procure dar uma ajudinha àquele seu semelhante que está necessitado. Mas isso de gosto e vontade. Não com o pensamento voltado para o alto, esperando alguma recompensa. O dar se insere dentro da proporção em que o indivíduo for se satisfazendo. Logo,

quanto mais se possuir, mais se deve dar, pois mais satisfeito se acha a pessoa que possui mais. O dar só cabe a quem tem. E, àquele que tem, não se lhe pode obrigar dar o todo que possui. Ele deve dar de acordo com as suas posses. Você não acha que eu tenho razão, Madalena? Será, Madalena, que você já percebeu o perigo que correrá um dia a humanidade, se todas as pessoas chegassem a tal situação? Aonde iria a humanidade? Aonde iria a humanidade? **(Jesus está tomado de desespero. Dá murros na cabeça)** E o pior de tudo, Madá, é que a humanidade faz tudo em nome de Deus. Ora, não é preciso se preocupar tanto com Deus. Vamos deixar Deus lá no cantinho dele. Ele não está fazendo mal a ninguém. Você não acha que eu estou certo, Madá? Você não acha que é mesmo uma perda de tempo estar o tempo todo falando no nome de Deus? Você não acha que esse Deus pode até ficar mais satisfeito, se o povo deixar de tanto estar invocando o seu nome? É brincadeira! Até que esse Deus vem tendo paciência. Não é mesmo brincadeira, não. Vocês pensam que esse Deus vai poder ser incomodado a toda hora e a todo instante por todos os séculos?! Vocês querem acabar com o Deus tão pequeno que vocês adoram? Não façam isso, não! Só se vê gente invocando o nome de Deus de minuto em minuto. Um que lhe peça saúde; outro que lhe peça riqueza; outro que lhe dê a sorte de ganhar na loteria. Se vocês continuarem assim, vão terminar arrebatando o coitado do Deus de vocês! **(Jesus dá umas voltas no palco. Está muito pensativo)** Pecado! Pecado! Que pecado, coisa nenhuma! Eu

não tenho medo de pecar. **(Ri)** Medo! Quem, eu, eu ter medo? Não está vendo que isto não tem cabimento? Eu não tenho medo nem de morrer, Madalena. Afinal, trata-se de um fenômeno muito natural. E, então, por que temer? Não vejo razão nenhuma para isso. O que eu vejo é fraqueza humana. Não vejo bicho de sete cabeças nenhum no fenômeno morte. Mas um dia, Madalena, um dia o homem poderá dominar as suas fraquezas. **(Rindo)** E quando um dia o homem puder dominar as suas fraquezas, quando o homem se livrar de toda a sorte de sofrimentos que o rodeiam, então, forçosamente, essa humanidade vai ter que mudar de Deus. Você não acha, Madá? Esse Deus tão pequeno poderá mais continuar num mundo onde o homem é senhor das suas próprias fraquezas? E sendo o homem senhor das suas fraquezas, não vai restar mais trabalho nenhum para esse Deus, não é mesmo, Madá? Ele terá que ceder lugar a outro Deus. Esse Deus vai cair no ostracismo! Um Deus que o homem pode imitar? Que Deus é esse? E o homem então se verá na necessidade de imaginar outro Deus. Um Deus certamente muitíssimo maior do que esse que se cultua presentemente. **(Pausa em que Jesus é dominado por desengano aterrador)** Ó, Madalena, como eu estou ansioso para vê-la! Só você poderá mesmo me compreender. Ninguém me entende. Já me sinto como que um marginalizado. Não fosse você e eu me julgaria um verdadeiro eremita, condenado a ficar isolado, tão somente porque eu não encontro quem possa conversar comigo, dialogar. **(Depois de uma pequena pausa em que Jesus demonstra estar**

fazendo uma reflexão) Mas como é que o mundo poderá me compreender? Nunca, mas nunca mesmo! Nem poderá compreender a mim, nem a você, Madalena! A gente fica numa condição que não pode nem falar. Você já pensou o quanto a gente perde, quando falamos, digamos, com um religioso? Depois que a gente conversa com ele, que ele vê a nossa maneira de pensar divergindo da dele, o que é que ele faz? Começa a cortar caminho. É isso mesmo! Diz que não quer se misturar com gente contaminada, pecadora. (ri) E, como resultado, a gente fica marginalizado. Ninguém dá mais crédito a sequer uma frase que a gente diga. **(Uma pequena pausa, durante a qual não para de chorar e de se lamentar)** Faz-me lembrar, agora, o último encontro que tive com o padre Moreira: ***“Jesus, ó Jesus, que cabeça dura é a sua. Dura é a sua recalcitrância contra o aguilhão que está constantemente impelindo você para o caminho certo. Mas você é teimoso e não vê. Que pena! Posso até concordar, até certo ponto, com o que você tem manifestado a respeito de religião. Concorde comigo, porém, que, quanto a esse seu ensinamento acerca do dar, você está completamente dominado por sentimento egoísta, o qual não tem a menor sustentação em matéria de ligação com Deus. Quem dá, Jesus, na lógica dos céus, não dá aquilo que tem, mas aquilo que é na sua essência de ligação com a Divindade. Lembre que a lição do Mestre diante do jovem rico traz, de pronto, um significado material, uma coisa comum, do dia-a-dia, como seja o ato de vender, comprar, trocar bens materiais.***

Contudo, o verdadeiro significado, o significado espiritual, como em toda a passagem bíblica, é inerente e está ao alcance apenas dos espíritos superiores. E, neste caso, os bens a que o Mestre quis se referir não assumem outra significação, senão o quanto verdadeiramente importa o ser, o espírito daquele jovem, provido dos talentos que o criador depositou em cada uma de suas criaturas! ” Ah, padre Moreira, tantas vezes tenho de lhe dizer que tenho pena do senhor! Não me venha com os seus sermões de dono da verdade. Largue essa batina e venha para o terreno democrático. É muito bom ficar grudado ao sistema autocrático de sua igreja, que se julga a dona do conhecimento. Tudo quanto o senhor acabou de me passar, professoralmente, eu já sei e concordo com a moral de suas colocações. Não é *conditio sine qua*, porém, a existência dos senhores, chagando a sociedade com o peso de sua força institucional, asfixiante pelo exclusivismo que se pretendem. Melhor seria que os senhores se desvestissem de suas vestimentas de um jogo de cores que parece uma festa, que abandonassem o sentido ritualístico que imprimem a cada uma de suas ações e que deixassem de lado essa mania de únicos porta-vozes das verdades eternas dos Evangelhos. Fique lá o senhor, padre Moreira, com sua lição sobre o dar, que eu não preciso dela, que eu sei plenamente até mais do que o senhor que não se deve ser egoísta na hora de dar. Realmente, toda vez que se estiver dando algo é preciso que a mão direita não saiba o que a mão esquerda está fazendo. Ou

seja, é preciso que o ego, representado pela serpente diabólica do conhecimento do bem e do mal, não seja convencido de que é ele quem está dando, mas, às ocultas, sem alarde, sem publicidade pessoal, que o eu-divino em nós nos torne tão magnificamente cheio da graça que, de graça, nos vem de Deus, isso tudo sem nenhum convencimento de mérito pessoal. **(E, voltando os olhos para o alto)** Ó, Madalena, por que é que a humanidade não pode pensar como a gente pensa? O que será que acontece com a humanidade? **(E, após uma reflexão)** Ora, mas que pergunta! Que pergunta boba! Sim, a humanidade é uma verdadeira escrava! E como pode um escravo ir de encontro ao seu patrão? O patrão diz e o escravo se resume a fazer apenas o que foi mandado. A humanidade só poderá se libertar um dia desse submundo de ideias absurdas, quando ela se vir consciente de que está sendo traída. Aí, então, ela deixará de ser escrava e se rebelará contra esse patrão terrível que a fustiga. **(pausa)** Ah, se o mundo pensasse como eu penso! Ou melhor, se o mundo pensasse como a gente pensa, Madalena! Só então eu morreria completamente satisfeito! Morreria sabendo que a humanidade não mais estava sob a tutela de um patrão que fazia questão de trazê-la sempre cega para melhor poder conduzi-la! **(Jesus baixa a cabeça. O seu choro continua o mesmo; o seu desespero não cessa)** Ó, Madalena, como eu preciso de você! Venha! Venha me ajudar! Ninguém me entende, minha querida! Quero falar muito com você. Eu já sei muito da sua maneira de pensar. Venha! Não me

importa que você seja gorda ou magra; branca ou preta; rica ou pobre; se é bonita, se é feia. Não, Madalena! Você sabe que tudo isso para mim é secundário. Não vejo beleza nessas coisas. O que me interessa por demais é que você é uma menina de uma estupenda soma de conhecimentos! É uma menina de uma inteligência profunda! Você é magnífica, extraordinária, ímpar, inimitável. Você é a pessoa mais completa que se pode imaginar! **(Ri, apesar de o seu rosto ainda não ter perdido o aspecto de uma pessoa chorosa e desesperada)** E isso para mim é tudo, Madalena! Você me faz o homem mais orgulhoso da face deste planeta. Eu me orgulho de ter concebido uma inteligência que não tem fronteiras como a sua! Olhe, Madá, depois que eu a concebi, você tem sido a maior preocupação da minha vida! Também o que me rodeia são coisas que estão no submundo da futilidade. Filmes baratos, novelas, futebol, romances de feira, músicas de mesa de bar! Isso são coisas da plebe intelectual! Só você, Madalena, é que poderá completar o vazio que sinto. Eu preciso conversar, Madá. E só você, minha querida, é que poderá me suportar. Só você é capaz de me compreender. Ah, que mundo para não compreender as pessoas! **(Chora feito uma criança)** Já não suporto mais, Madá. Venha para junto de mim. Eu imploro! **(Leva a garrafa de aguardente à boca. Ingera todo o conteúdo que lhe resta. Permanece ainda por uns instantes se lamentando. Vai saindo do palco. Tomba de um canto a outro, tão bêbado está)** Madá! Madá! Onde está você? Madá! Madá!
(blecaute)

CENA II

(Jesus, no centro do palco, roupa esfarrapada, garrafa de aguardente ao seu lado. Traz a mão direita, em forma de concha, sobre a testa, denotando aspecto como que extraído do fundo de sua mente profundas reflexões) Continuo batendo e insistindo na mesma tecla. Eu desprezo você, **(Tocando, agora, o outro braço com um dos dedos da mão que retira momentaneamente de sobre a testa)**, porque o seu valor é nada. Ainda bem que encontrei a aguardente que é um santo remédio para você. Você merece é destruição total mesmo. Não vejo razão nenhuma para bem cuidar de você. Ah, tantas e tantas são as fórmulas que os homens utilizam para cuidar de você. Você, uma coisa que hoje é carne, que amanhã será pó e que no final dos tempos será nada. Valham, por isso, os concessivos misteriosos poderes divinais, tão presentes nos homens devotados à espiritualidade. Sim, com aqueles poderes nunca se estará sozinho. Não padece de solidão quem passeia nesse caminho de uma largada e de uma chegada inevitavelmente felizes. **(Como que olhando para dentro de si mesmo, para dentro do seu corpo)** Deixe de denotar esse aspecto de felicidade, seu infeliz. A felicidade sobre a qual eu estou falando não é nem nunca será favorável a você. Você é fraco, você é inconstante, você é mentiroso, você é traidor, você é guloso, você é tudo quanto representa a canalização de viciosas

posturas. Também o abomino quanto a viver se apegando constantemente a virtudes, como se um caçador de méritos. Por isso, eu continuo nesse propósito de matar você, de aniquilá-lo. Para tanto, viva a gostosa aguardente! Por outro lado, eu sinto, eu percebo o quanto de felicidade assoma à frente do eu-divino que me é parte, pela bondade divinal e que é estendida indistintamente aos homens de todos os tempos; homens do passado, do presente e do futuro. Nesse aconchegante convívio, sobressaltos prazerosos destinam a minha alma para um final escatológico, durante cuja espera ela não sente as terríveis dores destinadas àqueles que apenas valorizam você. **(Novamente se referindo ao seu próprio corpo)** Nessa certeza, a permissiva bondade divinal aumenta-me a vontade de destruir você. E a arma poderosa com a qual venho contando e me dando muito bem com ela é a boníssima aguardente. Sei, corpo meu, como você tem verdadeira adoração por ela. Ah, como é grande o seu prazer quando esse precioso líquido **(Apontando para a garrafa de aguardente)** vai descendo garganta a dentro, deixando o seu ardor pelas paredes tão delicadas de sua constituição biológica! **(Pega a garrafa de aguardente que lhe está bem próximo)** Ainda bem que você está aqui. **(Eleva a garrafa à altura dos seus olhos)** E vejo que se encontra cheia, totalmente cheia ainda. Não se preocupe, minha amiga, não se preocupe que eu vou dar cabo de você. Não vou deixá-la aqui, inerte, inútil ao seu verdadeiro e gostoso propósito. Vou engoli-la totalmente. **(Praticamente despeja todo o líquido da garrafa dentro de sua boca e vai**

engolindo à proporção que a boca não comporta mais a menor porção do líquido)

Bom, bom. Danada de boa. Madalena, gostosa Madá, venha, beba você também desse precioso líquido comigo. Beba. Beba. Beba. Enquanto isso, eu e você, Madá, ficamos sentindo a prazerosa sensação do clima do céu, deste céu cheio dos anjos gorduchos do nosso imaginário finalmente tornado real, para a alegria do eu-divino em mim e em você, disse eu não duvido nem duvidarei jamais. Madalena, beba comigo, minha querida! Deixe que eu embriague esse corpo para finalmente me embriagar nos braços amorosos de sua infinda dedicação reservada para mim. Deixe que o padre Moreira morra de raiva em face de meus posicionamentos radicais contra a sua igreja. Enquanto ele se preocupa com isso, eu e você, Madalena, vamos levando a nossa vida santa, imaculada, em direção gozosa de plenas e abençoadas delícias celestiais. Fique, então, o senhor padre lá com suas ideias atrasadas, que eu e você não temos culpa se ele não tem o alcance do verdadeiro céu. Madá, Madá, venha, venha beber comigo. Venha viver não mais o sonho, mas a realidade da maravilha que é minha e sua na bendita dimensão do infinito e da eternidade, gozando livremente de qualquer sensação de posse. Basta-nos na verdade é a sensação da posse do ter, no mero sentido de administrar, usando o ter na medida do necessário e com muito respeito. Se os homens agissem assim e se assim fossem orientados pela igreja, não haveria necessitados entre eles, Madalena. Padre Moreira, coitado, não pense que eu vou mais perder o meu

precioso tempo com ele. Fique lá com a sua carcomida religiosidade tradicional, alimentando a pobre humanidade, inconscientemente cega, enquanto ele se faz de iluminado, enganando, destarte, a si, conscientemente, e aos outros, de forma modelar. Ajusta-os às conveniências da Instituição que ele ajuda a se manter como aquela que faz a vez dos outros, quando estes, pelo certo, é que deveriam fazer em nome próprio. Na verdade, cada um deve ser o responsável pelos seus atos e nunca esperar o conforto do sacrifício alheio, como querem que assim tenha feito o Homem de Nazaré... Ah, Madalena, por que é que somente nós dois temos essa visão. Essa visão?! Não é visão, coisa nenhuma. É o plano da realidade mesmo, na qual eu me sinto integrado como parte dela. Não é algo que existe e que está distante de mim. É algo onde minha presença é eficaz e é garantida, mediante o fenômeno da consciência, aquela mesma consciência poderosa que fez o Filho de José e de Maria afirmar categoricamente: Eu e o Pai somos um. **(Dedo indicador em sua direção) Eu (Agora o mesmo dedo apontando para o alto) e o Pai somos um.** Será que todos percebem quem deve ser esse Eu? Será o telúrico Jesus esse Eu? Pois não é o Jesus de carne e osso esse Eu. Esse Eu, distinta plateia, é o unigênito de Deus, é o Cristo, é o eterno filho de um pai; filho que não foi criado, porque ele é tanto criador como criador é o próprio Deus. Jesus de Nazaré assim o disse diretamente aos seus apóstolos, mas deste modo não quiseram registrar os seus porta-vozes. A realidade, porém, é essa que eu estou dizendo a

todos vocês. Não confundam Jesus com Cristo. Cristo com Jesus. Cristo é eterno. Jesus se fez eterno como eterna se pode fazer qualquer alma que permanecer jungida à alma do humano Jesus. Porque assim agindo estará fazendo o mesmo que fez o Divino Mestre. **(Ouve-se o estrondo de trovões e luzes piscantes como relâmpagos) (blecaute)**

CENA III

(Jesus, maltrapilho, com vários processos judiciais no chão, ao seu redor) “É, senhor Jesus, as coisas não andam bem para o seu lado, não! Temos aqui representações de toda a sorte contra o senhor. ” Dr. Fonseca, Dr. Fonseca! Gente muito boa, de conversa apumada, apesar de ser juiz! Não me amedronta nenhuma das representações acerca das quais ele me falou. **(E olhando e pegando os processos)** Essas bobagens aqui..., uma delas, como não poderia deixar de ser, agora eu estou vendo que foi promovida pelo padre Moreira. Quer da autoridade judiciária a minha interdição. Acha que eu não tenho família. E, realmente, esta já não é mais uma realidade para mim. Todos de minha casa me ignoram. Radicalmente. E o padre Moreira diz aqui que é necessário uma intervenção, para tirar esse coitado que sou eu das ruas. Diz que é perigoso sobretudo para mim, como se eu não soubesse que quem quer se ver livre de mim é ele mesmo, o padre. E o juiz terminou me mandando para o Manicômio. Ainda bem que se limitou ao tratamento ambulatorial.

Senão eu não estava aqui **(voltando-se para a plateia)** falando com vocês. **(Revoltado)** Gente, mas será que não veem que eu não sou louco?! Cegos que são eles, coitados! Ah, se eles enxergassem o quanto eu sou capaz de enxergar! Eu e, evidentemente, você também, Madalena. Na verdade, juntos, temos a solução para resolver os problemas mais intrincados por que passa a humanidade. Estou certo que a vida é o bem mais precioso do ser humano. Nada se lhe compara. Até mesmo a liberdade, que tão importante é, deixa de assim se apresentar, ante uma vida que não é vida por não ser bem vivida. Mesmo que esta seja pesarosa, dificultosa, se há de abraçar, com resignação, aquilo que ela nos reserva. Ir de encontro à forma como ela se apresenta é ficar em rota de colisão com a mãe natureza. Madalena, esse povo de hoje não tem a coragem com a qual enfrentamos as dificuldades da vida. Querem o lado fácil das coisas. Esquecem que não podem fugir da realidade da constituição cósmica. Mexem com as condições primárias e vitais para o bom-viver, terminam saindo da sintonia verdadeira com as leis daquela constituição e, por isso, sofrem mais do que já vêm sofrendo, desde o tropeço inicial em que cada ser racional investe contra Deus, desobedecendo-o, promovendo repetições do maldito comportamento promovido pela serpente do intelecto no paraíso que inicialmente lhe foi amorosamente destinado. E, como consequência, sofre a própria Terra sobre a qual têm os pés. Ah, Madá, como a Terra é agredida! Eu, na minha condição de ignorante assumido, fico pensando como este planeta vai responder ao

buraco causado pela exploração do ouro negro e do gás natural. O que haverá de preencher os espaços antes cheios e agora vazios diante dessa exploração feita pelo homem? **(E, olhando para a plateia)** Desculpem o argumento infantil. **(Voltando aos seus argumentos)** Sinceramente, a resposta será dada pela natureza, disso eu não tenho a menor dúvida. **(Retendo nas mãos um outro processo)** Vejam só este outro processo aqui. É da empresa mineradora Santa Inês, formada por gente poderosa, de muito dinheiro, eu sei. Acham os que se alimentam do rio de dinheiro por ela produzido que eu tenho contribuído para movimentos sociais de defesa do meio ambiente de forma afrontosa a eles. **(Solta o processo que tem em mãos e penetra em outro tema de sua preocupação)** Por outro lado, o homem vive mexendo com a vida! São os grãos geneticamente modificados, são os animais clonados, é tanta gente optando pelas soluções mais confortáveis, como, por exemplo, o não ter que suportar uma gravidez de anencefálico, quando a vida, qualquer que seja a circunstância, oferece ao homem a oportunidade de provar a si mesmo que deve ser forte espiritualmente, para se resignar ante os desígnios de Deus. **(Encarando a plateia com aspecto de atrevimento)** Ah, distinto público, pode até me vaiar, se quiser. **(Retornando ao seu questionamento)** Ah, Madalena, eu estou cansado de tanto estar falando sozinho. Venha, minha querida, me acompanhar nessa caminhada. Você sabe como eu sou provido de recursos para abafar uma, duas, ou mesmo carradas de representações que queiram fazer contra mim.

(Jesus é surpreendido com a presença de dois homens que entram em cena. Trazem uma camisa de força) Não, não, seus brutamontes. Que estória é essa de camisa de força? Eu não sou louco! Eu não sou louco! **(Jesus se debate, mas termina sendo dominado pelos homens que lhe vestem a camisa de força)** Injustiça! Injustiça! Grande e inominável injustiça! **(Jesus sai de cena, sendo arrastado pelos dois homens)**
(blecaute)

CENA IV

(Jesus deitado num quarto de hospital. Mãos e pés amarrados à cama. Ao seu redor, médicos, enfermeiros, pacientes) Fico a me questionar por que vocês todos estão calados e com ares ansiosos. O que é que eu estou dizendo de mais. Não sou nem quero ser mestre de ninguém. Vocês pensam o que de mim? Um louco ou um homem de muitos conhecimentos? Ah, disso não tenham dúvida. Sou possuidor de muitos conhecimentos, sim. Lamento a situação de vocês, que preferem ficar na zona horizontal do conhecimento acadêmico que só se presta para prover as coisas sem raízes. Se todos vocês estão, agora, a me escutar nesse modo de entrega prazerosa, isso me faz orgulhoso de mim e Madalena sabe disso tanto quanto eu. Sim, Madá e eu vivemos a sintonia de um viver prazeroso, distante dessa onda de imediatismo que tem um limite de utilização tão curto. Dispensio-me dessa entrega e lamento por vocês não se desprenderem dela. Sei

que vocês, pela atenção que me dispensam, discordam da estratégia do padre Moreira, com essa estória de querer me interditar. Quem deve ser interditado é ele, ora! Fiquem todos sabendo que eu não sou louco e o sou ao mesmo tempo. Não há como vocês duvidarem da minha capacidade de tantos conhecimentos, mas, por certo, sei que dou motivo para me acharem louco por causa de minha teimosia na busca da minha Madalena. Nesse ponto vocês têm razão. E me disponho a mais e mais caminhar nessa direção, porque jamais deixarei de lado essa minha determinação, essa vontade férrea da busca incessante desse ser maravilhoso que é Madalena. **(Como que se reportando a alguém)** Não adianta, Dr. Ambrósio, não adianta o seu protesto. Vejam só como ele me falou: ***“Seu Jesus, fale-me de outras coisas mais proveitosas e interessantes. Não estou aqui em meu consultório com o senhor para perder tempo com essa sua mania de uma mulher imaginária. Quero é que o senhor explore os temas que magistralmente domina. Continue a me falar da política, da tecnologia, da ética, da religião. Esses temas e tantos outros, o senhor já os abordou com muita maestria e me deixou embevecido e boquiaberto.”*** (Entra uma pessoa vestida de médico, com aspecto de superior administrativo, ao mesmo tempo em que os que se encontram no quarto saem por lados diferentes. O recém-chegado deixa transparecer que está contrariado e também sai apressado. Jesus retorna às considerações que vinha desenvolvendo) Dr. Ambrósio, o

senhor me perdoe, mas essa forma de tratamento de seu hospital está muito desumana. Precisava me tratar daquele modo?! Serei eu alguma pessoa perigosa? Sabem o que ele contra-argumentou? **“- Jesus, eu tenho pena e muito respeito por você. Vejo o seu abandono com muita tristeza. Sei que você não é louco, mas está numa situação de penúria muito grande. Foi bom ter trazido você aqui para o hospital. Pelo menos eu cuidei de você e aproveitei para me ilustrar com você. Você é deveras inteligente e culto. É dono de uma soma de conhecimentos estupendos. Disso eu não tenho como duvidar. Sinceramente, estou animado, muito animado a ter com você novos encontros, novos diálogos enriquecedores. Você, realmente, é incomparável. Seus pareceres sobre a minha área específica, por exemplo, me fazem uma coisa raquítica. Senhor Jesus, onde é que está a fonte da qual bebeu tão intensamente para me passar tantas e profundas lições? Pois aqui nesta minha casa o que se deu foi algo inédito. O médico inteiramente rendido às argumentações científicas do seu paciente. Ah, que os meus clientes não saibam disso, que não saibam disso, também, os meus colegas de ofício.”** Dr. Ambrósio é realmente um homem de visão. Pena que ainda esteja preso a certas conveniências. Mas também longe delas ele não tinha como manter sua casa de saúde. **(Com a cabeça entre as mãos)** Veio com sua defesa em torno dos avanços da Medicina. É bonito. É muito bonito o seu modo de atuar. Mas, não está rigorosamente de acordo com as leis da

constituição cósmica. Isso sem falar do lado puramente comercial. Manter um cristão ligado a aparelhos para uma sobrevivência que, na realidade, é um penar para o paciente e para os familiares?! Que tipo de avanço é esse? Vi, certa vez, o quanto passou de sofrimento um amigo meu, plenamente acabado num ponto vital, já devendo, portanto, à senhora da foice e, no entanto, foi mantido vivo. Aquilo me fazia revoltado. E o pior, Madalena, é que, se a pessoa não é daquelas dotadas de recurso financeiro, eles não prosseguem nessa sobrevivência além de trinta dias. Dizem que o plano de saúde não dá cobertura além desse lapso de tempo. E o resultado é que o paciente é entregue à morte, como se essa já não estivesse reclamando o seu direito há muitos dias. Sei que não poderia ser perdoado pelos colegas do Dr. Ambrósio. Critiquei nas emissoras de rádio e nos jornais essa forma desumana de se fazer Medicina. E, como resultado, eis-me envolto em mais um processo. Ainda bem que o bom senso está prevalecendo. Dr. Ambrósio, como homem bem informado só pode ter ficado contente com a decisão adotada. ***“Seu Jesus, eu vou liberar o senhor, porque sei que o senhor não é maluco, o senhor tem muita inteligência para dar e vender. Mas, homem, por favor, se cuide, se cuide, que eu não quero ver o senhor novamente aqui no meu hospital.”*** (Entram duas enfermeiras. Desamarram Jesus cuidadosa e carinhosamente. Jesus vai saindo de cena demonstrando um aspecto de muita confiança em si mesmo) Vamos ver quem é bom. Na Justiça eu ganharei. Vou colocar por terra essa

danada acusação que me fazem os senhores médicos. Esperem todos e vejam.
(blecaute)

CENA V

(Jesus entra em cena. Vem numa cadeira de rodas. Está com o corpo todo cheio de esparadrapos. Sofreu um acidente. Não esquece a garrafa de aguardente que está debaixo do braço. Está chorando feito um menino. Mostra-se com um excessivo cansaço)
Madalena, Madalena, veja em que condições eu estou! Já acharam até que eu não era mais gente, que devia mesmo morrer. E quando cuidei que não, estava estendido bem pertinho do meio-fio. Ah, como doeu! Como doeu, Madá! Fiquei estendido sobre aquele calçamento quente, tão quente que parecia uma fogueira. Nem sequer eu me mexia. Uma multidão fez logo um círculo ao meu redor. Às pressas, me levaram para o Hospital de Traumas. **(E, após uma pequena pausa em que se lastima muito)** Como me foram pesadas as palavras do Dr. Ambrósio: “- ***Seu Jesus, o senhor não vai mais poder andar. A pancada atingiu a coluna vertebral. O senhor ainda foi feliz porque ainda pode se sustentar sobre as pernas por pouco tempo. Já fiz tudo o que podia fazer.***” Ó, Madalena, quando eu penso que não posso mais andar! Que não tenho mais as minhas pernas! Ter que andar sobre duas rodas! **(Começa a chorar)** Que vida miserável! Como eu vou mesmo suportar essa vida, Madá? Se não fosse você, se eu soubesse que você não existia,

que eu estava enganado, que tudo isso era uma ilusão minha, eu não fazia mais questão de viver. **(E, dominado pela ira que subitamente o invade)** Ah, motorista! Pensava que eu era um cão sem dono para botar o carro por cima de mim? **(E, como um revoltado bem exaltado)** Essa humanidade está mesmo muito atrasada! É por isso que tantos desastres acontecem por aí. Gente bárbara, completamente bárbara que não possui nenhum princípio de humanismo. Gentinha miserável! Verdadeiros sádicos! **(O desengano agora toma conta de Jesus)** Ah, por que é que o mundo é assim? Eu só queria saber mesmo. Por quê? Olhe, Madá, você pode acreditar. Eu ia caminhando em cima da calçada, retornando do Manicômio para a minha casa, sozinho. Quando menos espero, recebo uma pancada que me levou imediatamente ao solo. Será possível! Só pode ser marcação! Só mesmo. Parece que o povo não quer mais que eu viva. Por que essa humanidade é assim? Eu estou prejudicando alguém, estou? Eu estou roubando alguém, estou? Eu estou me intrometendo na vida de alguém, estou? Então, por que estou sendo perseguido? Vocês não querem viver? Então, deixem-me viver também. Humanidade podre! **(Chorando)** Agora me privaram das minhas pernas. Como, então, eu posso procurar Madalena? Agora não saio nem de casa! É o tempo todo em cima dessa cadeira de rodas. Quando não é na cadeira, é naquela cama miserável! Que desgraçado eu sou! **(Volta a chorar. Pega a garrafa de aguardente e bebe demasiadamente)** Madalena, não me faça esperar mais! Não vê que eu não posso nem sair

de casa? E como então é que você quer que eu vá procurá-la? Não vê que eu não posso, Madá? **(Jesus cai num pranto bem maior e é invadido de um desespero descomedido)** Venha, Madá! O seu pobre inválido precisa muito de você! **(Continua bebendo)** Por favor, Madá, Madá, venha! **(Jesus no seu desespero tenta sair da cadeira para andar. Cai. Procura se levantar. Não consegue. Põe as mãos sobre o rosto. O seu choro agora é altamente triste. Parece o pranto de quem chora um defunto)** Madá, Madá! Por que me privaram das minhas pernas? Eu que tanto quero buscar você, minha querida! Madá! Madá! **(E desmaia)**
(blecaute)

CENA VI

(Jesus está no centro do palco, deitado numa cama. Está ofegante. Perto, ainda se encontra a sua companheira: a garrafa de aguardente. O estado em que se encontra é de completa miséria: cama velha, sem forro nenhum; os seus cabelos, grandes e assanhados; a sua barba, uma verdadeira imundície; os seus trajes, uma verdadeira colcha de retalhos. Fala com muita dificuldade. Jesus sempre olha a garrafa de aguardente que, apesar de estar perto, não pode alcançá-la) Que dia é hoje? Será possível que eu não me lembro? **(E, ao cabo de certo tempo em que fica pensando)** Ah, já sei! Hoje é sexta-feira de Paixão! E é por isso que não tem ninguém em casa. **(Pausa)** Não posso saber nem que hora é essa. Mas eu acho que já são

mais de quatro horas. A procissão já deve ter começado **(Pausa)** Ah, somente eu é que estou privado de sair! E já não é só pelas minhas pernas! Agora eu sinto uma canseira enorme me tomando inteiramente. Ah, como eu estou cansado, Madalena! Faz três dias que eu não como e nem bebo. Sinto que as minhas forças estão fugindo a cada momento que passa. **(Jesus geme, contorce-se sobre a cama vagorosamente. E, momentos depois)** Eu sei que sofrer não é bom. É ruim! É ruim! **(Chora bem baixinho)** Como é ruim, Madá! **(Jesus se conforma)** Mas apesar de eu estar sofrendo tanto, Madalena, eu me conformo com isso. O sofrimento não faz parte da nossa vida? Então, não há motivo para lamentações, minha querida. Por que chorar? Isso não adiantará em nada, não é mesmo, minha querida? **(Jesus demonstra estar inteiramente tomado de dores que percorrem todo o seu corpo)** Que dia triste esse de hoje! Ah, ainda me lembro de quando eu era pequeno! Via o povo fazendo toda sorte de penitência! Jejuns os mais terríveis. **(Jesus se reanima um pouco. Já se mexe na cama com certa facilidade)** Jejum... jejum... eu nunca que fizesse isso! O padre Moreira não cansava de bater em cima de mim: “- *Seu Jesus, é preciso o senhor fazer umas penitências. Lembre-se de que no dia de hoje o nosso Salvador sofreu por nós mais do que dois, três... quarenta dias de fome! E então, por que o senhor não se solidariza com o sofrimento de Cristo, Nosso Senhor?*” **(Jesus, a muito custo, estampa um ligeiro sorriso nos lábios)** Solidarizar... solidarizar... Eu não tenho

culpa se alguém sofreu! Eu estou aqui em cima desta cama, e quem é que está aqui ao meu lado para me aliviar essas dores malditas? **(Jesus começa a sentir dores violentas tomando-lhe o corpo. Volta a chorar. E, após um dado momento de completo silêncio)** O que é que eu tenho, afinal? Ah, como a minha vista está toda embaçada! Por que será que eu estou assim? Você pode me explicar, Madalena? Ó, venha me explicar, minha querida! **(Nesse ínterim, Jesus volta os olhos para o alto e assume o aspecto de uma pessoa que está tomada de surpresa)** Mas que nuvem branca é essa que eu estou vendo? Que luz maravilhosa que ela tem! E o que é aquilo tão radiante bem no meio dela? Será um brilhante? Ah! Ah! Não! Não é um brilhante, não! Ah! Que criatura! Que ser humano extraordinário! É você, Madalena? ! Diga logo, Madalena! É você quem está aí? Diga, minha querida! Quero ter a certeza de que você não me abandonaria nunca! **(Jesus tenta se levantar. Vai se erguendo aos poucos com muita dificuldade e sempre com os olhos fixos no alto. Consegue se sentar na cama)** É você, não é, Madá? Eu sabia que você não me deixaria aqui sozinho, abandonado! Felizmente eu estou vendo você! Agora eu já posso dizer que você existe! Dizer todo cheio de certeza! Ah, que dia feliz! Quão felicíssimo estou! Madá, venha! Quero tocar o seu corpo, quero haurir todo o saber que emana da sua alma! **(Vai se levantando aos poucos. À custa de um tremendo esforço, consegue ficar de pé. Está de braços abertos. Fala implorativamente)** Ó, Madalena, venha para mim! Eu preciso tanto de

você! **(Jesus, à proporção que dá mais um passo, apresenta-se cada vez mais contente)** Ó, Madá dos meus sonhos! **(Jesus, de repente, transforma a sua fisionomia. É dominado por súbita decepção. A sua Madalena desaparece dos seus olhos. Fora apenas uma visão)** Ah, que é de você, Madalena? Para onde você foi? Vi você agora mesmo! **(Começa a chorar desesperadamente)** Madá, Madá, não me faça sofrer mais! **(Jesus já não suporta mais ficar de pé. A cama onde se achava já está longe do seu alcance. Desequilibra-se e cai com todo o corpo bem pertinho da garrafa de aguardente. Pega a garrafa e bebe como se estivesse bebendo água. Esvazia todo o conteúdo que nela havia)** Oh, vida desgraçada essa minha! Oh, vidinha cruel! Não vale mesmo a pena viver! **(O álcool começa a surtir efeito. Mas, mesmo assim, fazendo um imenso esforço, Jesus consegue se levantar. Está de pé, mas o seu corpo balança como os ramos de uma árvore ao sabor dos ventos. Jesus não consegue se equilibrar por muito tempo. Cai com todo o corpo no chão. É uma queda violenta. A garrafa vazia desprende-se de suas mãos e cai longe. Jesus contorce-se todo. As dores vão tomando conta do seu corpo)** Ah, que dores que eu estou sentindo! Ó, Madalena, que tantas dores! Que tantas dores são essas?! **(Chora baixinho)** Madá, Madá, faça com que esse cálice passe logo! Faça isso, por favor, Madalena! **(Jesus começa a falar como que soletrando, tão grande é a sua aflição)** Ma-da-le-na! Ma-da-leee-na! Oh, minha queeee-ri-da! Mi-nha que-ri-da Ma-da-le-na! **(Jesus**

tenta se levantar. Quando chega a sentar, dá um grito de fazer horror. As lágrimas não param de lhe cair no rosto. Jesus está se ultimando. Já não pode falar mais normalmente. Expressa suas dores com monossílabos) Ai! Ai! Ai! Ai! (O desespero da dor vai passando. Jesus vai estirando o corpo até ficar completamente estendido no chão. E, num esforço fora do comum) Ma-da-le-na! Ma-da-le-na, em su-as mã-os eu en-tre-go o meu es-pí-ri-to! (Expira. A luz vai caindo em resistência. Fecham-se as cortinas. Fim do 2º Ato)

EPÍLOGO

(Jesus sentado, no centro do palco, semblante radiante, vestindo uma roupa comprida, de cor branca; uma brancura luzidia. Tem, nas costas, um par de asas. Ao seu redor, plumas, muitas plumas, umas no chão, outras suspensas, envolvidas por um vapor multicolor) Eh, Eh, Autor, eh, eh, Autor (sorrisos, enquanto passeia os olhos pelas plumas e pelo vapor que cada vez mais se intensifica) Cá estou eu, na contramão do que insinuaste para mim durante todo o transcorrer de tua narração teatral. E eu, de tolo, não percebi o teu intento, apesar de tua boa vontade em me veres de forma sã. Com toda a certeza, agora eu vejo as coisas mais claras do que tu. Perdão, mas isso que ouves constitui mesmo uma pontinha de revolta da criatura contra o criador. Vejo que o distinto público já percebeu a

que ponto querias me levar, mas ele me aplaude, me aplaude, Autorzinho, e então eu agora é que te digo, com o beneplácito da distinta plateia, como este céu é maravilhoso! Uma vez sem mais escamas nos meus olhos, abraçado eternamente à minha doce deusa Madalena, arranco das Escrituras Sagradas uma verdade profética. Sim, por falar em deusa Madá, aqui eu a encontrei bela, formosa e dona realmente daquela sapiência da qual nunca eu duvidei. **(Tomando em suas mãos um exemplar da Bíblia)** Quando homem-carne, lá embaixo, eu sentia o aguilhão do poder divinal, ameaçador, pela boca do Profeta Abdias (Obadias na bíblia protestante), como se pode ler aqui no versículo 4 do seu Livro: *“Se te remontares como águia e puseres o teu ninho entre as estrelas, de lá te derribarei, diz o Senhor”*. Aliás, ele, com tais palavras, simplesmente repete o Profeta Jeremias, no versículo 16 do capítulo 49 do seu Livro. **(Olha para o público)** Perdão, não riam de mim. Continuem encarando-me como um homem de juízo perfeitamente sadio. **(Retornando ao seu questionamento)** Ah, minha doce deusa Madalena, tu que te encontras ainda aí por trás desse biombo tomado de anjos, sem querer aparecer à distinta plateia, vem e mostra a ela como a ameaça divina não oferece perigo nenhum àqueles que se despem de conquistas meramente pessoais no campo do espírito. Nós nos despimos, seguramente, dessa tão egoísta pretensão. Sim, minha mulher, minha deusa Madalena, a ameaça da palavra divinal é tão somente destinada para aqueles cegos que se julgam condutores de outros que são todavia inocentemente cegos. **(Dá uma**

gargalhada estrondosa) Os homens, deusa Madá, que vivem um faz-de-conta dos caminhos de Deus, estes, realmente, eu os vejo aqui às carradas, sendo despachados, lacrimosos, constantemente, para outro “departamento”, no qual eu vejo se acumularem tantos fardos de culpas e de ardores terríveis para as pobres almas. São esses infelizes personagens precisamente aqueles sobre os quais falam os referidos Profetas; são eles os que pretenderam a condição de águia, quando ainda plenamente movidos de um sentido eminentemente pessoal, egoísta. **(Gesticulando de forma a compreender a totalidade do ambiente em que se encontra)** Mas aqui, distinto público, será que vocês também não estão enxergando? Aqui, a conversa é diferente; bem diferente e para muito melhor. De minha posição privilegiada, eu enxergo aqui, se bem que em pouco número, aqueles sobre os quais fala o Evangelista Marcos, no último Capítulo do seu Livro, nos versículos 17 e 18: *“Estes sinais hão de acompanhar aqueles que creem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas, pegarão em serpentes; e se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados”*. **(De mãos distendidas para a plateia)** Calma, calma, distinto público, não se apresse. Estou notando olhares muito interrogativos. E vou atender a curiosidade de cada um de vocês. **(Apontando, dedo indicador em riste, um dos presentes)** Você aí! Como? **(Mãos em concha nas orelhas)** Fale mais alto. Agora sim eu ouvi. E lhe asseguro que esse

personagem a que você se refere não está aqui neste céu. **(Notando o gesto de decepção do seu imaginário interlocutor)** Mas não se decepcione tanto, rapaz. Aliás, não é só este nome expressivo do mundo das religiões de que trata a sua pergunta que não está aqui. Não vejo aqui a figura dele e de nenhum dos que, com ele, tanto poder temporal mesclou com o que pretendia de cunho de espiritualidade. Digo isso com toda a certeza, até porque o número dos que gozam das delícias deste céu é bem reduzido, como já disse. **(Fazendo um gesto de espanto)** Esperem, esperem! Quem vejo eu aqui?! Quem vejo eu aqui?! O Autor?! Quem diria?! O Autor?! Autor, Autor, és tu mesmo que estás aqui? **(Demonstrando que seu espanto foi de todo e imediatamente dissipado)** Eu sei, Autor, eu sei. Já aprendi contigo e mais escolado me encontro agora que estou nesta pátria celeste. Vejo-te aqui, em que pese tu ainda estares vivendo entre os mortais, lá embaixo. E por quê? Por quê? É tão simples, Autor, é tão simples, distinta plateia. É que, ao que bem sei, o Autor vive propalando aos quatro cantos que ele já morreu na própria carne viva para continuar vivendo espiritualmente nessa mesma carne viva. É tudo quanto ele costuma dizer para explicar a verdadeira re-ligação da criatura com o Criador. De início eu não entendia bem, mas agora eu estou entendendo e muito melhor. Aqui, vejo melhor, porque vejo sem olhos. O sentido da visão passou a ser amplo. Não existe frente, trás, lado, cima nem existe baixo. Tudo é uma dimensão única. É uma sensação nunca dantes experimentada. Esse privilégio, aliás, me

foi conseguido pela deusa Madalena. **(Breve parada para uma reflexão)** Sei que a aguardente não me perdoou. Matou-me a carne, mas o espírito, sempre forte, eu o sinto integrado no Senhor. Feliz então a minha alma. Não sofre dores terríveis. Espera no Senhor a consumação deste século, que virá, com certeza. Ela passou, da sua condição mortal, em face das minhas formas inocentes e deveras agradáveis ao Senhor, para a condição de imortalizável. Tornou-se sã para o Senhor e louca para os homens, inclusive para o autor, de forma intelectivamente insinuativa. Tornou-se, então, imortalizável a minha alma. E mesmo aqui neste céu o seu processo de imortalização retoma o seu curso evolutivo para cada vez mais se dar a integração definitiva do eu-espírito em mim com a gloriosa Divindade. Amém! **(Destinando-se para fora da cena, ao mesmo tempo em que o vapor multicolor se intensifica e a música incidental, também)** Autor, Autor, vem cá, vem cá, deixa a minha deusa Madalena em paz, que eu já estou ficando com tanto ciúme. Não me faças tão enciumado assim. Só te vejo com essa mania de querer estar junto de Madá para lhe beber a grande soma de saber que ela tem. Autor, não me sejas assim tão perverso. Ah, se me fosse possível aqui beber também outras tantas doses da gostosa aguardente! **(Já inteiramente fora de cena, continua invocando o Autor e Madalena, várias vezes e grita bem alto, ao mesmo tempo em que as cortinas vão sendo lentamente fechadas, com a luz caindo em resistência, enquanto em eco se ouvem as suas últimas palavras)** Eu não sou louco, eu não sou louco, eu

não sou louco! Autor, tu me pagas! Madalena, larga a mão do Autor, eu estou vendo, vós estais fugindo de mim, estais fugindo do mundo, estais penetrando a dimensão do infinito. Não, não me deixeis sozinho. Que desgraçado eu sou. Que desgraça é para mim esse céu tão confortável sem a minha Madá. Oh, desgraça! **(Mudando de opinião)** Ora, que desgraça coisa nenhuma. Eu digo mesmo é bendita, bendita desgraça! Assim seja, sempre! Melhor assim, mesmo sem Madalena, porque no céu já não estou, porque eu o sou! Eu sou! Eu sou! Eu sou! Eu sou! Eu sou! Eu o sou!

FIM

31

TRAGÉDIA DE UM TRÁGICO SÍMBOLO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

.....

- De onde o autor retirou essa estória? – todos estarão se perguntando.

- De sua profunda repugnância ao sofrimento e à violência inerentes à cruz – dirá ele, tomado de intensa convicção, com o perdão de todos os ouvidos.

.....

Diferente, muito diferente de como, há alguns anos, vivia do seu ativo pescar, para cujo mister se valia não de símbolos, mas de ferramentas que muito lhe calejavam as mãos - as suas redes -, Pedro, agora, muito religioso, se acercava de símbolos que mais o faziam convencido de sua religiosidade. Como principal deles, se gabava de pesado crucifixo que carregava ao pescoço, pendurado em grosso e rico cordão de ouro, sem falar no peso de ouro bem trabalhado em que se apresentava propriamente o mencionado crucifixo, em que pese de bordas finas à guisa de verdadeiras lâminas.

Certa noite, após um dia de muito desespero, ele foi dormir com a alma agitada. Junto ao seu corpo, como sempre, o crucifixo, do qual ele não se desgarrava jamais. Naquela noite, também se fez acompanhar, junto ao seu corpo, da Bíblia. Por falar nela, sempre a

costumava ler. Nessa noite, contudo, depois de muitas voltas na cama, procurando a melhor posição para dormir, terminou com a sua cabeça apoiada por sobre o livro sagrado e finalmente conseguiu dormir.

O pior, porém, estava por acontecer. Um sonho, mais que um sonho, um pesadelo muito grande tomou conta de Pedro e ele começou a se revolver, a se revolver e... que tragédia, que enorme tragédia! O crucifixo fincou-se incompreensivelmente na Bíblia, que tinha capa de couro e fecho de zíper, e se fincou de uma forma tal que, apoiada naquele elemento sólido, de certo peso, recebeu, em sua extremidade superior, a pele muito delgada do pescoço de Pedro, justamente num ponto mortal!

Foi sangue jorrando, jorrando bastante, ao tempo em que Pedro, saindo do sono e do pesadelo, pôde ver a triste situação em que terminou ficando. Mal lhe restou tempo necessário para gritar, chamar alguém que estivesse em casa. Os gritos foram enormes.

Logo Mariana, a sua sogra, correu para o seu quarto e ali se deparou com a triste cena. Ele ainda teve tempo de mostrar a situação em que se encontrava o crucifixo encravado na Bíblia e a parte de cima, tinta de sangue, enquanto o sangue dele continuava a jorrar e sua vida se ia acabando, se ia acabando, até que enfim se acabou de veras, deixando Mariana apavorada com semelhante tragédia que acabara de acontecer com o seu querido e tão religioso genro.

No dia seguinte, no velório, muitas eram as pessoas a lastimar o triste acontecimento. E Mariana fez a seguinte observação:

- Agora eu estou convencida de que a razão está com quem, religiosamente, não se apega a coisas materiais.

- Por que você diz isso? - quis saber um dos circunstantes.

- É que o meu genro foi vítima da própria amarra com a qual se prendia de forma tão caprichosa e exibida. Não fazia por onde esconder o seu crucifixo, fazendo questão de mostrá-lo em todos os momentos e com quem se encontrava; fossem conhecidos seus, fossem estranhos, ele como que sentia orgulho de dizer que tinha um crucifixo rico, bonito, extravagante, uma obra de arte, enfim, e que lhe custara um monte de dinheiro. Exibia-o com um orgulho esfuziante, procurando fazer inveja às pessoas, comparando aquela joia com nenhuma outra existente.

- Sendo assim, eu vou acabar lhe dando razão. - interveio outro circunstante - Acho que Pedro exagerava, e muito, com o seu crucifixo. Terminou, então, sendo vítima dele mesmo. Que lástima!

Chegando a hora do adeus, todos viram, então, Pedro inerte, dentro do esquite, enquanto, sobre ele, o crucifixo repousava. O crucifixo criminoso, o crucifixo que tirara a vida de Pedro.

Não houve, no momento, nem depois, quem quisesse se meter com aquele crucifixo. Onde ele estava, ali foi deixado, ali ficou e terminou sendo encoberto pela terra que cobriu o esquite de Pedro.

Não se tem notícia de que ninguém, depois, procurasse profanar a sepultura de Pedro em busca do criminoso crucifixo.

Que estória mais triste!

- É no que dá você se apegar, religiosamente, a uma joia perigosa que mais pesa o seu sentido de sangue do que o próprio peso do ouro que ela tem...

- É, Mariana, você está coberta de razão. Eu mesmo já dei fim ao crucifixo que carregava comigo. Não quero mais saber de carregar essa arma trágica comigo. Quem sabe eu possa também vir a ter um pesadelo...e... não quero nem pensar. Basta o que já aconteceu com Pedro. Que essa tragédia sirva de exemplo para todos nós.

O fato acontecido com Pedro ganhou tanta repercussão que, nos dias seguintes, o que se via na cidade eram pessoas se desfazendo de seus crucifixos, vendendo-os ou mesmo providenciando o seu desmanche no ourives para aproveitá-lo em anéis, em alianças, em brincos e outros adornos.

Símbolo de violência e de sangue, como a cruz, nunca mais! - era a voz geral das pessoas, mesmo as mais religiosas da cidade.

.....

- De onde o autor tirou essa estória? – todos continuarão se perguntando.

- De sua profunda repugnância ao sofrimento e à violência inerentes à cruz – permaneceu dizendo, tomado de intensa convicção, com mil perdões de todos os ouvidos.

.....

Fim da triste estória..., sem receios de que ela seja reprisada!

32

A VERDADEIRA ORDEM?

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Para muitos, a Ordem somente se opera em uma organização - a de cada um desses muitos propriamente. Na visão do homem espiritualizado, porém, aquela Ordem tende sempre à institucionalização, pois, neste contexto, há o co-mando, que termina geralmente no mando, enquanto que nem mando nem co-mando existem na senda puramente espiritual. É que na senda espiritual ninguém manda nem co-manda, senão a si próprio, mesmo assim sem a ilusão de ser ele quem manda ou co-manda. A direção e/ou co-mando únicos, para quem alcança espiritualidade, são de Deus. Para este e tão somente para este é que o homem deve dar glória; homem-carne, evidentemente, pois o homem-espírito, sem querermos aqui soberba alguma, está no sempre residido de Deus e, por isso, ele é tão eterno e infinito quanto o próprio Deus. Para tanto, haja humildade, que deve em tudo ser semelhante àquela que Deus, por mistério insondável, se admitiu e se permitiu, por amor, evidentemente. Então, que glorie o homem-carne, porque o homem-espírito já se integra na glória de Deus, por ser tão eterno e infinito quanto Deus. Ao homem-carne, lhe cabe, realmente, gloriar a Deus, nesta terra em que ele vive a sua passagem, gozando dos acréscimos prometidos no Evangelho, se ele *“Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”* e sofrendo, até a consumação dos séculos, se ele não exercita esses amores. Ou seja, ele sofre e mesmo assim ele não sofre sozinho, porque Deus, em sua misericórdia, ele se

aflige, também, do sofrimento suportado pelo homem-carne.

Portanto, sem retirar a importância da Ordem como naturalmente ela se vem manifestando no mundo no curso dos tempos, quedo-me, porém, em humildade para poder gozar da consciência desses que a fazem em mando ou em co-mando, esperançoso quanto a ter abrigo na tolerância deles, na mesma medida em que eu hei de tê-la para com eles.

E então, dentro desta perspectiva, entre “ser” (*minúsculo*) e “NÃO-SER” (*MAIÚSCULO*), qual é a melhor Ordem?

Ser organização de preces, de louvores é fácil; difícil é a expressão do Não-ser em ser-viço, ou seja, do “*viço-do-ser*”. Para este último mister, não há uma escolha de capacitados; há, sim, escolhidos que se capacitam pela força do próprio ser-viço; uma performance, pois, para a qual não se requer templo, nem altar, nem rito sacramental, nem credo, nem louvor, nem orações; essa performance, se alguma direção tem, ela é da ordem de Melquisedec, o qual sequer tem uma genealogia... (*Hebreus, Cap. 7, v. 1-3*). Do ponto de vista religioso, então, fica até difícil para o “*militante*” dessa performance...

Mas para o militante daquela organização dificuldades não há. Ele sabe onde ela está situada. Ela é bem visível. Muitas vezes é ela muito grande, uma área coberta imensa, paredes largas. Pilares que se erguem em alturas estonteantes. Tem um altar, as pessoas que nela oficiam têm uma forma de vestir especial, muitas vezes cheia de cores carregadas. Os utensílios das celebrações são de ouro finíssimo. Há crucifixo. Há quadros da *via crucis*. Há imagens de santos, de Maria. Há uma pregação, que se orienta por um calendário litúrgico. Há uma música que encanta os ouvidos como uma atmosfera de acordes celestiais.

Já a pura performance, esta não tem nada disso, pois é orientada e realizada pelo Não-ser. E, se é

orientada e realizada pelo Não-ser, não tem... nada! O ser-viço por ela operado manifesta, nada mais nada menos, o próprio Não-ser, como expressão do poder espiritual que marca o homem-espírito nesta dimensão terrenal, ou seja, nessa performance reside o sentido da fertilidade, da construção efetiva, dando-se, pois, completa e integral extensão do homem (*de húmus... fertilidade*).

Não recrimino nem reprimo qualquer tipo de religião; apenas vivo a esperança de que, qualquer que seja ela, possa descortinar o caminho que hei escolhido: o da performance e, assim, poder ter lugar a convivência sadia e operante. Sim, porque o operante de cá e o operante de lá, qualquer que seja ele, têm ambos uma busca e uma finalidade: viverem Deus. Se os caminhos diferem, se nessa diferença reside o problema da fertilidade, de um lado, e da infertilidade, de outro lado, deixemos que ambos continuem o seu progredir ou o seu “progredir”. Não hei de, na humildade mais sincera, dizer que a performance possa ser melhor do que a organização. Espero que, qualquer que seja ela, resulte operado o desejo de Deus, que é o de que se opere o amor, pois somente de sua concreta manifestação é que pode advir um mundo melhor de “*um novo céu e uma nova terra*”.

Não me custa repetir, então: ser organização é mais fácil, mas... e a fertilidade do “*Campo de Deus*”?!

Responda, leitor, a esta pergunta, sempre através do “*dar-de-graça-o-que-de-graça-você-recebeu*”, assistindo à fertilidade do “*Campo de Deus*” e se despindo de qualquer vaidade de uma realização pessoal, mormente da organização; de uma organização que se impõe pela inabalável certeza de ser única via possível como meio de salvação do homem; e haja, com isso, o evoluir de um “*Eu-personal*”. Há, realmente, um fazer da parte dos seus integrantes, sobretudo em termos de magistério, com uma doutrina muito sadia. Mas, a grande massa

fica como cegos, o que, de certa forma, faz cegos quem propriamente dá primazia ao “*Eu-personal*”... de uma organização.

Fica, pois, o convite, leitor, para que sejamos aquela performance! Sim, a “*iniciativa*” do homem-espírito no homem-carne, autor destas mal traçadas linhas, é precisamente esse convite e, muito mais do que isso, é a via da “*efetivação*” da performance. Nela, você não vê, você não sente, você não toca, mas saboreia, pelo homem-espírito, a “*ratio-amorosidade*” que não é em você em *indimensão* infinita e eterna; precisamente aquela “*ratio-amorosidade*” do contraponto da majestosa Divindade, também de “*Ratio-Amorosidade*”, plenamente humilhada em auto-consentimento. Só assim você terá a sensação - mais! - você saboreará, pelo homem-espírito, o quanto a Divindade permite que, tanto quanto ela, também possamos criar! E assim o vazio da infertilidade não terá como persistir. Nessa performance, não é você, homem-carne, quem está na proa da “*iniciativa*”; é o homem-espírito - perdão pela insistência!

Aceite, leitor, o convite. Vamos subir o monte da espiritualidade, mas construindo a solidez de um atendimento a pessoas necessitadas, pois, ao mesmo tempo em que se sobe, há de ficar o rastro da bondade dos nossos corações, que é o “*pedaço*” de Deus mais efetivo em cada um de nós.

Subamos o monte juntos, realizando o bem para quem mais precisa, “*dando de graça aquilo que de graça recebemos*”. O Não-ser fará a performance dessa subida não ser na importância de sua *indimensão* eterna e infinita. Com certeza, não haverá lugar para a sensação de infertilidade, mas a própria produção divina eclodirá, mesmo sem a expressão de medida que os olhos de carne estão acostumados a medir...

Então, é possível vivermos essa ORDEM?

33

S.A.F.B.

(Sociedades anônimas da fraternidade branca)

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Cristino estava cada vez mais consciente do que vinha dizendo; era preciso acabar com essa estória de o homem ter que ficar ouvindo o outro, de forma dirigida, de uma maneira tal que, quem dirige, assume um mando e, não um comando; fosse um co-mando, aí sim, o equilíbrio, mesmo não sendo radicalmente igual, pelo menos já demonstrava a pura vontade de quem **mais** sabia com inequívoca aversão a um domínio sobre o outro, só porque este não estava detendo mais informação do que ele...! Esses que assim não somente pensam, mas imprimem esse pensar ao seu viver, com naturalidade, com um despojamento do ter, esses, vínhamos dizendo, são aqueles que se podem chamar de “*sócios integrantes das sociedades anônimas da fraternidade branca*”...

Você, leitor, pode não ver. E pelos olhos da carne jamais poderá alcançar mesmo essa realidade, que melhor seria dizer bendita “*irrealidade*”, poderosa e misteriosa, como poderosa e misteriosa é a Divindade. Pois os homens que envergam a bandeira das “*sociedades anônimas da fraternidade branca*” são os verdadeiros bandeirantes do céu; e céu não pode mesmo ser realidade do mundo, muito embora ele céu exerça influência poderosa no mundo da realidade...

Andamos por tantos lugares, vemos tantas belezas que prendem a nossa vista, deixamo-nos encantar por poesias da natureza, como o nascer e o pôr do sol, um belo dia de chuva, a neve que cai, ou mesmo,

neste Nordeste que é o meu torrão natal, o calor escaldante que faz sulistas derreterem como blocos de neve... Mas, tão mais importantes do que essas realidades detectadas pelos olhos da carne são aquelas “irrealidades” das “sociedades anônimas da fraternidade branca”, porque elas existem “sem existirem”, não fazendo alarido algum acerca de sua “irrealidade” produtiva, salvadora. Não têm nenhuma propensão à divulgação de si mesmas; muito pelo contrário, evitam os seus membros o sentido individualista de sua realidade. Primam, muito incisivamente, pelo sentido de uma performance mais ampliável possível, no seio social, distribuindo o bem sem olhar a “quem”, principalmente quando esse “quem” não são eles, ou seja, os próprios associados dessas sociedades abençoadas.

Então, *Cristino* começou a acreditar nisso, a acreditar que algo pode ser poderoso, mesmo que inexista, mesmo que, no mundo manifestado de nossas sensações e sentidos, não haja uma manifestação sua, com uma institucionalização, com prédio, com móveis, com armários, com formulários, com selos, com estampilhas, com toda a sorte de garantias que o homem comum delas se utiliza para os afazeres, no mundo em que transita, todos os dias, no penoso ofício da “negação do ócio”, que são os seus negócios. Esses, por sinal, são os afazeres em que mergulha tantas vezes de forma tão intrincada. E de todo esse intrincado agir é que faz surgir a necessidade de uma ferramenta, que a chama de Ciência - a Ciência do Direito - que vai dizer com quem está o direito de um se sobrepondo a outro...

Cristino se convenceu de que não tem como se livrar deste mundo, porque ele é também mundo, ele está aqui, no meio de tudo isso, no meio da própria manifestação da natureza. Mas - pensou ele - pode-se **respeitar** tudo isso e, ao mesmo tempo, se tornar um bandeirante do céu. Por que não?

Partiu, pois, para o outro lado, o lado da religião, convicto de que, agindo de forma desinteressada em relação a si, e anonimamente, terminava nem tanto em sede de religião, porque estaria sem necessidade de uma re-ligação, mas já ligado efetivamente. *“O que ligares na terra será ligado no céu; o que desligares na terra, será desligado no céu”* - está escrito e, de escrito, deve passar à *“inexistência-mais-poderosa-do-fazer-sem-olhar-a-quem”*.

Imaginou, então, seu caminho pela via da literatura. Diferente do que fazem os homens em geral, não quis se submeter ao sistema no qual o livro tem que ficar no comércio, em uma livraria, publicado e distribuído através de uma Editora. Ele imaginou, criou e está executando um projeto, que tem o nome do primeiro de uma série de tantos livros que pretende ver divulgados: Subindo o Monte.

Já foram lançados, então, o projeto e o livro. E estão indo muito bem. Muito bem, se pode dizer, pelo fato de se encontrar em dificuldades de caminhar, porque o caminho escolhido, ele naturalmente é cheio de dificuldades, já que não se visa o lucro, para o autor, nem para ninguém, especificamente no sentido de tirar uma vantagem pessoal. O projeto visa fazer o bem a entidades filantrópicas. Daí a grande dificuldade, naturalmente. Se fosse para beneficiar, no sistema comercial instalado, uma Editora, tenha-se por certo que a divulgação já teria alcançado um volume bem maior. Mas o autor do livro e o autor do projeto não se incomodam com esses empecilhos. Eles são naturais, dentro da filosofia do projeto. Por isso a categórica afirmação de que eles estão indo muito bem, conquanto isso constitua um paradoxo, pois, na visão comercial dos homens, ele sequer decolou!

Não visam o autor do livro Subindo o Monte e o do projeto de igual nome provocar afronta contra ninguém. Sabem o papel importante que as organizações

sociais desempenham no seio da humanidade, e elas vêm fazendo muito no campo da moral, da ética, do compromisso com o social. Mas também, elas têm que permitir o espaço para quem pensa em fazer pelo social, pela moral e pelo ético, na forma que, diferentemente delas, se entenda como correto. Pois se elas têm uma forma que acham correta, não significa que o poço foi de todo esgotado e que não tenha outro meio de se fazer. Há mesmo a capacidade do homem, que brota de sua imaginação, que é inesgotável, e que, enfim, se pode materializar, e que pode tender para o mal ou para o bem. Aqueles que, efetivamente, tendam para o bem, não hão de receber dessas organizações a menor reprovação. Afinal, o que se quer é a prática do bem, sem nenhum interesse pessoal, não se quer ver o crescimento do nome de ninguém, muito menos o nome do autor.

Está aí, pois, a criação do autor, acerca da qual ele não guarda nenhum sentimento de vaidade, nenhuma presunção de que é magnânimo, mas simplesmente que sua parte fraca, sua carne, se vê iluminada pela luz dos olhos do espírito. Com isso, alcança a dimensão maior dos céus, sem esquecer a dimensão da escala horizontal, que está bem perto dele - seu próximo, principalmente quando esse próximo é aquele que está com fome, ou com sede, ou preso, ou nu, ou doente, etc.

Viva, pois, o surgimento desse mais novo segmento de *“sociedade anônima da fraternidade branca”*. Que ele não tenha nenhuma importância de nome e permaneça sempre e cada vez mais firme e forte e revigorado, na esperança de que os corações empedernidos amoleçam e pendam para o lado mais fraco, que é o lado deles mesmos. Que o seu nome - Subindo o Monte - não esteja ligado ao nome de nenhuma pessoa, muito menos do seu autor, pois ele quer ser tão anônimo quanto anônimas devem ser as ações dirigidas em favor dos que, menos favorecidos,

precisam de algum apoio, sem ficarem aprisionados pelo dever de gratidão. Este tipo de dever só funciona melhor quando é espontâneo, como espontâneo foi aquele agradecimento do leproso de que nos fala o Evangelho.

Da “*sociedade anônima da fraternidade branca*” que se quer imprimir ao projeto Subindo o Monte, façam parte, cada vez mais, espíritos desprendidos, cegos cada vez mais para as coisas do mundo, mas iluminados pela luz dos olhos do espírito, difundindo sem alarido e de forma eficiente, a bondade de seus corações, traduzida no bem que possa ser direcionado aos esfomeados, aos sedentos, aos nus, aos cegos, aos presos. Oxalá essa sociedade que não tem prédio, nem utensílios, nem normas, nem qualquer distintivo brilhante como um brasão se firme no terreno fértil da bondade, fazendo divulgar, cada vez mais, essa bondade, a ponto de tantas outras sociedades desse naipe se possam constituir nos assentos etéreos que dispensam atas, sinais, selos e assinaturas. Valham, em seus estatutos eternos, a palavra, o valor intrínseco delas, pois ela é, dentre todas as armas, a mais poderosa, a mais eficiente, e que por si mesma e por si só tem o poder de penetrar a essência dos céus. Não há de precisar, pois, de assentamentos como os que se fazem em cartórios, nos quais proliferam os negócios humanos.

A palavra é a palavra e é o quanto basta, sem necessidade de comprovações. Aliás, bem diferente do mundo de hoje, tempo houve em que a palavra detinha a importância que tanto expressa sua dimensão. Nesse tempo que, aliás, não está tão longe de nós, se dizia que o fio do bigode de um homem valia mais do que qualquer assinatura aposta em cheques, em notas promissórias, em letras de câmbio etc.

Seja você, meu amigo, minha amiga, um sócio, mais um sócio de uma “*sociedade anônima da fraternidade branca*”, ou mesmo um sócio fundador, pois é preciso, é fundamental que elas se espraíem neste mundo, para

mais revelar o Deus que se “*vela*” para nós em face do acanhamento de nossa condição de ser criado. O Deus “*velado*”, então, se encarada a necessidade de integração do Eu com a Divindade, passa, com certeza, a Deus revelado, como revelado ele o foi pelo Homem de Nazaré, nosso irmão. Somente quando o homem encara as coisas do céu com a condição de ser criado, de sua realidade edênica pura e simplesmente, aí sim é que o Deus que ele busca, ao invés de se revelar, se torna cada vez mais “*velado*”, cada vez mais escondido. É que o criado, que é finito, não pode abarcar o Criador, que é infinito. Somente o Eu, expressão espiritual da Divindade no homem, é que, com a majestade da parte de Deus em si, como imagem e semelhança deste, pode processar o melhor caminho salvador. Esse melhor caminho é o da revelação, onde ele não tem que esconder Deus, não tem que “*velá-lo*” em face da vergonha de sua pequenez de criado, mas proclamá-lo. Essa proclamação há de ser a da posição ereta de homem ressurrecto, de homem que, da posição deitada decorrente da morte, passa à posição ereta da ressurreição. Nessa condição, ele goza com a Divindade a expressão de “*conquista*” dela Divindade, da qual não tem como se envergonhar por pequenez, porque, nesse caso, ele abandona a condição de criado e parte para a condição de Criador, pois o Eu é o “*crístico*” que “*foi*”, que “*é*” e que “*será*” sempre eterno e infinito.

Sejamos, pois, cada vez mais convictos da necessidade de “*surgimento*” de novas “*sociedades anônimas de fraternidade branca!*” Que todos os que se despem dos olhos da carne possam “*vê-las*” não em palácios, em igrejas, nas casas de ricos ou nas casas de pobres. Elas são muito silenciosas e não têm dimensão nenhuma para o mundo sensorio, mas importam a maior e mais vigorosa expressão cristã - fazer pelo próximo sem alarido, trabalhando para o fim de se conquistar o que jamais poderá ser propriedade do homem-carne.

Em verdade, em verdade, *Cristino* está coberto de razão, não pelo seu lado de homem-carne, mas..., mas..., perdão, é impossível concluir o que vai na alma e no espírito, em face da pequenez da linguagem humana. Só a misericórdia divina para compreender e... basta! Vamos torcer para que as tais sociedades ganhem volume em sua bendita "*irrealidade*".

Assim seja!

34

JÁ FEITO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Ouvi, certa feita, o depoimento duro de pessoas, dizendo que o livro *Subindo o Monte* era complicado demais e que ninguém entendia o que eu estou querendo dizer nele.

Isso, ao invés de me desanimar, me trouxe um ânimo muito grande, porque essa medida da complicação faz grande a referida obra e a faz grande justamente em face desse tipo de depoimento que tive. Tudo isso porque o teor do livro *Subindo o Monte* não é realmente de fácil acesso. Cuida de espiritualidade, numa profundidade muito grande; tão grande que o próprio autor, muitas vezes, se vê despreparado para se manter em sintonia com ele. Então, fiz muito bem em não havê-lo publicado por intermédio de uma Editora, pois não iria mesmo “*sair do lugar*” nas prateleiras dessas casas comerciais chamadas livrarias. Por isso é que o atrelei, habilmente - permitam-me a imodéstia - a um projeto e lhe dei o mesmo nome da obra: Projeto *Subindo o Monte*. Com ele, até o presente momento de sua divulgação, dentro da limitação natural das pessoas, creio ter atingido o verdadeiro sentido do livro, chegando ao “*já feito*” a que tanto se apegam o Cristianismo, mesmo que de forma inconsciente para os que adquiriram o livro e o tenham lido, mas não o tenham entendido, o fazendo, pois, com a verdadeira conotação “*cristica*”.

O fato de se haver contribuído para uma entidade filantrópica, como *conditio sine qua non*, no ato de

aquisição do livro, é fator determinante para se afirmar seguramente que, com isso, já se operou o “já feito” do Cristo e do Evangelho puros, puríssimos, isto é, sem açoites, sem flagelações, sem crucifixão. É exatamente isso o que o livro quer mostrar, desde que jungido necessariamente ao Projeto que guarda o mesmo nome.

Mas, essa finalidade é realmente tão difícil de assimilação, que até mesmo o próprio autor, nos dias e nos momentos em que lhe falta a espiritualidade, tem bloqueado aquela via que lhe possibilitou escrever o livro e senti-lo e viver a realidade que ele prega: ser cristão, sem necessidade de derramamento de sangue, sem sacrifícios. Na verdade, o que interessa à Divindade é que não haja sacrifício e sim misericórdia e esta se opera eficazmente quando o “já feito” assume a modalidade pregada pelo livro, pois busca a essência do Cristo e do Evangelho, que é o fazer pelo outro, sem estardalhaço, sem olhar a quem, atingindo o “cristico” sem necessidade de mais sofrimento do que aquele já suportado pela própria Divindade, de forma espontânea e amorosa. Não se há de falar nem em sofrimento do homem que se diz cristão, nem também se há de falar em sofrimento suportado pelo Nazareno, assumindo, para tanto, o lugar do homem. Sacrifício só mesmo o da Divindade. O homem que tem essa visão pelo olho do espírito, evidentemente, há de ter negado esse mundo em que ele vive e, ao mesmo tempo, há de o ter afirmado pelo sentido de suas ações positivas junto aos seus irmãos necessitados, ou seja, junto aos doentes, aos famintos, aos sedentos, aos nus, aos presos.

Dentro dessa ordem de consideração, o autor pede vênias para dizer que a obra literária Subindo o Monte, desde que agregada ao Projeto Subindo o Monte, constitui o “já feito” cristão fundamental, pois o protagonista, ele não carrega consigo nenhuma tímida ou pálida parcela de realização pessoal, já que ele tem consciência de que, nessa trilha de ações, ele não faz

conjugações verbais na primeira pessoa; muito pelo contrário, ele realiza aquilo que jamais poderá ser dele ou de qualquer outro homem, mesmo que esse outro homem seja o próprio Jesus de Nazaré. Aliás, ele próprio, o filho de Maria e de José nunca deve ter atribuído a si mesmo a realização de tantas ações cometidas em favor de tanta gente necessitada. Não foi ele, na verdade, ou seja, ele homem-carne, filho de um casal de carne como o mencionado há pouco, o responsável por tantas ações amorosas; foi, isso sim, o homem-espírito que nele operou de forma plenamente eficaz, a ponto de poder ter afirmado “*Eu e o Pai somos um*”. O “*já feito*” que foi obra do próprio Rabi da Galileia não brotou, de forma algum, de nenhum sofrimento que tenha padecido (*criminosamente, aliás*), mas da parte espiritual que nele conjugava com a Divindade, em termos de integração. É precisamente esse “*já feito*” que muito pretensiosamente - reconhecemos - o livro e o projeto Subindo o Monte almejam alcançar. Esse alcance há de ser sem mérito algum para o seu autor, como assim também para quem do mesmo venha a ter participação; participação ainda que de forma inconsciente, como é o caso daqueles que contribuíram para adquirir o livro, mas não o leram ou que o tenham lido, mas não o tenham compreendido. Esses, justamente, são aqueles que não atingiram a consciência da grandeza consistente em o homem-espírito atentar para a necessidade de se humilhar, quiçá em dimensão maior do que a da Divindade (*como se isso fosse possível*), para ver realizado o desejo desta que é o fazer pelos necessitados sem expectativa de recompensas. E esse é o “*já feito*” verdadeiro do verdadeiro cristão, nunca o daquele que fica dentro de casas de oração buscando a piedade de Deus. “*Cristo, tende piedade de nós*”, dizem, aliás, com veemência tantos religiosos. Enquanto isso, o “*já feito*” verdadeiro que deveriam fazer fica sem nenhum sinal de sua manifestação no mundo de tantas

dificuldades por que passam as pessoas. Esses são precisamente aqueles que acreditam que o “*já feito*” é aquele terrível sofrimento porque passou o Nazareno, assumindo todo ele em nosso lugar, que egoístas!

Fiquemos, pois, com o “*já feito*” do livro e do projeto; este “*já feito*”, mesmo no caso daqueles homens e mulheres que dele participam de modo inconsciente, termina efetivado no mundo manifestado de nossas dificuldades, que são muitas. É que esse “*já feito*” é a aspiração da Divindade, que não deseja mais sacrifício do que aquele decorrente do seu amor, se auto-humilhando para dar lugar a este mundo tão cheio de ciladas e de incertezas.

35

O EXEMPLO DE SI MESMO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Testemunha-se o “pipocar”, aqui e ali, de entidades, como iniciativas de pessoas que se envaidecem tanto, como cidadãos ou cidadãs prenhes de benemerência, a ponto de causarem desconfiança da sociedade e das instituições de controle; não era para menos.

A desconfiança começa e decorre do afã que todos revelam, qual seja o de tentarem conseguir (*e sempre conseguem*) o elemento não só de sustento, mas de cerne fulcral da entidade em força exógena. É muito bom e é muito fácil, fácilimo “atirar com a pólvora alheia”, quando, ao fundar uma associação, fica-se tomado de orgulho como se um feito heroico, como figura central de um ente social que se baseará principalmente na caricatura de alguém tido como um homem bom, de relacionamento largo, que diz viver fazendo para os outros, mas, em verdade, quem aparece realmente é o seu nome propriamente. Pergunte-se, ante tais circunstâncias, o que foi que ele deu de si mesmo, de sua essência, daquilo que ele é e não daquilo que as pessoas, sob enganosas perspectivas, veem nele; daquilo que se “pesca” na palavra constante dos ensinamentos santos e que é como que “assaltado”, tomado assim de supetão para arrimar uma iniciativa que é anunciada para os outros, mas tem o condão de anunciar o nome propriamente de um “fundador”. Que tristeza! Que cegueira! Quem assim age está, na verdade, esperando pelos outros para ver realizado o bem que pretende cometer a pessoas necessitadas: ao faminto, ao sedento,

ao doente, ao nu, ao preso. Esses são, realmente, semelhantes àqueles personagens integrantes do enredo revoltante que terminou conduzindo o Nazareno à cruz do calvário: os Judas, os Anás, os Caifaz, os Herodes, os Pilatos...

Por isso, louvem-se realmente em altos cânticos de concretas realizações as ações dos verdadeiros bandeirantes do céu, aqueles que fazem como Mestres, porque o que fazem começa e continua com o exemplo de si mesmos.

Peço licença aos céus, porque de outra forma não poderia dizê-lo; é que procurando fazer diferente do que têm feito os homens, de um modo geral, parti de mim mesmo, da essência que me foi permitida pelos céus, escrevendo e buscando a fundo a verdadeira lição e vivência "*crística*". Assim é que, na integração do "*crístico*" com a Divindade, vejo-me, enquanto carne (*ego*), fazendo sem sentidos enganados nem enganosos; fazendo com a necessária busca da interioridade, pelos meus escritos, mas também me desprendendo de algo material que tenho como meu, como propriedade minha - o pouco de suporte financeiro que tive a felicidade de alcançar, honestamente. De repente, na visão que me permite a condição de "*iniciando*" na senda da espiritualidade, encontro a realização de um "*já feito*" da essência cristã, pois vejo como realidade do mundo, em forma e em conteúdo, uma entidade denominada Associação Projeto Subindo o Monte. E, nela, esse "*já feito*" acima referido se traduz no disseminar a viagem para a interioridade que me foi permitida, ao mesmo passo em que fica, no plano da realidade, o bem que pode disso resultar para o faminto, para o sedento, para o doente, para o nu, para o preso.

Em 11 de dezembro de 2008, foi lançado o Projeto Subindo o Monte, em forma de um ente associativo e que evidentemente em visão santa ou mesmo na visão de "*iniciandos*" se encontra com o devido

registro nos assentos celestes (*desculpem a presunção!*), já que ela se revela para olhos do espírito - e tem que ser só para estes - como o resultado efetivo da ação cristã. Pode ser e é mais certo se dizer com certeza que os olhos de carne não podem ver, mas os olhos do espírito alcançam o “já feito” dessa bendita iniciativa, na medida em que, se procurando uma entidade como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, o autor da obra Subindo o Monte permitiu o mergulho no terreno da espiritualidade a quantos se dignaram a participar do Projeto Subindo o Monte. Assim, consciente ou mesmo inconscientemente, essas pessoas estiveram fazendo pelos famintos (*de toda espécie de fome*), pelos sedentos (*de toda espécie de sede*), pelos doentes (*de toda espécie de doença*) pelos nus (*de toda espécie de nudez*) pelos presos (*de toda espécie de prisão*). Então, no caso da APAE - uma entidade que tem uma clientela, como todo mundo sabe, principalmente de pessoas com deficiência mental, sem olvidar as de deficiência física - todos quantos dela participam (*inclusive os próprios pais e os próprios amigos, pois estão na categoria de pessoas sãs, sem deficiência alguma, inclusive o próprio autor que ora está escrevendo*), todos, dizíamos, somos os famintos, os sedentos, os doentes, os nus e os presos, em socorro dos quais a entidade Subindo o Monte empresta o seu apoio dentro de uma senda eminentemente cristã: o de fazer pelo outro, necessitado, sem alarde, permitindo a tantos quantos tenham a possibilidade de um crescimento interior verem iluminado o “eu” em integração com a Divindade e, enfim, verem efetivada a mensagem “cristica” sem necessidade de açoites, flagelações, crucificações, como assim visualizaram e deram curso real os malvados personagens já citados e que é muito bom não lhes repetir os nomes...

Não quer o autor de Subindo o Monte, não quer, igualmente, o idealizador que viu concretizado o Projeto Subindo o Monte ver o seu nome propalado, presente

em motivações festivas, para gáudio do seu *ego*; isso é e lhe será abominável, como espera assim o seja também para todos quantos alcancem o vero sentido de sua iniciativa; iniciativa que também abomina essa condição de ser sua, pois nem isso o autor do livro e o idealizador do Projeto querem para si.

Procuremos, portanto, ser mestres - aqueles que fazem com o exemplo de si mesmos, mas isso de forma verdadeira, não nos apoiando no outro, só porque esse possa ser de alguma forma explorado. Valha a essência de cada um que lhe é uma graça concedida pela Divindade e que de graça há de ser dada a quem realmente dela esteja necessitando: o faminto, o sedento, o doente, o nu, o preso.

36

EDIFICANDO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

*Primeira Epístola aos Coríntios,
Capítulo 14:*

v. 1 Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis.

v. 2 Pois quem fala em outra língua não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios.

v. 3 Mas o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando.

v. 4 O que fala em língua a si mesmo se edifica, mas o que profetiza edifica a igreja.

v. 5. Eu quisera que vós todos falásseis em outras línguas; muito mais, porém, que profetizásseis; pois quem profetiza é superior ao que fala em outras línguas, salvo se as interpretar, para que a igreja receba a edificação.

(...)

v. 19 Contudo prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua.

(...)

*v. 39 Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar e **não proibais** o falar em outras línguas.*

Ninguém (*ninguém mesmo*) pode, efetivamente, dar o que não é em essência; sobretudo as organizações sociais que tanto nos cercam.

Para poder tratar acerca de essência, de espírito, há o homem de não somente parecer, mas ser na realidade um tanto enigmático, misterioso. É que, nesse terreno, ele trata de mistério e, por isso, inevitável é essa condição de obscuridade, mesmo que ele trilhe caminho de luz; de muita luz metafísica - é bom que se esclareça.

As organizações sociais continuarão no curso do tempo, enquanto corpo de vários e de indeterminado número de membros, deixando de ser o *essencial do céu*, para serem o *essencial da terra*, quando, em verdade, deveriam tomar este último como base para aquele.

Muitos são os dons e um só é o Espírito - luz penetrante que faz o eu unido à Divindade, em festa celestial de muito gozo. Portanto, as ditas organizações devem ser portas abertas, escancaradas, sempre, para abrigarem todo e qualquer dom de língua, mormente se esse dom de língua se volva à edificação, mas, por tratar o cerne do mistério, transpareça para elas o que somente uma performance espiritual pode alcançar e dela mesma se conscientizar. A organização que espezinha o dom de língua, dando-o como anatemático, assim o faz por conta de sua cegueira cristã. Paulo (*vide 1ª Epístola aos Coríntios, Cap. 14*) enfatiza que o dom de línguas não deve ser motivo para preocupação, pois se é preferível a ele Paulo "...falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outras línguas" (*v. 19, Cap. 14*), assim o diz consciente de que se reporta a organizações mais seculares do que espirituais; tanto é verdade sua consciência da importância da performance espiritual que, no versículo 39, do mesmo Capítulo, assim se expressa: "*Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar e **não proibais** o falar em outras línguas*".

Não esmoreça em mim, jamais, essa teimosia em profetizar, sem, todavia, olvidar que a importância

maior e fundamental e essencial passa pela mencionada performance, pois não duvidarei de nenhuma palavra e de nenhuma ação com a qual haja de buscar o próximo, com o propósito principal de edificá-lo mais do que a mim mesmo, ainda que de forma inconsciente, caso se trate ele lamentavelmente de um convicto profano! Estou, pois, enquanto homem-espírito, no caminho do dom de língua e não me aborrecem as palavras de Paulo, porque eu sei que ele as dirige a *quem* puramente se “*diverte religiosamente*”, pois esse *quem* costuma fazer do sentido do espírito como se do Espírito fosse, reduzindo-o ao plano da *essência da terra*. Prefere ficar na visão de Paulo, bastante cômoda, de viver em faz de conta, que ele Paulo aplaude apenas enquanto organização, e desmerece, em nome da garantia de uma aceitação de vida de paz (*na terra*), a performance verdadeira. A real paz (*do céu*) passa necessariamente pelo dom das línguas que inevitavelmente é investigadora dos mistérios de Deus, evidentemente quando assim se faz sem um mínimo de ânimo contestatório do seu poder e sempre de braços abertos em acolhimento aos irmãos mais fracos.

Não me ilude a carne quanto à certeza da vivência *crística*, à medida que se espraie o dom que possa receber do céu, traduzido neste mundo nos meus **escritos**, desde que, necessariamente, permaneçam eles unidos à filosofia de vida que veja no pobre, no doente, no sedento, no preso e no que está nu aqueles únicos seres que merecem as ações partidas da bondade samaritana do meu coração. Só assim eu encaro minha individualidade, tanto de carne quanto a da “*irrealidade*” misteriosa e poderosa do espírito, como aquele tão significativo “*já feito*” do Cristo e do Evangelho, que se não confunde com sacrifício de sangue e de cruz propalados e vividos nas organizações sociais.

Vou, então, não ao meu modo, mas ao modo pretendido pelo Cristo, através do exemplo maravilhoso

de Jesus de Nazaré, (*abstráida, necessariamente, a via crucis criminosa*), edificando e cada vez mais tornando “*o-Deus-do-mundo no “mundo-de-Deus”*”, sem quaisquer riscos de parecerem temerárias as minhas ações aos olhos de Paulo, no conjunto das belas lições contidas no Capítulo 14 da sua 1ª Epístola aos Coríntios.

Que dúvida alguma se instale em meu coração quanto a esta determinação!

Em síntese, para ratificar o esforço despendido, fica ao leitor e à distinta leitora, o convite para que sorva a verdade depositada na obra intitulada Subindo o Monte. E que, assim, a **edificação** tome corpo maior, sempre e cada vez mais, para a graça dos Céus, como resultado do dom de língua que a Divindade bondosamente há permitido! - assim acho que tenha sido.

37

“DITO INDIZÍVEL” TRADUZIDO... E VIVIDO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

“Dito indizível” é o segredo/sagrado da intimidade experiencial do “*eu-divino*” com Deus (*primeiro mandamento – Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma*). Homem-carne nenhum pode penetrar esse santuário. Esse “*dito indizível*”, contudo, traduz possibilidade real, como acréscimo ao homem-carne, na escala horizontal do segundo mandamento (*Amarás ao próximo como a ti mesmo*) e um único e insubstituível “*documento espiritual*” se presta para esse alcance: [o Sermão da Montanha, Mt., caps. 5 a 7 e Lc. 6, 20-49]. Vamos tentar penetrá-lo para vivê-lo, sem soberba, evidentemente.

Começamos por uma palavra doce: felizes; felizes os [pobres de espírito, Mt. 5,3]... pobres de espírito, não aqueles pobres apoucados de inteligência, os dementes; nada disso. Felizes os pobres de espírito que se despem da possessão dos objetos... os despossuídos. Essa felicidade vai aumentando de grau e de importância, na medida em que esse pobre de espírito é também [puro de coração, Mt. 5,8]. Já não é bastante estar livre da posse dos objetos, mas é preciso que o próprio sujeito seja um liberto também, ou seja, além de desiludido dos objetos, esse próprio sujeito que se desilude dos objetos também se entrega ele próprio totalmente. No começo ele se desprendia dos objetos; agora ele se desprende de si próprio; cuida então de não ser enganado pelo “*eu-personal*”. Mas, para isso, importa que esse pobre de espírito e esse puro de coração

tenham estabelecido um tratado de paz; não um tratado de paz entre o coração/objetos e outros corações/outros objetos. Esse tratado é aquele que ele celebra consigo mesmo, saboreando a paz interior. Assim, sendo [pacífico, Mt. 5,9] consigo mesmo gera essa paz interna, em que prevalece o “*eu-divino*”, no lugar do “*ego-físico-mental*”. Segue, então, a sequência da felicidade, onde já se depara com o homem [manso, Mt. 5,5] e, dentro de sua mansidão, ele percebe a necessidade de ser [misericordioso, Mt. 5,7] na mesma linha da misericórdia de Deus para com os homens, pois estes não têm também de tê-la para com os seus iguais. Dá-se, então, o controle fundamental, em que ele sente que possui a terra como decorrência daquela mansidão, ou seja, o que se é como realidade física se encontra dominado, porque possuidor e possuído se aceitam, na mais bendita harmonia. Eis então que se atinge a [rocha firme da vida espiritual, Mt. 7, 24-25], alicerce da casa do homem que procura evoluir nessa trilha - a espiritual -, pois cai a chuva, vem a enchente, sopram os ventos e essa casa não rui nunca; é que está na dimensão do eterno e do infinito de Deus. Quem mora nessa casa sabe (*saboreia*) que [não é dono nem de capa e nem de túnica, Mt. 5, 40]; por isso, as dá simplesmente, sem resistência. Quem habita essa casa tem em si uma atitude permanente de querer não somente, mas de [experienciar o servir, Mc. 9,35], ou seja, o viço-do-ser (*serviço*) e não a ilusória entrega do ter. Disso advém uma “*inofendibilidade*”, a ponto de se dispor constantemente na [entrega da outra face para também ser batida, Mt. 5, 39], isso significando que [não opõe resistência ao mau, Mt. 5, 39]. Sabe que o amor é que neutraliza o mal. Sabe que mal com mal resulta em negativo dobrado; o positivo do amor neutraliza todos os negativos dos males, por maiores que sejam.

O turbilhão, a avalanche de cegos, de surdos, de aleijados, de imundos (*pecadores*) se acercou do Divino

Mestre depois exatamente de haver proferido o Sermão da Montanha. Ele que venceu as tentações na sua rebeldia de deserto, em alegórico número de quarenta dias, saindo vencedor, teve alargada a sua visão de olhos de espírito e pôde, magnificamente, expor, em sermão de montanha, ou seja, aquele que aponta para o mais alto de uma espiritualidade, os “*ditos indizíveis*” do seu sagrado/segredo com Deus. Avultou-lhe a dimensão homem-espírito, provocando a divinização do seu lado humano-carnal, a ponto de vencer a morte física, a ela traspassando e vivo, ainda hoje, se encontrando. A morte física, porém, lamentavelmente, não foi aquela que terminaria tendo, naturalmente, à qual se seguiria, também, inevitavelmente, uma ressurreição; essa sua morte foi aquela decorrente de uma atitude traduzida em ato perverso, criminoso de homens que constituíam o poder político-religioso do seu contexto histórico. Para isso, esses homens foram, até não mais poderem, acossados pela verdade pregada e vivida pelo Mestre. Ele tanto fez, tanto curou, tanto escandalizou, inicialmente em lugares distantes do centro poderoso, até que, por exibir a majestade de uma sintonia cósmica, se expôs perigosamente, no Templo, derrubando mesas de cambistas, protestando contra o comércio que ali se fazia. Foi esse gesto antecedido de uma entrada triunfal em Jerusalém, como Rei, com vivas e hosanas, colocando, destarte, a definitiva disposição de viver o Reino pregado. Mas ainda tinha situação pior, a agonia no Gtsêmani, como se lhe não tivesse sido bastante a agonia das tentações, no pórtico de sua bendita aventura celestial. E, por fim, o terrível epílogo - a cruz da asfixia que interrompeu o processo de inspiração/expiração, da qual ria o homem-espírito em Jesus, por saborear a verdade de uma vitória da vida sobre a morte. Portanto, por viver uma sintonia do “*eu-divino*” com Deus, sabia da verdade de um lado carnal que lhe estava aquém, mas o riso era provocado pela certeza de que esse lado

material ficava com o poder, como efetivamente aconteceu, de se antecipar ao final escatológico, ressurgindo, como gloriosamente ressurgiu, para continuar vivendo no hoje e no sempre.

Tudo isso, porém, teria sido “*assalto*”, se ele o houvesse tomado como realização pessoal. É que, nessa trilha, o homem recebe a graça, que é Deus e Deus não é “*merecível*”; ele é simplesmente gratuito, pois se entregou no sofrimento que se admitiu e se permitiu por amor ao descer da glória, para a inglória do mundo. Por isso ele [abomina sacrifício, Oseias, 6,6; Mt. 9,13], porque o sacrifício único já eclodiu e continua o seu curso, pois esse sacrifício foi aquela eclosão inicial e a continuação dela no próprio mundo. Para eclipsar esse sofrimento, só o amor, o mesmo amor divinal pelo qual Deus se entregou. O homem, não o homem-carne, mas o homem-espírito é que alcançará e experimentará essa gratuidade de Deus. Portanto, a entrega verdadeira foi a de Deus, não aquela do epílogo que o homem-instituição impôs a “*um certo-pobre-e-divino-Galileu*”...

O “*dito indizível*”... - só mesmo fundamentalmente pode vivê-lo o homem-espírito, o qual pode ser veículo da graça, da gratuidade de Deus, pois só ele se pode evacuar do produto do sofrimento, mediante a mesma humildade com a qual Deus se permitiu a existência sofrida. Ao homem-carne, seja-lhe bastante o acréscimo de que fala a mensagem evangélica. E essa promessa divina já representa muito para os míseros mortais deste mundo.

Nessa ordem de consideração, transborda de júbilo a minha alma, por saborear a fertilidade de uma iniciativa na linha gratuita de Deus: procurei me desapegar e me desprender (*efetivamente me desapeguei e me desprendi, assim acho!*) de pequena importância material (*objeto*); depois, me desprendi de mim mesmo (*sujeito*), afastando, na medida do possível, o “*eu-personal*”. E, como obra de mim, enquanto homem-espírito, vejo,

pelos limites limitados dos meus olhos de carne, a fertilidade do que gratuitamente restou produzido: um projeto de serviço (*viço-do-ser*). Sei que ele (*o Projeto*) não é festejado, não é propalado, não é difundido em larga escala. Há de se ter consciência da dificuldade de percebê-lo, ante os acostumados e teimosos avanços, em primeira mão, dos pressurosos e acanhados limites dos olhos de carne. São poucos os que enxergam a vasta montanha da espiritualidade. Aliás, o próprio Filho do Carpinteiro disse: [onde dois ou três estiverem ali estarei eu, no meio deles, Mt. 18,20]. Anotar bem: sempre limitado é o número desses no meio dos quais ele sempre estará: dois ou três. Sim, tal como na tríade de seus discípulos e apóstolos Pedro, Tiago e João. Só poucos é que veem a Deus. Quando Jesus, após jejum de quarenta dias, chamou seus discípulos ao monte para o seu famoso sermão, esses discípulos (*homens predispostos ao aprendizado, cujo Mestre só aparece quando eles estão prontos*) devem ter ficado cegos para a luz do mundo e plenamente iluminados para o mundo interior. Mas, já no término do seu sermão, não eram somente os seus discípulos que o escutavam: era uma multidão. Com certeza, essa multidão continuou vigeil ante a luz do mundo, mas cega de luz interior. É que a explosão espiritual não é fenômeno do muito, mas do pouco seletivo de um campo sempre fértil e imorredouro. Não são todos os homens que têm a graça dos acréscimos prometidos na boa notícia: [é que muitos são os chamados e poucos os escolhidos, Mt. 22,14].

Que o Projeto Subindo o Monte, ao qual não lhe permito o selo, o sinete ou o carimbo de uma propriedade da parte de ninguém, muito menos minha, continue a subida da espiritualidade, pois assim quer e permite o amor de Deus na linha do amor idêntico que o homem-espírito tem em subjacência. Tal Projeto há de subir sempre, porque ele se autoexplica pela sua fertilidade, traduzida no bem, dirigido aos pequeninos

que Jesus acolhe como sendo os verdadeiros alvos do seu Ministério.

Eis, então, o *“dito indizível”* tornado concreto, pois o homem-espírito, pelo canal de homem-carne do *“Já-feito-sofrido-de-Deus”*, experimenta a leveza gozosa do céu, na medida em que este se esvazia de si e aquele se plenifica da Fonte Potente e Misteriosa, tudo isso sem olvidar o campo fértil do homem-carne, pois dessa promessa ele já tem resultado ainda mesmo nesse plano do *“Já-feito-sofrido-de-Deus”*, que é o uni-verso.

Portanto, o homem-carne, autor destas acanhadas linhas, vazio de si pelo Projeto Subindo o Monte, sem fuga nenhuma deste uni-verso, que é o *“Já-feito-sofrido-de-Deus”*, permite, em linha do mesmo amor e humildade de Deus, um *“Já feito”* = *“Projeto-Subindo-o-Monte-posto-em-prática”* que representa a mesma imagem de Deus no homem-espírito, pois se tem, com tal iniciativa, [*amado a Deus sobre todas as coisas e ao próximo com a si mesmo, Mt. 22, 37-40*], se ele assim consentir que seja, no seu consentir não apreensível jamais pelo *“ego-físico-mental”* do homem-carne.

Assim se quer, pois, num querer que não é derivado do homem-carne, mas do homem-espírito nele. É que Deus assim há de querer, sempre! A não ser assim, soberba é o que, além de transparecer, verdadeiramente assomará, para a tristeza de Deus e a alegria do príncipe deste mundo, mesmo que essa alegria seja limitada ao *“escatológico-consumativo”*, já que Deus, de qualquer sorte, prevalecerá.

38

O (meu) EDIFÍCIO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

*Primeira Epístola aos Coríntios,
Capítulo 3,*

*v. 11 Porque ninguém pode lançar
outro fundamento, além do que foi
posto, o qual é Jesus Cristo.*

*v. 12 Contudo, se o que alguém
edifica sobre o fundamento é ouro,
prata, pedras preciosas, madeira,
feno, palha,*

*v. 13 manifesta se tornará a obra de
cada um. Pois o Dia a demonstrará,
porque está sendo revelada pelo
fogo. E qual seja a obra de cada um
o próprio fogo o provará.*

*v. 14 Se permanecer a obra de
alguém que sobre o fundamento
edificou, esse receberá galardão;*

*v. 15 se a obra de alguém se queimar,
sofrerá ele dano. Mas esse mesmo
será salvo, todavia, como que
através do fogo.*

Lanço-me, como homem-carne, tocado pelo ímpeto da força do homem-espírito, na tarefa e no mister de ver, cada vez mais próspera, a “*empresa*” incrustrada na entidade que criei e denominei **PROJETO SUBINDO O MONTE**, esperançoso de que o fogo, o próprio fogo dela provará que não resultará queimado o seu idealizador e executor - este modesto escriba.

Não se trata essa iniciativa de fruto de uma convicção, mas da plena consciência, tocada pelos ventos das mais profundas intuições, já que resulta em

luz metafísica transformada em fogo do mundo filantrópico manifestado... Ela tem como fundamento, sem dúvida alguma, o Cristo-Jesus. Pois escrevi a obra *Subindo o Monte*, (*como tenho e espero encontrar inspiração para escrever outras*), tomando-o como fundamento, sem, entretanto, pensar em amontoar tesouros para mim (*ouro, prata, pedras preciosas*); tampouco em propositadamente erguer frágeis edifícios (*madeira, feno, palha*). Não os quero para mim, homem-carne; pois ela (*a iniciativa*) significa, como na verdade é, a sintonia do homem-espírito com a Divindade, que a faz vigorosa, com o esplendor da perpetuidade, para a graça dos Céus, provada, pois, - não custa repetir - em seu próprio fogo, advindo da luz mais pura do coração de Deus.

A consciência, entretanto, é plena quanto à repercussão dessa “*empresa*” no tecido social, pois não tem como se espriar, do dia para a noite; só silenciosamente, vagarosamente ela terá condições de seguir adiante; e importante é que ela permaneça sempre em seu propósito de gesto samaritano em favor de famintos, de sedentos, de doentes, de presos, de nus.

No título do que ora vai escrito, o possessivo (*meu*) da linguagem defeituosa dos homens é posto com o cuidado de que o resultado positivo jamais seja dado como mérito de minha pessoa, enquanto homem-carne. Com certeza, não há como se operar enganos quanto ao real fundamento de tudo, que é Cristo-Jesus, e, por isso, o edifício criado e posto em funcionamento há de ser permanentemente timbrado como depositário do sentido cristão, na medida do desprendimento total.

Não sou eu, pois, homem-carne, quem deve se mover em preocupação pela permanência do edifício; antes, fico em clamor interior, esperançoso de que haja o despertar nos homens de boa vontade, pois a parte que me coube eu acho que já concluí, sem isso significar que deva ficar de braços cruzados. Nada disso. O propósito verdadeiro é o de “*assistir o*” e o de “*assistir ao*”

desenvolver da teia do despertar dos homens e das mulheres, na medida em que se possam fazer grandes em torno da “*empresa*” e esta cada vez também se tornando maior.

O galardão de que fala o Apóstolo, hei de dizê-lo em alto e em bom som, se preciso for, dele me não ufano e nem anelo de forma alguma recebê-lo; muito pelo contrário, a minha carne, eu a proíbo, em minhas orações e em minhas práticas diárias, de viver a menor expectativa acerca de sua consecução. Seja ele - o galardão - reservado para quem deveras precise da redobrada atenção que amenize, ainda que em pouca expressão, o muito que tanto é preciso que se lhe faça.

Creio, pois, no empreender dos homens, na medida do seu crescimento interior ou mesmo de forma inconsciente, se sua condição profana for fato impeditivo para tanto. Mas o que importa é que essa obra que tem como fundamento o Cristo-Jesus não pereça, porque o próprio Jesus de Nazaré já foi vítima por demais da incompreensão dos homens e não há de ver derrubado e aniquilado esse edifício construído com tanto e desprendido amor - com o perdão da redundância...

39

ASTÚCIA, NÃO!

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

É na própria astúcia dos sábios que Deus os apanha. Sim, apanha-os no sentido de pegá-los, de flagrá-los no propósito que eles pensam em manter escondido e, assim, viverem a sensação de que são melhores do que os outros, quiçá melhores do que o próprio Deus...

Não visto nem vestirei a roupa do sábio. Prefiro comprometer-me com a verdade, desde que esta seja aquela que liberta: *conhecereis a verdade e ela vos libertará*. Esta “*vestimenta*”, forma aparente do homem-novo, não permite arroubos de vaidade a ninguém, porque ela conduz à permanente vontade de se desnudar e, com isso, trazer o homem conscientizado de uma pequenez poderosa, sem afetadas exaltações.

Eu quero, então, proclamar que não sou sábio. Deus me ajuda, porque ele é bom, permitindo-me expressar em meus escritos e nas minhas ações junto ao próximo e, nessa sua bondosa permissão, ele não me há de flagrar em astúcia alguma, porque desta quero viver livre.

Não sou astucioso, ó Deus, por haver procurado a veia de escritor, associando-a a uma entidade filantrópica chamada Projeto Subindo o Monte. Não quero, com tais iniciativas, mostrar a ninguém nenhuma vaidade minha. Se é verdade que a carne não me trai, vivencio no “*eu*” a integração bendita contigo, Divindade, humilhando-me, como tu te humilhaste para criar o mundo e, via de consequência, a mim também.

Nessa humilhação projeto a grandeza que a mirrada realidade do mundo não pode conter jamais. E então o “*eu*” integrado a ti vai realizando a maravilha, cuja samaritana disposição me faz ocupado prazerosamente com o pobre, com o faminto, com o sedento, com o preso, com o doente, com o nu.

Se isso pode ser tachado de astúcia, ó Deus, só mesmo poderá sê-la à guisa de engodo para desviar o Tentador. Vai-te, sai de mim, traste Tentador, pois não funciona o teu engodo, mas funciona sim aquela disposição benéfica que é a do “*eu*” integrado à Divindade. Recolhe-te, Tentador, à tua insignificância. Tu não podes com ela Divindade. Sou e serei astucioso apenas para contigo, para te confundir, para te mostrar que não podes destruir o que o “*eu*” e a Divindade queremos vitorioso, assim ousar presumir.

Consciente da necessária humilhação, políciome da nefasta exaltação; com relação a esse estado de falso espírito, pelo contrário, sinto-me o mais fraco dos homens, sem a pretensão de ser tão poderosamente fraco como demonstraste em tua espontânea humilhação, ó Divindade.

Sejam os meus escritos e também o meu projeto escravos da vocação à pobreza, distantes de qualquer exaltação, pois não hão de significar, para o autor, nada, nada mesmo em termos pessoais, de importância e de gáudio. É preciso que eles cresçam, que o autor diminua e que se mortifiquem o meu corpo e a minha alma, no propósito de crescerem as ações tendentes à prática do bem, sem olhar a quem.

Nada tenho escondido nos meus escritos e na entidade que criei. É simples, muito simples: escrever livros, não firmar contrato de edição com uma Editora, como normalmente se faz, mas ceder os direitos autorais à entidade Projeto Subindo o Monte que, por sua vez, promoverá a distribuição dos livros, mediante doação a uma entidade filantrópica. Com isso - e aqui está o que

muitos podem indevidamente chamar de astúcia - cristã, por excelência, se podem chamar esses gestos e atitudes, porquanto, ao tempo em que se promove a vertical interioridade para a intimidade com o Divino, se opera, inevitavelmente, o horizontal da assistência aos necessitados. Em síntese, o “já feito” no qual consiste o “cristico” verdadeiro, consubstanciado nos meus escritos e no atendimento aos necessitados, torna flagrante a mentira institucional que traduz esse “já feito” como se fosse a substituição do Nazareno, sofrendo no lugar de todos os homens. Não! O “já feito” é a caminhada à interioridade que resulta, *verbi gratia*, do desprendimento do autor, tanto intelectual como materialmente, em assumir a despesa pela impressão de um livro. O “já feito” também resulta das doações havidas na divulgação de um livro, todas elas revertidas em socorro a pessoas necessitadas. Muito diferente, portanto, de um “já feito” em um madeiro e em banho de sangue criminoso. Aliás, o “já feito” que se pretende parodiar com esse modesto exemplo é verdadeiramente aquele em que se assenta a própria Divindade; ela sim, por amor, de maneira racional, quis, misteriosamente, se submeter humildemente a ele, o “já feito”, permitindo-se, juntamente com o filho unigênito - o Cristo - “corporificar-se” nesse universo em que somos. Portanto, não se há falar em substituição de ninguém em lugar de ninguém. É a própria Divindade e o seu Filho - o Cristo - quem, descendo da glória majestosa, dela não se absteve em definitivo, mas mergulhou amorosamente no amargo de um mundo de ingloria que, enfim, se aniquilará no fim dos tempos escatológicos. O homem feliz é aquele que, igual a Jesus de Nazaré, teve olhos de espírito para enxergar a verdade, a pura verdade consistente no sacrifício e no sofrimento da Divindade em conjunto com o seu unigênito, em auto-humilhação de um mistério que não cabe ao homem-carne (*ser finito*) indagar acerca dos desígnios nela contidos, ficando-lhe

reservada, isso sim, uma ação vertical-horizontal, enquanto homem-espírito, para o consórcio maravilhoso da glória eterna.

Portanto, que não haja nem sábio, nem astúcia, mas glória; perpétua glória da bondosa Divindade, que só em sua bondade pode incluir o “eu” em movimento de integração e só assim a sua parte que é em mim, enquanto fraco na carne, pode ganhar dimensão definitiva dentro do *misterium tremendum*.

40

DOAR

- *para uma pequena representação teatral -*

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

*Cristiano**:

- Você doou?

*Cristino***, em tom de muita confiança:

- Tenho certeza que sim! Pensa que eu sou como você, que vive se exibindo, mostrando documento de tudo quanto faz? Sei que você chega a ser perfeccionista neste particular. (e *olhando o documento que está nas mãos de Cristiano*): - É, realmente aqui eu vejo que o depósito foi feito na conta de uma conhecida entidade filantrópica. E o depositante não é outra pessoa; é você mesmo..., Cristiano ..., mas só esse “tico” de dinheiro foi o quanto você doou?

Cristiano:

- Você não sabe o quanto agora estou arrependido, Cristino.

Cristino:

* *de cristianizado - aquele a quem se tenta impor um **C**risto*

** *de cristificado - aquele que consubstancia o **C**risto*

- Além de doar pouco, agora está achando que não deveria ter doado?

Cristiano:

- Não, não é isso o que eu quero dizer, de jeito nenhum; muito pelo contrário. Só depois que soube realmente da finalidade do livro e do projeto foi que vi o quanto foi pouca a doação.

Cristino:

- Qual livro? Qual projeto?

Cristiano:

- Não está sabendo de um projeto idealizado e que vem sendo executado já faz algum tempo?

Cristino:

- Não, não sei. (*mão em concha posta à boca, em direção contrária à de Cristiano, dirigindo-se à plateia, rindo*) - Ele pensa que eu não conheço o livro e o projeto, mas como eu os conheço e muito bem!

Cristiano:

- Pois saiba que fiquei me sentindo um traste quando, diante do livro e do propósito do projeto, vi a mirrada contribuição que terminei fazendo.

Cristino:

- E é tão importante assim esse livro e esse projeto?

Cristiano:

- Se são!? Pude sentir isso nas primeiras páginas do livro e do verdadeiro sentido do projeto.

Cristino:

- Como assim? (*Cristino insistia em se mostrar desentendido do assunto e, novamente, mão em concha, falando para a plateia, rindo*) - É bom eu não revelar, por enquanto, que eu sei de tudo!

Cristiano:

- No meu modo de ver, foi escrita uma obra que é equivalente a uma oração.

Cristino:

- E qual é o nome que ela tem?

Cristiano:

- Subindo o Monte.

Cristino:

- E em que ela consiste?

Cristiano:

- Consiste em mostrar como o homem deve buscar a Deus sem esquecer das pessoas necessitadas. Muito interessante, não é? E isso - eu juro - pude ver claramente sem ainda ter chegado ao final de sua leitura.

Cristino:

- Muito interessante, realmente. Eu acabei lhe fazendo tantas perguntas, mas foram só para provocar. No fundo, eu já sabia de tudo, Cristiano. Conheço o livro e também o projeto. E eu também doei. E já tive a felicidade que você ainda não teve: eu, inclusive, já li o livro.

Cristiano:

- Doou pouco dinheiro, como eu, para ter direito ao livro?

Cristino:

- Doei... um pouquinho mais do que você doou.

Cristiano:

- Vejo então que você não padece do tormento que tanto me incomoda.

Cristino:

- É verdade; você foi exageradamente econômico.

Cristiano:

- Pois é, e agora que eu comecei a ler o livro, estou vendo como não pude ter o alcance do que nele se contém. Não alcancei o propósito maior do crescimento espiritual. Que traste eu sou!

Cristino:

- Lamento, mas concordo com você, Cristiano.

Cristiano:

- Chega, Cristino, não me atormente mais ainda.

Cristino:

- Mas nem tudo está perdido. Sinto-me - e neste ponto eu lhe falo com absoluta garantia – sinto-me outro homem depois que li e tomei consciência do livro. Sei que com você vai acontecer o mesmo, assim espero.

Cristiano:

- Mas não me preocupa, na verdade, apenas o que acontecerá comigo depois que eu ler e tomar consciência do livro, pois assim eu estaria sendo puramente egoísta.

Cristino:

- Claro, entendo.

Cristiano:

- O autor procurou deixar as pessoas, de forma consciente ou inconscientemente, mergulhadas no seu firme propósito de assistência ao pobre, ao cego, ao nu, ao prisioneiro, ao doente, pois atrelou o seu livro Subindo o Monte ao projeto de nome idêntico.

Cristino:

- Concordo com você.

Cristiano:

- Veja que ele foi fundo na análise religiosa.

Cristino:

- Você tem razão.

Cristiano:

- E o livro, que é uma fonte de *verdade-que-liberta*, não está à venda.

Cristino:

- Isso eu sei.

Cristiano:

- Para adquiri-lo, qualquer pessoa há que doar, no *quantum* livremente estabelecido por ela...

Cristino:

- Sim, isso mesmo.

Cristiano:

- ... daí, termina participando da ajuda aos necessitados, consciente ou inconscientemente.

Cristino:

- Muito iluminado, então.

Cristiano:

- Pois é. Então todos, de qualquer forma, terminam participando dessa ajuda.

Cristino:

- Claro!

Cristiano:

- E eu, Cristino, estou me sentindo o pior dos profanos, insisto em dizer.

Cristino:

- Não se desqualifique assim. Sua preocupação em não haver doado um pouco mais está me convencendo de que você se rotula de forma indevida.

Cristiano:

- Você jura?

Cristino:

- Juro. O pior de todos os homens é aquele que é insensível, aquele que pode doar muito, mas não tem o alcance necessário. E você, dentro dessa linha de preocupação revelada, não pode estar nesta classe de homem.

Cristiano:

- E eu, tão preocupado em perfeição, não enxerguei isso de imediato.

Cristino:

- Só espero que você acabe com essa teimosia de penitência. Você não tem que se penitenciar por haver doado importância pequena.

Cristiano:

- Ainda bem que eu estou contando com o seu consolo.

Cristino:

- É melhor a sua situação do que a de Carminha.

Cristiano:

- Que é que sua prima tem a ver com essa estória?

Cristino:

- Faz hoje dez dias que ela apanhou o meu exemplar de Subindo o Monte de cima do meu bureau. Disse-me que iria ler.

Cristiano:

- E você permitiu?

Cristino:

- Insisti muito em lhe dizer que não fizesse assim, pois estava desvirtuando o projeto Subindo o Monte.

Cristiano:

- E ela?

Cristino:

- Insistiu e levou consigo o livro. Sabe o que aconteceu hoje?

Cristiano:

- Diga. Eu preciso me aliviar.

Cristino:

- Ela chegou ao meu escritório toda desconfiada, arrependida. Disse que bebeu todo o conteúdo do livro e, no final, caiu em si da falta que cometera, inconscientemente.

Cristiano:

- Inconscientemente? Mas Carminha não é tão religiosa?

Cristino:

- É, sim, mas depois que leu o livro mudou radicalmente.

Cristiano:

- Ah, então, a minha situação é mil vezes melhor do que a de Carminha. Eu doei para ter o livro. Doação em importância pequena. Mas doei. Ela, porém, como se costuma dizer, "*pegou uma carona*" no seu exemplar, Cristino. Pensou que a coisa era brincadeira e *deu-com-a-cara-na-parede*. Mas estou com toda a disposição deste mundo para continuar o mergulho nas páginas do livro, para completar a grande lição que pode vir dele e do

projeto que é veículo único para a sua divulgação. Obrigado por me haver salvo de um tormento e... coitada da Carminha, não é mesmo?

Cristino:

- Calma, Cristiano. Fique tranquilo. Vá continuar a sua leitura e fique em paz com a sua consciência. Deixe que eu falo com Carminha, para ver se ela se recupera do terrível procedimento que ela adotou.

Cristiano (após breve momento de intensa reflexão): - Diante desse quadro que vivenciamos, podemos dizer que **chegamos lá**, então, amigo Cristino, ou seja, no ponto exato do melhor procedimento.

Cristino:

- Disso não tenha nenhuma dúvida, meu caro Cristiano. Só você mesmo, um homem tão dedicado àquilo que é perfeito, com essa sua mania e teimosia, não se demorou muito para alcançar o ponto nuclear do projeto, mesmo ainda não tendo terminado a leitura do livro.

- *Cristiano (sai, caminhando, passos firmes e, enquanto caminha)* - Coitada da Carminha! Coitada! Vou falar com ela também. E vou igualmente propalar aos quatro cantos do mundo, para que as pessoas doem para terem o livro Subindo o Monte.

.....

- E as-sim mes-mo a-con-te-ceu, pois não de-mo-rou mui-to tem-po, pa-ra que Cris-ti-a-no se li-vras-se de cul-pas e pas-sas-se a di-vul-gar a o-bra e o pro-je-

to Su-bin-do o Mon-te – este o arremate da pequena representação teatral, pela voz de pessoa não identificada, cujas palavras são pronunciadas em eco, enquanto a luz vai caindo em resistência e as cortinas se fecham)

FIM

41

RIO EU - NÃO O EGO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Desprendi-me...isso!, desprendi-me de mim mesmo, dos meus receios, da minha pouca capacidade financeira...

Reuni a coragem que eu não tinha e enfrentei o temor da crítica (*impiedosa*); cruel, até. Anunciei o lançamento de um livro e de um Projeto. Mas, depois da ousadia, o silêncio; o completo silêncio. Sem falar no silêncio do segmento escolhido para o “*prestígio*” da iniciativa...

Isso tudo, porém, não esmorece o autor; pelo contrário, torna-o convicto em seu mundo imaginado e criado e realizado e que se faz em segredo para os cegos; culpa, para tal cegueira, não lhe advém, mesmo que em parcela mínima.

O autor, na loucura da sabedoria de seu mundo, fica a rir dos homens, com o cuidado de não parecer a estes nem pretensioso, nem presunçoso. Sabe ele - e não sabem os homens - que a sua obra e o seu Projeto tanto mais se projeta em importância essencial, na medida em que se reserva aos que só com os olhos do espírito os podem enxergar. E estes são poucos, são raros, infelizmente.

Por isso, o autor prefere muitas vezes a mudez. Ele já tem a “*pedra de toque*”. Lançou o livro e o Projeto. Tudo muito bem alinhado, muito bem esquadrinhado. Se os homens não os veem, fazer o quê? Só lastimar, e carregar o sentimento da alegria e da felicidade que os nascidos puramente de mulher não podem alcançar.

Os nascidos do espírito são felizmente uma “representação” poderosa, mas poderosa continua sendo, ainda, a cegueira dos nascidos de carne, com sua capacidade envolvente de profundas ilusões. Só mesmo quando nascidos no espírito (*melhor dizendo, despertados no espírito, pois espírito não nasce e nem nunca morre*) é que traduzem a fortaleza mais poderosa do que aquela vivida e sentida em estado anestésico daquelas mais estúpidas ilusões; ilusões que lhes são imperceptíveis, porquanto mais e mais cegos se tornam por causa delas.

O meu ego, polício-o no quanto me é possível policiá-lo, todos os dias, para que não desanime da visão que tenho do real alimento que me fortalece em espírito - minhas obras escritas e o Projeto Subindo o Monte. Rio, por isso, dos homens; rio não propriamente enquanto sendo ele, homem-carne, pois não lhe iria permitir tamanha satisfação. Rio, isso sim, em espírito, porquanto, em estágio santo (*perdoem-me os homens a presunção, porquanto Deus, Misericordioso, assim me faz em sua infinita bondade*), se vê ele (*o espírito*) integrado, por amor e por razão, à própria e majestosa criadora de tudo e de todos - a Divindade, amorosa e racionalmente pronta em auto-humilhação para deixar que eu fosse, com ela, veículo de luz, nesse mundo de cegos.

Portanto, rio eu - não o ego.

42

**ENSAIO SOBRE A VERTENTE
RELIGIOSA DA VIOLÊNCIA**

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

1. Peça perdão a todos os *ouvidos que me ouvem* e a todos *os olhos que me veem*; é preciso, mesmo, que não se valha o homem-carne desses e de outros sentidos também, pois só o *homem-espírito* é que pode *ouvir sem ouvidos* e *ver sem olhos*, para admitir, pela sua pequenez de homem-carne, a verdade, segundo a qual o sofrimento, como veículo de violência, tem único e fundamental repouso na Divindade, isso de forma racional e amorosa, pois não pode ter sido por outros canais, senão *a razão* e o amor que fizeram com que ela se submetesse, humildemente, ao sofrer violento, consistente na existência em que ela se permitiu *no, ao e para* o mundo. Logo, é puro “*analfabetismo espiritual*” querer que o sofrimento, por meio da violência, ultrapasse a própria Divindade, pois sua “*irrealidade*” bendita não condiz com esse peso medonho para nenhuma de suas criaturas, muito menos o homem, a sua criatura por excelência. Somente ela é o receptáculo desse cruel cálice que ela não descartou para si, quando se dignou, humildemente, *ser*, quando se dignou *existir*. Ofensivo à Divindade é, pois, qualquer sentido de mais e mais sacrifício, de violência que se ponha em sentido reflexo sobre o homem-carne. Deste, pelo homem-espírito que é irrealidade tão perene quanto a Divindade, se há de esperar apenas e tão somente, nos estreitos limites do sofrimento da Divindade, que ele se poste em busca incessante em conhecê-la; em conhecê-la pela via da misericórdia, com “*eme*” minúsculo, atuando junto ao “*ombro*” de quem procura escorar o “*ombro*” de seu

semelhante, no contraponto da Misericórdia, com “eme” maiúsculo, da própria Divindade. Portanto, pratica inominável injustiça àquela que é criadora de tudo e de todos, quem, se pretendendo uma santidade, atrai para si mais e mais sofrimento traduzido em pura violência, sob o pretexto de purgar uma pena e tentar se justificar com a Divindade. Esta, em verdade, nada disso quer, na forma de querer que é exclusivo dela e que o homem-carne jamais lhe atingirá a totalidade de dimensão, por ser finito. Ela só quer mesmo do *homem-carne*, através do *homem-espírito*, que é o seu substrato de infinito, que ele se volte ao seu conhecimento (*dela Divindade*) mais profundo, nunca por meio daquele (*homem-carne*) e sim por meio deste (*homem-espírito*), e assim mesmo pela linguagem nada afeita aos veículos tão ligados ao homem-carne (*seus sentidos*), mas por meio de intuitivas respostas que ela tão bondosamente nunca lhe haverá de faltar. É violento, pois, todo o canal de tentativa de comunicação do homem com a Divindade, quando ele pretende trazer sobre si a violência de um sacrifício de sua vida, quando esse sacrifício, desde tempos remotos, foi por ela Divindade abominado, pois, no seu lugar, sempre preferiu a Misericórdia e o conhecimento que a intuição pode permitir ao homem-espírito (*vide cap. 6, v. 6 de Oseias e Mateus v. 13 do cap. 9*). Por isso, até mesmo na linguagem bíblica se veem assaltos praticados por aqueles que se julgam sábios e arrotam uma certeza sua, só sua, exclusiva de quem está falando: “*O Senhor é o meu pastor; nada me pode faltar...*”. Melhor, muito melhor do que essa abordagem seria a que se vê adiante: “*O Senhor é pastor; tudo faz para nada faltar. A todos permite repouso em pastos verdejantes, conduzindo-os às águas refrescantes que revigoram as forças da alma. Leva-os, por seu amor, por caminhos retos. Mesmo atravessando vale escuro, nada temem, pois o Senhor é com todos. Não anelam os homens, por isso, satisfações pessoais: a taça transbordante não é a taça deles, mas a do próprio Senhor; tampouco a mesa farta. Alegre fica, assim, o Senhor com as suas criaturas excelentes - os homens; veem-se todos mergulhados em misericórdia com os seus semelhantes, na mesma razão da*

Misericórdia do Senhor, e assim “vivem” a satisfação celestial, mesmo enquanto na terra ainda estejam vivendo.” Aqui, então, a puríssima consciência de uma integração do homem-espírito com a Divindade; naquela, outra forma de abordagem, mediante a cegueira do egoísmo de quem quer tudo para si, não certamente porque mergulhado na pernicioso violência do sacrifício de cruz, em sua origem, mas, muito pior ainda, como fruto de um homem tão pecador como Davi. Sim, Davi, tão íntimo da Divindade em seus Salmos, impossibilitado, porém, de se esconder de sua luta (*leal*) que tanto sangue custou aos seus contemporâneos para conquistar o poder. Digase, à guisa de exemplo de uma violência sem peias, nesse sentido, sobre os prepúcios arrancados dos inimigos mortos em batalha, como se pode constatar em 1Samuel Cap. 18, vs. 25 a 30: *Então disse Saul: Assim direis a Davi: O rei não deseja dote, senão cem prepúcios de filisteus, para que seja vingado dos seus inimigos. Porquanto Saul tentava fazer Davi cair pela mão dos filisteus; Tendo os servos de Saul anunciado estas palavras a Davi, pareceu bem aos seus olhos tornar-se genro do rei. Ora, ainda os dias não se haviam cumprido; quando Davi se levantou, partiu com os seus homens, e matou dentre os filisteus duzentos homens; e Davi trouxe os prepúcios deles, e os entregou, bem contados, ao rei, para que fosse seu genro. Então Saul lhe deu por mulher sua filha Mical; Mas quando Saul viu e compreendeu que o Senhor era com Davi e que todo o Israel o amava, temeu muito mais a Davi; e Saul se tornava cada vez mais seu inimigo; Então saíram os chefes dos filisteus à campanha; e sempre que eles saíam, Davi era mais bem sucedido do que todos os servos de Saul, pelo que o seu nome era mui estimado. Que tanto sangue para quem termina autor de Salmos, cheio de convicção da propriedade de um Deus, ao, egoisticamente, dizer: “O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.”*

2. Daí a conclusão de que está mal situado, lamentavelmente, todo o conjunto de abordagem do divino existente em todos os tempos, até o presente, porque baseado na violência que sinaliza a razão de sua existência, base cruel da qual deriva toda a sorte de violência em que os homens viveram e ainda vivem nos

dias atuais e nos futuros dias, se não houver a radical mudança; mudança em que se há de circunscrever a violência apenas e tão somente como limitada à Divindade, como violência suportada por ela de bom grado e que, certamente, tem um limite que é o da chegada dos tempos escatológicos. Mas o homem, erradamente, inverteu o papel e trouxe para cima de si essa violência, a pretexto de ser agradável à Divindade. Que cegos!

3. Como verdadeiro combate à violência de ontem, de hoje e do futuro que se prenuncia (*na forma em que se desenvolve a conduta da humanidade*), certo é que se proponha uma mudança radical. É preciso que o homem deixe de se alimentar da violência como rotina de todos os dias, qual seja a de arrastar para si uma violência que não deve ser sua, mas única e exclusivamente da Divindade. Esta jamais quereria, por ser amorosa, que a violência se transferisse para a sua criatura, muito menos para a sua criatura excelente - o homem. Na medida em que o homem age dessa maneira, inaugura a onda terrível de violência em que vive na sociedade que o congrega, pela força inevitável dessa violência; tanto que sem ela essa sociedade não subsistiria jamais. Veja-se mesmo como a sociedade de todos os tempos se alimenta da violência, via sofrimento. Aliás, diga-se que

Caim, o símbolo da fundação das cidades*, da formação de aglomerados humanos (*sociedades*), passou a ser alimentado por uma violência do seu sofrimento, pois deixou que este se lhe aninhasse em perniciososa dimensão, ante a não-absorção por aquela Divindade revelada em Gênesis de sua oferta livre de sacrifício de sangue - os frutos de sua labuta na terra. E cegou de raiva. Por isso investiu contra o seu irmão Abel, derramando por terra o seu sangue. Esse fato acontecido com Caim e com Abel, para ambos se há de enxergar a condição de vítimas; este por uma vida comprometida com a violência do sofrimento representado no animal que ofertou para o sacrifício; aquele porque, embora enxergando correta a via da não-violência, a via das mãos limpas dos frutos da terra, terminou vítima de uma divindade sequiosa de vingança, já que foi condenado a errar pela terra até fundar uma cidade (*Gênesis, 4, 12 e 4, 17*), convindo notar que o que ele fundou (*cidade, sociedade*) tem trazido, em si mesma, a marca de uma violência que explica sua força de manifestação, no curso do tempo. Tristemente, o caminho da civilização começou por aí, tendo Caim ao centro, simbolizando, entretanto, erroneamente, a violência pelo sofrimento, quando essa violência, pelo sofrimento, estava do lado de Abel, seu irmão. Tudo isso, aliás, por força de uma ainda tímida revelação divinal àquela altura da história

* *Gênesis, cap 4, v 17 e ss., comentário in Bíblia Sagrada, Edição Palavra Viva: Descendência de Caim. A Bíblia atribui a um homicida a fundação da primeira cidade, e a sua descendência a civilização própria do tempo em que o agiógrafo escrevia: civilização de cobre e do ferro, da espada e dos instrumentos músicos e um juízo desfavorável dos hebreus, nômades e pastores, contrários a civilização sedentária e urbana dos cananeus (Cf Jer 35,1-11; Os 2,16). Este último povo foi vendido pelos hebreus quando de sua ocupação da Palestina. Mas este mal é atual ainda hoje. As grandes cidades despersonalizam o homem, fazem dele um numero na massa e favorecem o crime, os bairros de lata... É preciso imaginação para defender o homem contra tais perigos.*

do levantamento do véu que escondia a Divindade do homem ou, como se queira, o homem da Divindade. E mesmo que tenha havido, em tempos mais adiantados do que aquele, a revelação de forma cabal, através do Homem de Nazaré, lamentavelmente, o homem, invertendo novamente as situações, ao invés de não admitir o sacrifício imposto criminosamente a ele na cruz, muito pelo contrário o mantém, até hoje, pregado no madeiro, com cravos, sendo pior ainda que essa manutenção ganhou dimensão de refinamento e brilho, pelo ouro em que se apresentam suas imagens. Que triste e horrendo espetáculo!

4. Vamos, pois, abolir a violência-causa e, com essa novel postura, deitar por terra toda e qualquer derivação desta violência em verdadeiras ondas de outras violências, que o homem perpetrou e vem perpetrando pela sua cobiça, pela sua inveja, pela sua gula, pelas suas mentiras, com tudo isso cometendo violência pelo sofrimento, a pretexto de assumir as dores da Divindade. Que grande mentira! Tudo isso, por causa da falta de conhecimento dela; conhecimento que se efetiva quando o homem, pelo seu homem-espírito, enxerga que tudo neste mundo é ilusão e desta ilusão se esvazia para se completar realmente do que representa maior valia - a Divindade. E essa melhor valia se opera no homem sem, entretanto, no seu tempo de vida na terra, querer desertar de suas responsabilidades, seja como filho, seja como pai, seja como marido, seja como bom comerciante, como bom servidor público, como bom ladrão (*sim, porque não?!, pois dele nos fala a Bíblia!*), enfim como aquele que sempre faz valer em si o seu “*ser-bom-interior*” que é infinito e eterno. Disso resulta enxergar no faminto, no sedento, no preso, no doente (*que ele também é, ou pode vir a ser*) a dimensão horizontal em que se há de lançar em crucial sentido de encontro na verticalidade de seus olhos, que não os de carne, na

visão da Divindade. Nessa visão e nessa realidade, é ofensivo à Divindade qualquer condimento a mais que aumente o sofrimento e a violência que ela se permitiu tão humildemente, como os representados pela cruz em que se colocou e continua colocado o filho de José e de Maria.

5. Não quero sacrifício (*violência*); quero, antes, o conhecimento acerca de mim e misericórdia - é mais ou menos assim que o Profeta Oseias (*Cap. 6. v. 6*) e o próprio homem que encarnou a própria Divindade (*Mt Cap. 13, v. 9*) tiveram alcançada a maior e mais poderosa e mais completa revelação que homem algum jamais poderá ter em outra maior dimensão, porque ninguém pode superar o Rabi da Galileia e aquele outro Profeta. Este, embora vendo sem vivenciá-la, face as limitações da própria condição de menor (*profeta menor*); aquele, além de vê-la, sendo, como o foi, o Mestre da convivência, em consciência, daquela “*convivialidade*” sentida e vivida em plenitude, pela grande expressão de ter alcançado o filho unigênito da Divindade. Foi assim, interagindo junto aos homens do seu tempo terrenal e continuando vivo para sempre pela força poderosa, que aquela união lhe propiciou e propiciará a qualquer de seus irmãos que vejam e vivam a dimensão que ele alcançou, evidentemente pelos seus olhos de homem-espírito, recaindo, inevitavelmente, na sua realidade de homem-carne durante todo o passar dos tempos que terão fim.

6. Obviamente, a Divindade tem suas “*portas*” abertas, escancaradas, melhor se pode dizer, para todo e qualquer ser da espécie hominal, pois é do seu querer que o homem faça levantar o véu da cegueira inocente para que possa não somente vê-la, mas também vivenciá-la no seu dia-a-dia de homem-carne, sem, com isso, incutir um menor sentido de utilidade pessoal, de

reserva do que possa parecer bom só e exclusivamente para ele, como veículo de uma salvação. Isso é puro egoísmo que não condiz com o amor e a razão com os quais a Divindade suportou a humildade para permitir a existência, inclusive como reflexo dela, como parte com a qual se deu a conhecer ao homem. É claro que o homem-espírito, hóspede do homem-carne, alcança a *revelação* do divino, mas, por conta da condição limitada deste, produz, como que, uma *velação* desse próprio divino que a bondade divina lhe permitiu. Deste modo, toda a *revelação* se posta, também, como uma *velação*, como produto da relação de quem, finito, procura interagir com quem Infinito é.

7. Então, sai, homem, desse maldito caminho (*o da violência*); esse caminho que é maldito para nós, mas foi suportado pela Divindade, humildemente. Sai e deixa que essa violência embutida no seu sacrifício (*que também há, naturalmente, de suportar*) não ganhe novos contornos de mais e mais violência, pois aquela que te criou já foi bastante clara no sentido de que a abomina, de que a rechaça como atitude e ato dos homens. Pois o que ela ressaltou sem nenhuma dúvida foi que ele se voltasse ao seu conhecimento; conhecimento profundo não através das tentativas até aqui feitas pela via do homem-carne: o homem-científico, o econômico, o homem... tanto tipo de homem que os pesquisadores, que os estudiosos procuram ditar pelo conhecimento decorrente de estudos deles. Esses conhecimentos, como se sabe, só se prestam, efetivamente, para uma melhoria de suas condições sociais, econômicas e, via de consequência, para melhorias de um viver em sociedade com mais conforto. Nada têm de valor infinito, para a Divindade, se não contar com a raiz do conhecimento que o homem-espírito possa ter dela mesma, diretamente; um conhecimento que não pode estar na escala do científico, pois a canalização feita para aquele

(*o da verdadeira espiritualidade*) não se processa pelos sentidos, nem pela memória, nem pela imaginação. O homem, pois, não há de descartar suas potencialidades científicas; pelo contrário, elas hão de ser aprimoradas sempre e cada vez mais, pois tendem a um esclarecimento melhor do panorama de sua existência - o mundo. E assim, nesse mundo, ele tem o conforto, ele tem a diminuição das distâncias, ele tem a comunicação tão eficaz que já está fazendo do mundo de hoje uma verdadeira aldeia global. Esse conforto todo o socorre como satisfação bitolada, passageira. Apenas aqueles tocados pela espiritualidade se frustram diante desse conforto, não os fazendo, entretanto, desertores que preferiram um viver isolado a pretexto de uma iluminação só para eles; muito pelo contrário, se fazem comprometidos com tudo e com todos, no dia-a-dia, esvaziados de pretensões por satisfações puramente pessoais. Na verdade, se doam, se entregam, como bons samaritanos, na construção que faz sorrir a Divindade. Só assim ela pode ver a sua criatura por excelência naquela trilha, não de sofrimento, mas de amor e de misericórdia. Foi neles, aliás, (*no amor e na Misericórdia*) que a Divindade se permitiu a existência, juntamente com esses seus filhos (*os homens*) que hão de ajudá-la a traspasar essa fase de sua ingloria neste mundo, até que tudo se transforme no nada do antes sempiterno e infinito, do seu "*misterium tremendum*". Isso é inalcançável ao homem-carne, mas é alcançável ao homem-espírito, efetivamente sem a violência e o sofrimento aos quais os homens de todos os tempos sempre teimaram em priorizar, lamentavelmente.

Por isso, sacrifício e sofrimento jamais; conhecimento da Divindade sempre!

8. Quão cansados estamos todos nós da violência; da violência não propriamente aquela que é "*natural*" e da essência da vontade da Divindade, em

sofrer ao criar o mundo. O cansaço, verdadeiramente, é o decorrente daquela violência com que nos defrontamos, todos os dias, como sendo aquela violência que se irradia daquela (*violência*) institucionalizada, existente onde jamais se poderia conceber como lugar em que ela se pudesse aninhar. Exatamente nesse lugar (*não preciso dizer o nome*) é onde se põem à sombra do sofrimento, primeiramente, os que, se julgando como “*bois que debulham e que não podem ter suas bocas atadas*”, apregoam incansavelmente mais violência, enquanto permanecem não somente na sombra, mas atolados na própria violência com que procuram justificar o símbolo de um credo e de uma religiosidade. Mais uma vez eu lanço mão do perdão para dizer que toda a sistemática de uma violência existente na sociedade advém e deriva, necessariamente, dessa postura de um poder que, ao invés de priorizar o poder cristocrático, faz como os espinhos da parábola que sufocam e não deixam que a semente do Nazareno se enraíze e prospere de verdade. É muito bom, é muito cômodo tomar alguém como símbolo, como arquétipo e fazer nele recair toda a violência, como assim assumindo o sacrifício que seria de todos os demais homens e mulheres. O sacrifício, nesse caso, verdadeiramente, não há de ser o de um só homem (*Jesus*), mas o sacrifício do filho unigênito da Divindade (*o Cristo*). Este sim - *pela bondade dela, não o criando, com ele co-existindo no tempo do mundo e muito antes, antes mesmo do princípio, no infinito e no eterno da dimensão misteriosa, e juntamente com ele sofrendo nesse tempo que um dia terá fim, tornando ambos à glória de sempre* - este sim, dizíamos, suporta o sacrifício! Pois exatamente ao contrário, se fez institucionalizar essa cômoda postura de alguém que me substitui e substitui a você, leitor, leitora, numa via de sofrimento. Esse sofrimento na verdade é natural e não deve nunca ser motivo de realce, mas sim de esquecimento, de aceitação, de submissão, sem contestação. Cabe, enfim, reconhecer que maior e

melhor do que isso é a forma de conhecer a Divindade pelo esvaziamento de si mesmo, de esvaziamento do homem, enquanto ser puramente egoísta. E assim com altruísmo enraizado no amor da Divindade poder-se-á alcançar a plenitude de seus mais profundos propósitos, ou seja, nos propósitos da Divindade, segundo os quais o homem deve ser arrastado e conduzido e seduzido pelo bem que deve e pode fazer, sem preocupações meritórias. Fazer, isso sim, aos que têm fome, aos que têm sede, aos que estão nus, aos que estão presos, aos que estão doentes. Aqui, então, a presença da verdadeira cruz, que não são aqueles dois pedaços de madeira que se entrecruzam, mas o sentido mais profundo de uma espiritualidade no aconchego com o poder divino, sem nenhuma nódoa sequer de sacrifício e de violência inventadas pelo homem; bastam, na verdade, aqueles aceitos e suportados, humildemente, pela própria Divindade!

9. Aná(s), Caifaz(s), Herode(s), Pilato(s) - todos e cada um desses nomes, sem exceção, são sugestivos de um sentido plural da diversidade do existir... (*Romanos, Cap. 7, v. 18*). Do outro lado (*lado?*), o Não-ser-essencial, a Divindade, una, em cuja destra se posta o filho unigênito - o Cristo. Essa mencionada destra não há de ser confundida com lado direito, pois a Divindade não o tem, ou seja, não tem lado; portanto, lado, *in casu*, se não é lado - como não pode ser mesmo - há de significar simplesmente **poder**: o unigênito se posta à destra da Divindade, isto é, se posta à mesma potestade dela...

Bem visto assim, a carne, que cada um de nós é, nesse Éden, que é o mundo desde o seu início até o agora, tem, em si, o elemento maligno (*o mundo jaz no maligno - Primeira Epístola de João, 5, 19*); quando não de um Aná(s), de um Caifaz(s); quando não de um Herode(s), de um Pilato(s). Cada um de nós, no mundo, representa ou mais propriamente é igual a esses malditos personagens.

Nós os encarnamos, inevitavelmente. E assim, enquanto Aná(s) ou Caifaz(s), temos sido a figura religiosa que encarna o sentido da constante tentativa da apreensão divina, pelo homem-carne, o qual, cioso de uma autoridade, estende seus tentáculos em direção de todos, num sentido eclesial, ou seja, de uma reunião poderosa de comunhão que sempre tem um mandante forte. Enquanto Herode(s) e Pilato(s), temos sido a figura do poder deste mundo, que esmaga pela arma da violência real em todas as suas terríveis formas: a forma da arma que mata nas guerras e daquelas que retiram a posse do semelhante, a contragosto, e que tem o nome impiedoso de imposto. É esta, pois, a diversidade que reina com perversidade natural de um mundo de caos.

Já na dimensão que nem dimensão chega a ser, eis que se faz presente a destra, que lado não é e nem lado representa: a Divindade e o unigênito - únicos verdadeiramente poderosos; o poder da Divindade e o poder do unigênito, radicalmente iguais.

Não se há como falar em existência em relação a ambos, mas, sim, em inexistência. E, em que pese inexistentes, por gesto inexplicável de uma humildade inexplicável deles, por puro e puríssimo amor, se permitiram existir nesta dimensão perversa em que estamos atolados no Éden deste mundo...

Eis, pois, o espectro da violência, com raiz no campo religioso e que descamba, inevitavelmente, no campo do mundo, de forma ainda mais cruel, porquanto real.

Ante tudo isso, infelizmente, se posta o homem incrementando mais violência, quando, pela melhor obediência à *“Divindade-sofrida-por-e-em-auto-humilhação-querida-e-desejada”*, deveria simplesmente procurar conhecê-la pela misericórdia - veja-se Oseias, cap. 6, v. 6. e Mateus, cap. 13, v. 9. Mas, pelo contrário, como o homem implantou, por seu livre arbítrio, o conhecimento do bem e do mal, pela desobediência,

vem permitindo, no curso do tempo, que a violência da serpente prevaleça (*isso apenas como puro engano de tolos*). No final dos tempos, a Divindade e o unigênito prevalecerão e, com eles, prevalecerão, também, os homens-espíritos integrados naquele gesto de amor e de humildade de ambos.

Enquanto isso, haja violência! Violência do Deus sequioso de sangue dos Aná(s), dos Caifaz(s), dos Herode(s) e dos Pilato(s), vitimando os Caim(s) e os Abel(s) e a eles próprios, também!

10. Mt. 11.12: “*E desde os dias de João, o Batista, até agora, o reino dos céus é tomado à força, e os violentos o tomam de assalto.*” * “*Tomam de assalto*” - é a expressão que encerra o versículo posto em destaque. Como se vê, é uma expressão utilizada na própria Bíblia. Bem verdade é que, em outras Bíblias que se pode consultar, o versículo em tela está assim redigido: “*Desde a época de João Batista até o presente, o reino dos céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam*” **. Ainda uma outra Bíblia: “*Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos Céus tem sido objecto de violência e os violentos apoderaram-se dele à força*”***. De uma forma ou de outra, está dito no livro sagrado essa verdade sobre uma tomada de assalto em torno do reino dos céus... e isso é inescandível.

João se achava preso, a mando de Herodes. E, ainda hoje, são poucos os “*joãos profetas*” e são tantos os

* Ver versão eletrônica da Bíblia denominada Auto Ajuda Através da Bíblia – versão pro 2000 (5.1) para Windows 95/98/ME.

** Ver Bíblia Novo Testamento tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Católico, 20ª edição preparada e revista pela Equipe Auxiliar da Editora – Edição Especial para M Gráfica-Editora Michalany S/A – rua Biobebas, 321 (Saúde) – São Paulo

*** Ver Bíblia Sagrada edição da palavra viva, traduzida das línguas originais com uso crítico de todas as fontes antigas pelos Missionários Capuchinhos - Lisboa

“herodes”. Sim, porque a Bíblia é um livro de muitos séculos e de alguns milênios, mas ele é atual; mais do que atual, porquanto ele se projeta para sempre, por falar palavras eternas e infinitas. Portanto, o assalto continua, inobstante o sacrifício criminoso “*eclipsante*” do sacrifício da entrega verdadeira, à qual se submeteu, em plenitude de razão e de amor, o Divino Mestre. A expressão “*De João Batista até agora*” significa, com o vocábulo “*agora*”, não o presente histórico de Jesus, mas o presente de sempre; aquele que é hoje e será em todos os amanhã.

Jesus falava sobre João, oportunidade em que disse que o reino dos céus até João era tomado por assalto. Mal sabia ele (*ou melhor, ele sabia, pelo lado cristico aflorado no seu humano divinizado*) que a joia preciosa do seu público ministério acabaria ficando a reboque do assalto que se terminou fazendo, realçando a lastimável condição a que ele foi conduzido, em sua morte numa cruz ao lado de ladrões, enquanto o serviço (*o viço do ser*) terminava sem o realce da verdadeira entrega feita por ele Nazareno.

Ah, homens, foi melhor assim, essa justificação egoística, qual seja a de outrem morrendo no meu lugar. No lugar dessa morte vicária, entretanto, eu acho que quem deve morrer são todos e cada um, sem exceção; **morrer na carne viva e continuar vivendo no serviço de fazer pelos outros sem olhar a quem**; isso sim!

Então, Jesus, que quis tudo diferente, não pôde, no seu tempo histórico, ver essa diferença implantada. Disse, naquele seu tempo, que o reino do céu era assaltado. E, depois de sua morte física, ocorrida quando já se encontrava morto para este mundo, acharam, em força institucional, de colocá-lo numa cruz, priorizando, pois, esse lado perverso dos homens. E ainda hoje se vem praticando o mesmo assalto por ele condenado, todos os dias, lamentavelmente.

Tire-se o Nazareno da cruz, o que se faz com a inversão necessária: primeiro, sobretudo, o serviço (*o viço do ser*); depois, o louvor, e que isso seja feito com missas ou cultos (*por que não?*), mas para lhe celebrar a memória, a lembrança e nunca para bastar como a justificação dos homens perante os céus!

11. Por isso, desse “*banho de sangue*” se livrem os homens espíritos, porquanto os homens carne não devam continuar mergulhados nesse triste cenário que foi escolha própria e que se tornou como “*selo-de-uma perpetuidade-dos-tempos-de-sua-existência*”. Com certeza, na medida em que o homem-espírito faça a opção pelo proceder do “*sem banho de sangue*”, isso refletirá, inevitavelmente, no homem-carne, pois assim é a promessa do Evangelho, segundo a qual todas as coisas boas lhe serão dadas como acréscimo; como acréscimo - bem se entenda - que sirva de apoio para que plante; e para que plante não para que somente ele mesmo venha a colher, mas para que outrem que tem fome, que tem sede, que está doente, que está nu, que está preso também possa participar dessa colheita; é que aquele acréscimo, que somente pode ser obtido por graça, também somente de graça há de ser dado.

E tudo isso - não esquecer jamais - “*sem banho de sangue*”.

APÊNDICE DE UM APÊNDICE

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Evangelho de João, Cap. 21*

Jesus aparece a alguns discípulos

1 Depois disto manifestou-se Jesus outra vez aos discípulos junto do mar de Tiberiades; e manifestou-se deste modo:

2 Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu, e outros dois dos seus discípulos.

3 Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Responderam-lhe: Nós também vamos contigo. Saíram e entraram no barco; e naquela noite nada apanharam.

4 Mas ao romper da manhã, Jesus se apresentou na praia; todavia os discípulos não sabiam que era ele.

5 Disse-lhes, pois, Jesus: Filhos, não tendes nada que comer? Responderam-lhe: Não.

6 Disse-lhes ele: Lançai a rede à direita do barco, e achareis.

* Na Bíblia Católica tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica), Gráfica-Editora Michalany S/A, pág. 221, consta, a respeito do Capítulo em tela, a seguinte nota ao versículo 31 do capítulo 20: **“Este versículo conclui todo o Evangelho de São João. O Capítulo 21 é um apêndice acrescentado, possivelmente por um de seus discípulos”**. Outra Bíblia, também Católica, da Editora Vozes, com o “imprima-se” de Sua Santidade, na página 1299, consta a seguinte nota a respeito do Apêndice, que é o Capítulo 21 do Evangelho em questão: **“Este apêndice é muito antigo pois consta em todos os manuscritos. Pode ter sido acrescentado por algum editor do evangelho.”**

Lançaram-na, pois, e já não a podiam puxar por causa da grande quantidade de peixes.

7 Então aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: Senhor. Quando, pois, Simão Pedro ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a túnica, porque estava despido, e lançou-se ao mar;

8 mas os outros discípulos vieram no barquinho, puxando a rede com os peixes, porque não estavam distantes da terra senão cerca de duzentos côvados.

9 Ora, ao saltarem em terra, viram ali brasas, e um peixe posto em cima delas, e pão.

10 Disse-lhes Jesus: Trazei alguns dos peixes que agora apanhastes.

11 Entrou Simão Pedro no barco e puxou a rede para terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, apesar de serem tantos, não se rompeu a rede.

12 Disse-lhes Jesus: Vinde, comei. Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? sabendo que era o Senhor.

13 Chegou Jesus, tomou o pão e deulho, e semelhantemente o peixe.

14 Foi esta a terceira vez que Jesus se manifestou aos seus discípulos, depois de ter ressurgido dentre os mortos.

JESUS INTERROGA PEDRO

15 Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? Respondeu-lhe: Sim, Senhor; tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta os meus cordeirinhos.

16 Tornou a perguntar-lhe: Simão, filho de João, amas-me? Respondeu-lhe: Sim, Senhor; tu sabes que te

amo. Disse-lhe: Pastoreia as minhas ovelhas.

17 Perguntou-lhe terceira vez: Simão, filho de João, amas-me? Entristeceu-se Pedro por lhe ter perguntado pela terceira vez: Amas-me? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas; tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas.

18 Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo, e andavas por onde querias; mas, quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queres.

19 Ora, isto ele disse, significando com que morte havia Pedro de glorificar a Deus. E, havendo dito isto, ordenou-lhe: Segue-me.

20 E Pedro, virando-se, viu que o seguia aquele discípulo a quem Jesus amava, o mesmo que na ceia se recostara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor, quem é o que te trai?

21 Ora, vendo Pedro a este, perguntou a Jesus: Senhor, e deste que será?

22 Respondeu-lhe Jesus: Se eu quiser que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso? Segue-me tu.

23 Divulgou-se, pois, entre os irmãos este dito, que aquele discípulo não havia de morrer. Jesus, porém, não disse que não morreria, mas: se eu quiser que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso?

Como é fácil perceber, o Evangelho de João é sempre apresentado e esquematizado em quatro partes, a saber: a **primeira** (*prólogo*), que vai, no Capítulo 1, do

versículo 1 ao versículo 18; a **segunda** (*Jesus manifesta sua missão e divindade em sua vida pública*), iniciada ainda no Capítulo 1, que vai do versículo 19 ao final do Capítulo 12; a **terceira** (*Jesus manifesta sua missão e divindade em sua paixão e ressurreição*), iniciada no Capítulo 13 e vai até o final do Capítulo 20 e, finalmente, a **quarta** (*apêndice*), todo o Capítulo 21, excetuados os versículos 24 e 25.

Precisamente no apêndice do referido Evangelho, o qual é posto em destaque no pórtico destas modestas considerações, se colocam dois aspectos deveras importantes: o primeiro, aquele em que Simão é proclamado pastor (*apascenta as minhas ovelhas*); o segundo, aquele em que, em clima misterioso, se trata sobre a sorte, o destino do discípulo amado, João. Tudo isso, aliás, em clima de uma epifania venturosa, à margem de um lago, o lago de Tiberíades, onde os discípulos Simão Pedro e Tomé, Natanael, de Cana da Galileia, e os filhos de Zebedeu e outros dois discípulos se encontravam. Foram ao barco, para pescarem, mas a noite toda nada conseguiram, até que, amanhecido o dia, voltaram à praia e Jesus ressuscitado lhes apareceu, sem eles o reconhecerem. Foi então que, à ordem do ressuscitado, lançando as redes à direita do barco, conseguiram uma multidão de peixes.

O autor deste apêndice do Evangelho de João, que pode muito bem ter sido um dos discípulos deste evangelista, traz, então, o mistério envolvendo o seu próprio mestre (João). É que nesse encontro do Mestre ressuscitado com os seus discípulos, após haverem comido pão e peixe, Jesus fez três perguntas sucessivas a Simão Pedro, mas sempre enfatizando a condição carnal dele: Simão, filho de João. Jesus, como espécie de tríplice protesto contra as três negações de Pedro, perguntou, por três vezes, primeiramente: “*Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?*” E, segunda vez: “*Simão, filho de João, amas-me?*” E, terceira vez: “*Simão, filho de João, amas-me?*” Ao que Simão respondeu, primeira vez: “*Sim,*

Senhor, tu sabes que te amo.” E respondeu, segunda vez: *“Sim, Senhor, tu sabes que te amo.”* Até que, na terceira vez da pergunta, ele Simão se entristeceu e respondeu: *“Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo.”* E, a cada resposta de Simão, Jesus proclamava, invariavelmente: *“Apascenta os meus cordeiros.”* Eis, pois, na visão do autor do apêndice em tela, a condição de *“Simão-carne”* como pastor, como, aliás, o *“Pedro-Espírito”* já houvera sido constituído por Jesus como a pedra sobre a qual seria edificada a Igreja (com *“i”* maiúsculo) dele Jesus. E o epílogo da lição do ressuscitado a Simão diz que ele Simão não olvidasse a sua condição de carne, pois esta, quando jovem, se pode cingir e andar para onde quer, mas, quando velha, não se pode cingir, pois outro é quem a cingirá e a levará onde ela não quer. Com isso, ele mostrou o tipo de morte com a qual ele Simão haveria de morrer, o que, naturalmente, só costuma ocorrer na plenitude do discernimento, tomada esta como a velhice. Mas, precisamente, de qual morte o ressuscitado falava? Da morte física? Bem certo é que não quis falar dessa morte, mas daquela em que se morre da ilusão deste mundo, desiludindo-se para viver em vida o despertar do espírito. Tanto que o *“Simão-carne”* da alegoria romanesca (*Quo vadis? - Aonde ides?*) difundida em livros e, depois, mais difundida ainda em filmografia, o fez retornar para junto dos seus irmãos, os cristãos de Roma, não no sentido de puramente morrer a morte física, com eles - epílogo tão previsível -, e sim não se distanciar das agruras do próximo. Já com relação a João, o autor do apêndice preferiu o mistério. Veja-se: Voltando-se Pedro, viu que o seguia aquele discípulo que Jesus amava (*aquele que estivera reclinado sobre o seu peito, durante a ceia, e lhe perguntara: Senhor, quem é que te há de trair?*). Vendo-o, Pedro perguntou a Jesus: *“Senhor, e este?”* *“Que será dele?”* Respondeu-lhe Jesus: *“Que te importa se eu quero que ele fique até que eu venha? Segue-me tu”*.

Realmente, a distinção é nítida. João é aquele que, depois, vem a escrever o Evangelho de forma mais profunda, como não fizeram os demais Evangelistas. É que ele alcançou a puríssima divindade do Galileu, enquanto Simão passou a representar, na carne, essa realidade espiritual do Galileu; tanto que teve a primazia de apascentar os cordeiros de Jesus, continuando, até hoje, através de tantos “*Simões*” que enxergam sobre si essa bendita condição, mediante a aclamação dos homens em pedra institucional e institucionalizada no curso dos tempos.

O apêndice ora em apreciação é, realmente, uma via maravilhosa para se ter a ideia da verdadeira espiritualidade, pois a mesma, pela lição do Mestre ressuscitado, não está tão somente nas ações do seu “*Discípulo-carne*”, mas também na do seu “*Discípulo-Espírito*”, o discípulo amado - João. É que, sendo verdade que “*in médio stat virtus*” (a verdade está no meio), assim a carne, que para nada aproveita, no céu, tem, contudo, o seu proveito na terra, durante a passagem de cada um de nós. Benditas essas palavras do ressuscitado: nem tão somente João, nem tão somente Pedro, mas tanto Pedro quanto João! Sim, o texto em apreciação nos dá a dimensão da verdade entre o que é mundo e o que é espírito. No episódio, à beira do mar de Tiberíades, se dá o chamado de Jesus ressuscitado a “*Simão-carne*”, nestes precisos termos: “*Segue-me tu*”. Não foi dito pelo ressuscitado: “*Vive-me*”. Este último imperativo, disse-o ele, ainda “*como vivo da vida*”, ao “*Pedro-Espírito*”, que está na dependência de cada “*Pedro-Espírito*”, que é o coração de cada homem e de cada mulher, em cujo redor estão as chaves para abri-lo, penetrá-lo e realizar a obra samaritana. O chamado a “*Simão-carne*” foi para que a sua realidade de mundo, de carne tomasse a direção de segui-lo, ou seja, de ir atrás dele, de substituí-lo, na obra de apascentar, que tem o sentido de doutrinar, ensinar, guiar, pastorear. Isso, pois, é o que o “*Simão-carne*”

haveria de fazer e vem fazendo ao longo dos tempos, na igreja instituída. É claro que esses “*Simões-carne*” não podem viver Jesus, o Cristo. Estes, só espiritualmente, na trajetória do divino traçado em João, podem vivenciar essa força poderosa, advinda do “*fenômeno*” pentecostal.

**Diz-lhes este livro, caro leitor,
prudentíssima leitora:**

*Quando, um dia, num momento, ainda
que seja um só momento, vocês, que
suas mãos me sustêm, tiverem o alcance
da minha essência, com certeza essas
suas mãos sentir-me-ão como uma
brasa viva e, logo, vocês cuidarão de me
repassar adiante, a outrem.*